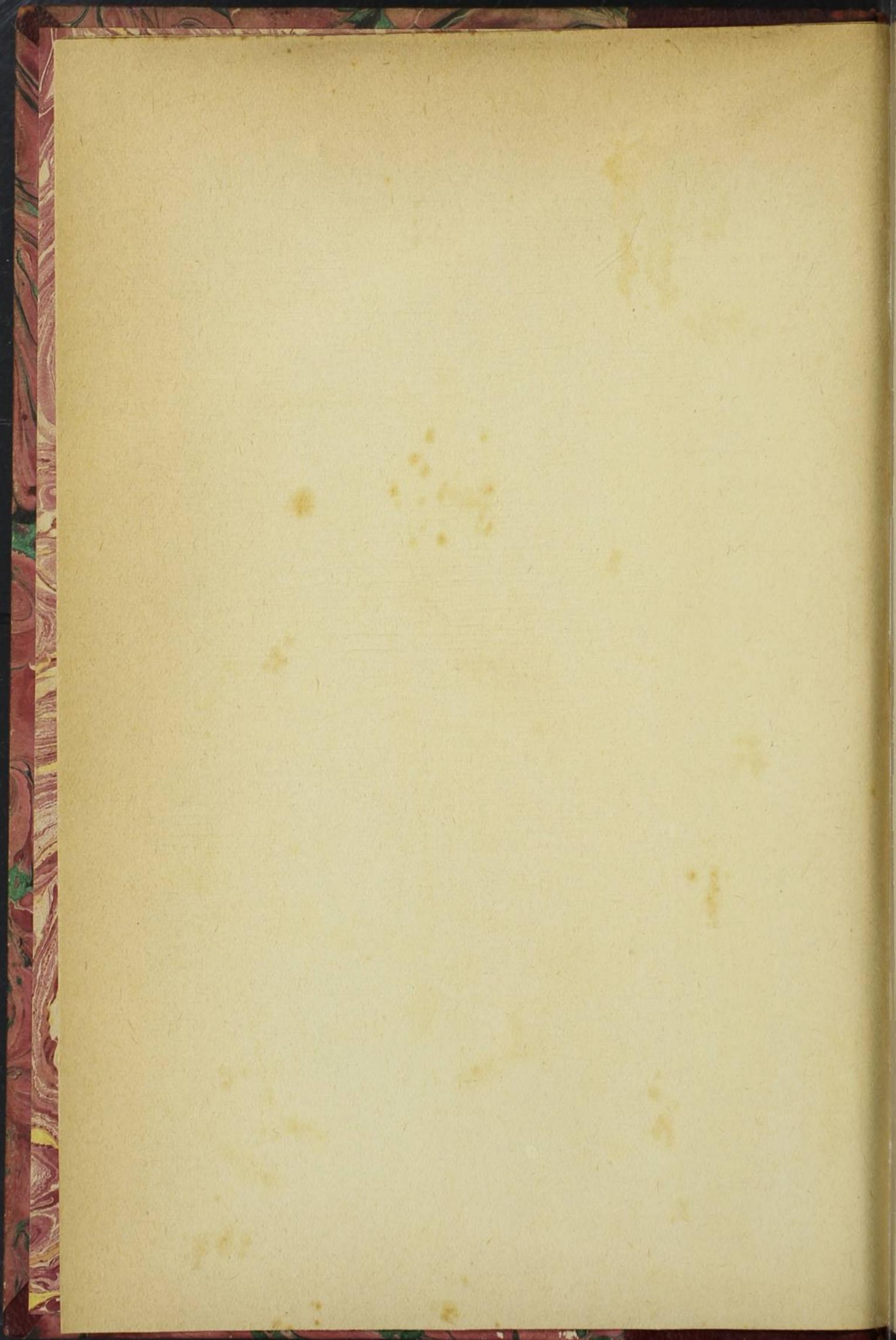
The background of the entire image is a traditional marbled paper pattern, often called 'stone' or 'shell' marbling. It features intricate, swirling, and cell-like patterns in shades of pink, red, and beige, with occasional flecks of yellow and black. The pattern is dense and organic, filling the entire frame. In the center, there is a white rectangular label with a thin black border. The text on the label is centered and reads: 'Le ne fay rien sans Gayeté (Montaigne, Des livres) Ex Libris José Mindlin'.

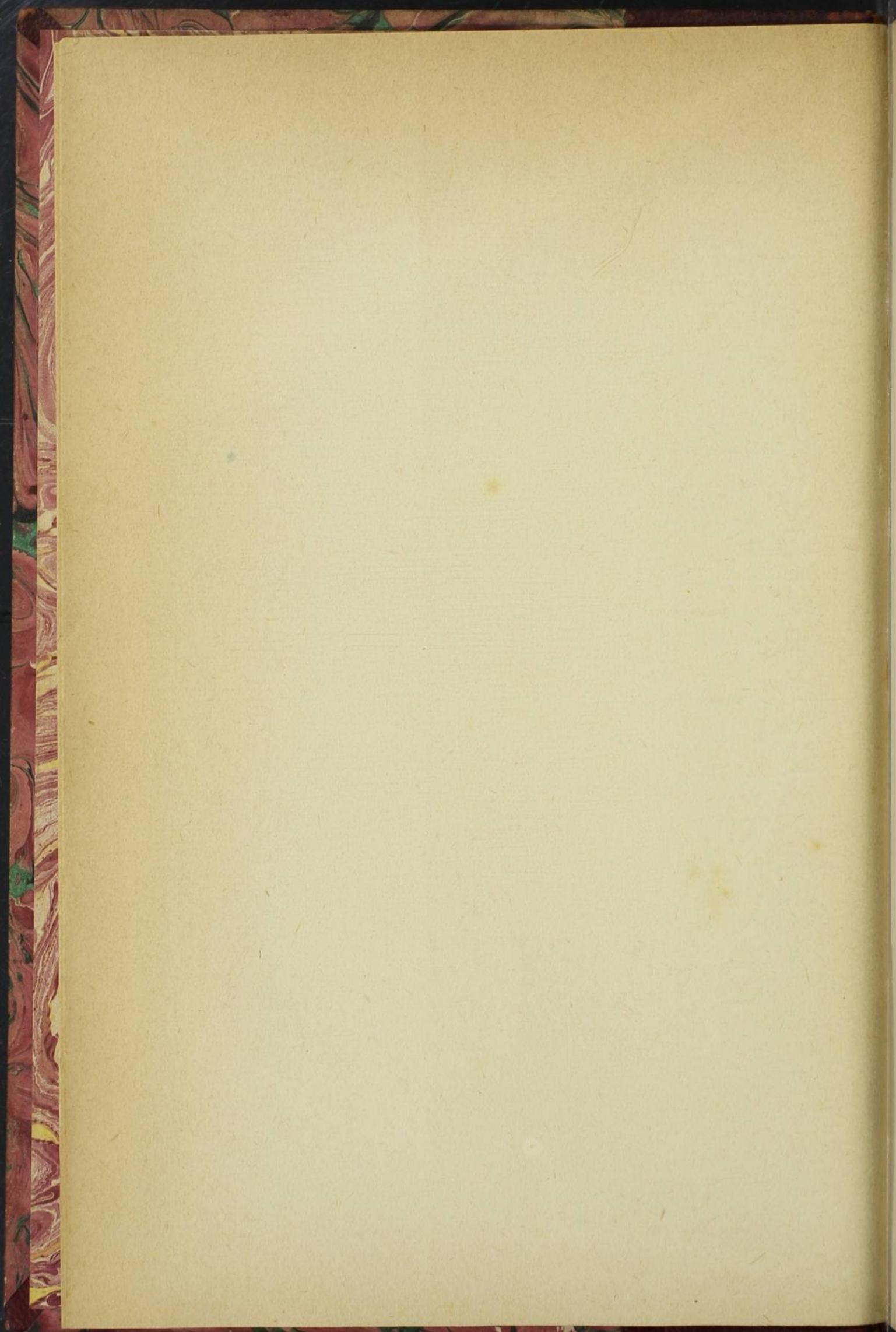
Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

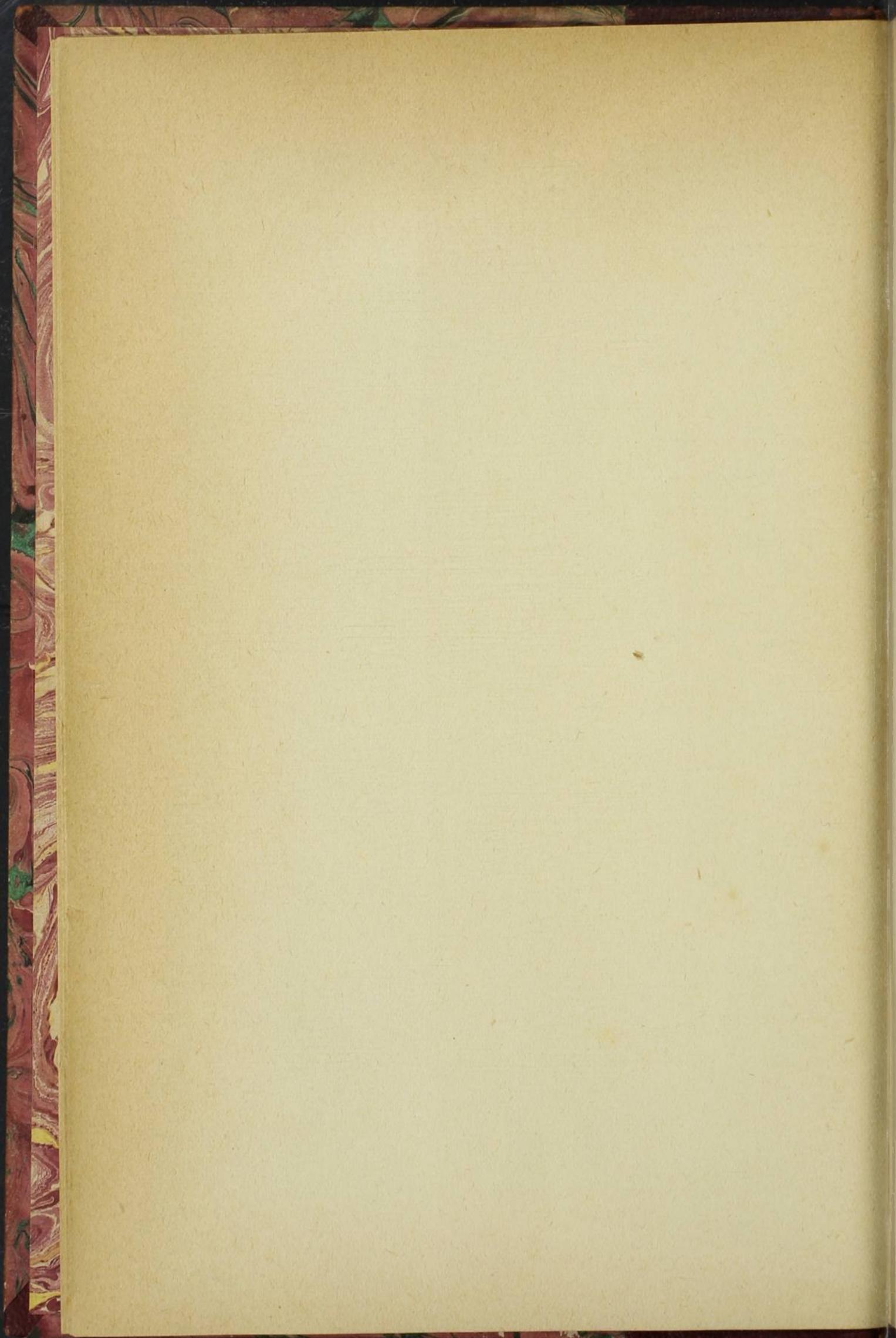
Ex Libris  
José Mindlin



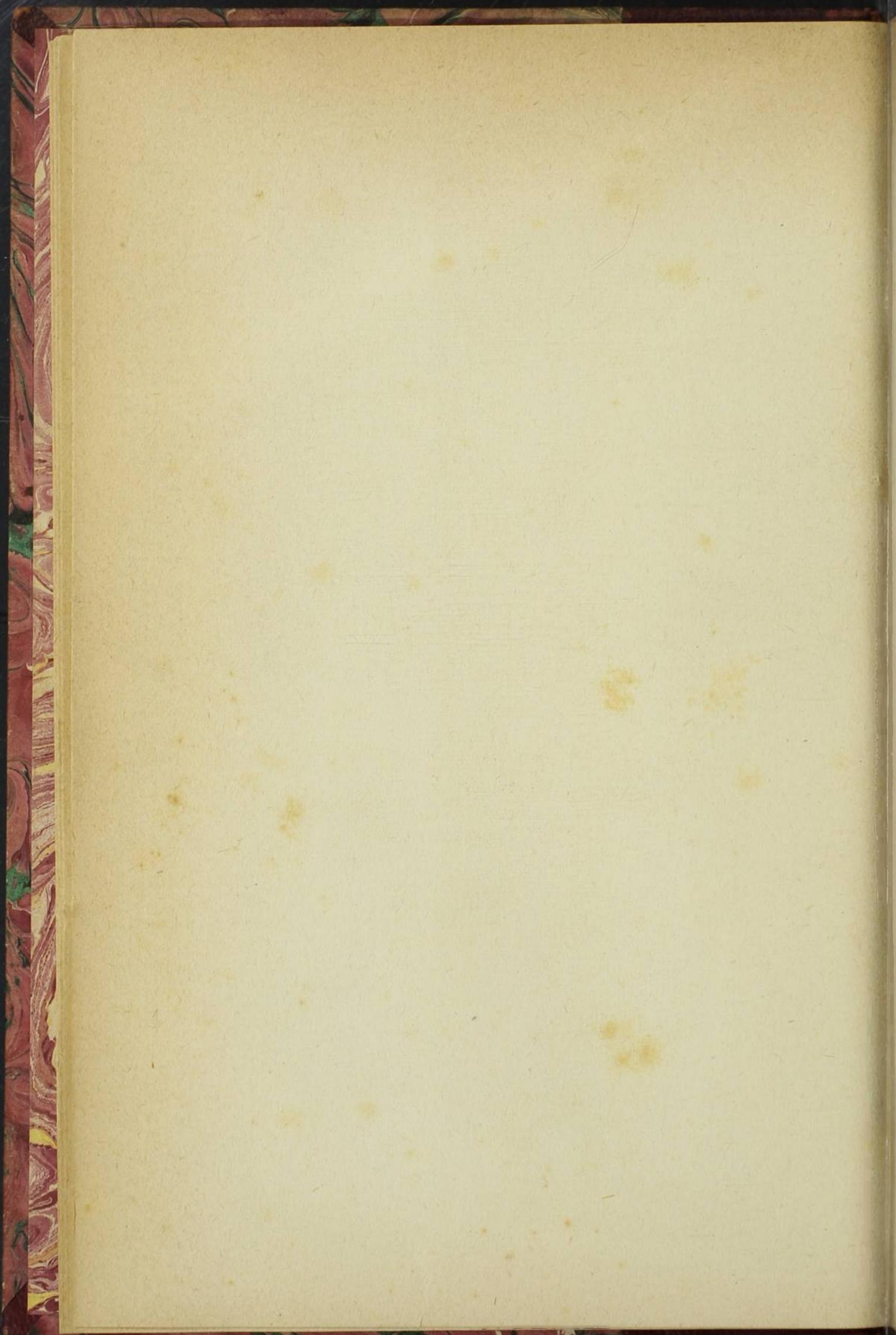












AUGUSTO DOS ANJOS

# ELU

(POESIAS COMPLETAS)

*Andrade Queiroz  
920*

---

PARAHYBA DO NORTE — 1920

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY OF THE DIVISION OF THE PHYSICAL SCIENCES  
525 EAST 58TH STREET  
CHICAGO, ILL. 60637

# Elogio de Augusto dos Anjos

*Oh! trabalho sagrado e magnifico dos poetas.  
Tu arrancas todas as coisas ao destino, tu dás  
immortalidade aos povos mortaes.*

**LUCANO**

A montanha escabrosa ergue-se ante mim; vacillo galga-la. O mêdo das alturas tira-me a fôrça do animo. A indecisão é debilidade. Para conquistar o homem contra Deus, basta a Satan a semente da duvida . . . Mas, a aspera collina luminosa tem que ser transposta, pois, assim, neste Dezembro, me ordenam dois amigos entrados na minha estima, (\*) e, vóz em grita, manda obedece-los o bem profundo devotado por meu coração ao bardo, que passou pela vida ferido de melancolia :

*Melancolia ! Estende-me a tua asa !  
E's a arvore em que devo reclinar-me . . .  
Se algum dia o prazer vier procurar-me  
Dize a este monstro que eu fugi de casa !*

---

(\*) Celso Mariz e Alvaro de Carvalho

Quando a morte nos arrebatou Augusto, no plenilunio dos seus vinte e nove annos, molharam-se-me os olhos das lagrimas mais sentidas desta vida e confrangeu-se-me o coração de desgosto. Se tanto choro caiu pelo mundo, quando Mistral se apagou, já carregado de noventa annos, porque não pranto, quando se rebenta uma lyra mal completada de mocidade? Embora ventura para toda especie de mortal, por ser a Morte as trevas dessa luz vehemente que se chama a vida, é uma crueldade a Parca mergulhar, tão de manhã, em peitos que se encheram de esperanças bem falantes, promettendo glorias á Patria.

A ronda fatidica devia conhecer um rythmo distincto para os valores espirituaes, que todos são symbolos de sua gente e de seu meio. Desgraçadamente o Destino ignora os danos que provoca com os seus decretos de cégo infeliz, e tão implacavel, que a mythologia faz delle divindade superior a Jupiter, o rei dos deuses.

Do fado amargurante de extinguir-se-lhe a respiração ainda na verdura dos annos, deixa o poeta transparecer o vaticinio nos lamentos de que encheu seus versos:

*Na ascensão barometrica da calma,  
Eu bem sabia, anciado e contrafeito,  
Que uma população doente do peito  
Tossia sem remedio na minha alma!*

A serpe desnaturada surgia-lhe sempre, como uma perseguição diabolica:

*Tenho allucinações de toda sorte . . .  
Impressionado sem cessar com a Morte.*

Logo que a espantosa noticia do fallecimento do vate

parabybano me bateu aos ouvidos, nas ancias de minha magua prestei juramento de pagar o quanto lhe devia de sensação, reunindo em volume, para riqueza e gloria das letras brasileiras, todas as suas producções. Eis que afinal líquido a sagrada divida, por via do bom comprehendimento do dr. Camillo de Hollanda, presidente do Estado. Lôas lhe sejam offerecidas por este acerto, documento de carinho aos frutos da intelligencia. Ai dos administradores que ostentam ou por desdita da ignorancia, ou por sobrançeria do orgulho, ou pela rudeza do genio, desprezo ás superiores manifestações do espirito... O tempo será por todos o vingador inexoravel, intrincando-lhes o caminho por onde se alcançam as benções da posteridade.

Foi magro o meu desventurado amigo, de magrem esqualida—faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violaceas e testa descalvada. Sua bocca—um córte macabro—fazia a catadura crescer de soffrimento, por contraste do olhar doente de tristura e nos labios uma crispação de demonio torturado. Nos momentos de investigações suas vistas transmudavam-se rapido, crescendo, interrogando, teimando. E quando as narinas se lhe dilatavam? Parecia-me vêr o violento accordar do anjo bom, indignado da victoria do anjo mau, sempre de si contente na fecunda terra de Jehovah. Os cabellos pretos e lisos apertavam-lhe o sombrio da epiderme trigueira. A clavícula, arqueada. No omoplata, o corpo estreito quebrava-se numa curva para deante. Os braços pendentos, movimentados pela dansa dos dedos, semelhavam duas rabecas tocando a allegoria dos seus versos. O andar tergiversante, nada aprumado, parecia reproduzir o esvoaçar das imagens que lhe agitavam o cerebro.

Essa physionomia, por onde erravam tons de catastrophe, traia-lhe a psychê. Realmente lhe era a alma uma agua profunda, onde, luminosas, se reflectiam as violêtas da magua.

Nascêra soffredor; e se tal não houvesse acontecido, impossivel fôra a Augusto librar-se tão ás alturas dos pin-caros. Só a dôr remove o homem do terra—á—terra esterilizante. E' a alegria aquelle opio que torna a alma descuidosa e cêga:—dynamo de repulsão e dispersão. Dez vezes infelizes os que passam pela vida espanejando-se na alacridade de perpetuo contentamento. São os esconjurados. Nunca comprehenderão a bellêza dos mysterios, nem o mysterio da bellêza. A unica fôrça creadôra e redemptora é a dôr. E de todos os seus partos o maior foi o da consciencia do homem. Não houvesse dôr, não haveria percepção. Se a consciencia é o sentimento intimo do «eu», só a dôr possui a faculdade de augmentar, aclarando, essa manifestação immediata e poderosa da sensibilidade, emquanto a alegria, no seu rodopiar eterno de farçante dansando ao som do pandeiro, a dispersa e annulla.

Foi sempre amparado por essa visão soffredôra que o poeta viu e sentiu a vida. Teve da dôr a comprehensão exacta e flagrante, sendo o seu coração, por ultra sensivel, uma fonte inesgotavel de afflicções, que elle nunca soube distrair ou enganar :

*E's suprema ! Os meus atomos se ufanam  
De pertencer-te, oh ! Dôr, ancoradouro  
Dos desgraçados, sol do cerebro, ouro  
De que as proprias desgraças se engalanam !*

Augusto entrou na vida pelo anno feliz de 1884 e della

foi violentamente arrancado no tetrico 1913. Faltou-lhe attingir o marco da existencia em que a creatura se apodera dos esplendores e riquezas de todas as suas aptidões mentaes.

São os quarenta annos o apogeu da humana intelligencia. Até ahi o encanto da flôr pode illudir o valôr do fruto. Antes de alcançar essa fronteira, de cuja ribança o homem deve debruçar-se nas aguas do rio que passa, todos são factiveis de alterações e mutações. Dahi por davante, haver-se-á de ser o que se haja sido. Dobrando a quina dos quarenta, o pensador se desapêga do engano das novidades, integrando-se no pensamento puro, o que, partindo do fundo dos sentimentos, vai á praça fiado apenas nos quilates do seu proprio ouro.

Por muito que de mim procure na memoria, não alcanço data mais velha á do anno de 1900, para o começo de minhas relações pessoaes com Augusto dos Anjos. Feriu-me de chôfre o seu typo excêntrico de passaro molhado, todo encolhido nas asas com medo da chuva.

Descia do *Pau d'Arco*, sombrio engenho de assucar plantado á varzea do rio Una, vindo prestar exame no Lyceu. O aspecto physionomico então alertado, e o desembaraço nas respostas ás perguntas, annunciavam a qualidade do estudante, cuja fama de preparo correu célere por todos os recantos do estabelecimento, ganhando fóros de cidade. Cada acto prestado valia por affirmação de talento, e de peito aberto louvôres se erguiam ao melancolico pai, unico professor que tivera no curso de humanidades.

Não soube resistir ao desejo de travar-me de relações com o poeta. Fui imperiosamente attrahido, como para um sitio encantado onde a vista se alerta por encontrar movi-

mento. E de tal fôrma nos acamaradámos, que, dias depois, lhe devia o exame de latim, desembaraçando-me de complicada traducção, numa ode de Horacio.

De certa feita bati-lhe ás portas, na rua Nova, onde costumava hospedar-se. Peguei-o a passear, gesticulando e monologando, de canto a canto da sala. Laborava, e tão enterrado nas cogitações, que só minutos após deu accôrdo de minha presença.

Foi-lhe sempre este o processo de criação, toda architectura e pintura dos versos as fazia mentalmente, só as transmittindo ao papel quando estavam integraes, e não raro começava os sonetos pelo ultimo terceto.

Sem nada pedir-lhe, recitou-me. Recorda-me, foram uns versos sobre o carnaval, que o batuque nas ruas annunciava proximo.

Declamando, sua vóz ganhava timbre especial, tornava-se metallica, tinindo e retinindo as syllabas. Havia mesmo transfiguração na sua pessoa. Ninguém diria melhor, quasi sem gesto. A vóz era tudo: possuia paixão, ternura, complacencia, enternecimento, poder descriptivo, movimento, côr, fôrma.

Dando de mim, estava pasmado, colhido pelo assombro inesperado de sua lyra que ora se retraía, ora se arqueava, ora se distendia, como um dôrso de animal felino.

Mais tarde, ouvindo no violoncello um concerto de Devorak, recebi impressão igual, de surpresa e dominio, á do meu primeiro encontro com os versos de Augusto.

---

A que escolas e filiou?—A nenhuma. Se o homem vale por seus sentimentos, com dobradas razões o poeta, dada sua maior riqueza de sensações. Isso de escolas é esquadria para mediocres. Só existe uma regra de escrita—a do

escritor apoderar-se de sua lingua e maneja-la de accordo com o seu individualissimo sentir. Se fôr um illuminado, fatalmente será grande, e, se lhe faltar a scintilla divina, pode explorar quantos processos ou confrarias appareçam e não passará de numero anodyno, no meio da turba-multa dos escrevinhadores. O paradoxo de Francis de Croisset, um *dandy* das letras, por espirituoso, não é menos verdadeiro: *une école c'est quelqu'un qui a du talent et beaucoup d'autres qui n'en ont pas.*

Ha modos de vercejar, nunca modos de poetar. O verso é o elemento material de que o espirital é a poesia, podendo haver, como ha, muito verso sem poesia e muita poesia sem verso. O verso propriamente dito não é arte, é artificio; a arte está contida no elemento subje-tivo, na alma da fórmula, que é a poesia. Não quero assim affirmar possa haver um verdadeiro poeta sem o verso. Nunca. O verso está para a poesia em maior exigencia que a pauta para a musica. Platão não foi um poeta, foi um prosador poetico, do mesmo modo Renan, embora muitas das suas phrases sejam dos melhores versos da poesia franceza.

—E o romantismo, que se distingue pelo sentimento e não por fórmulas ou regras, não foi uma escola?

—Absolutamente. São crises de aspecto geral de uma epoca. Aquella a que nos referimos se prende á doença de um tempo incapaz de responder pelos resultados da epopéa napoleonica, Dahi o desastre de 70. Nenhum romantico excedeu ao proprio sobrinho do Cesar retardatario, que, no começo do seculo passado, abalou o mundo, ensanguentando a Europa. A geração do chamado romantismo nasceu no periodo entre a hysteria da Revolução francêsa e as duvidas da quadra restauradora. O lyrismo romantico dos fins do seculo XIX, como já observou a critica, tem lá, nessa fonte, sua clara explicação.

Todo homem vibra por suas paixões. Se assim o homem em geral, pior o poeta em particular, creatura cujo sistema nervoso se denuncia pelo maior grau de percepção com que lhe dotou a natureza. A paixão é um accrescimento da alma, um augmento da fôrça da sensibilidade. Quando Montesquieu affirma que ella faz sentir e nunca vêr, ou toma a paixão pela explosão das paixões, ou esquece que é debaixo do seu imperio que se cream as fórmãs da arte e se apprehendem os segredos da vida. E tal só se consegue sentindo-se, vendo-se e comprehendendo-se.

Para ser suas paixões acima de mais nada, o poeta tem que sentir a vida, o amôr, os desejos, a fôrça, a vastidão, a piedade, a colera, o que sorri á flôr das aguas e o que brame no fundo dos oceanos, tudo que é bom ou tudo que é mau, o que rasteja ou o que se alcandora, a belleza attrahente e a repellente fealdade, dentro de si mesmo, do seu temperamento trasbordante, no mundo de sua visão. Afastando-se do «eu» para trabalhar conforme medida, pôde conseguir talho pimpão, mas sacrificando-se na individualidade e immolando a lyra. O que ha, sempre houve e haverá é um gigante gravando a physionomia nas medalhas que cinzela. A grandeza é uma decorrença intima e sonora da propria personalidade.

Se o formoso e triste passaro do amôr, baptisado de Alfredo de Musset, cedesse á rogativa de Lamartine para o imitar, não teria attingido ao poder de graça e seducção, com que ainda hoje, dormindo á sombra do seu merencorio salgueiro, no *Pére Lachaise*, conquista o exaltado coração dos jovens e o beijo doido das Ninons.

Timbrasse, por seu turno, o dorido créadôr das *Prémières Méditations*, em ser Byron, por quem se arrebatou de enthusiasmo, não teria feito o coração da França, con-

forme o dito seductor de Julio Janin, bater duplamente, em nome de Deus e em nome de Elvira.

Se Beaudelaire, o diabo de corno e cauda, que importunou uma geração, houvesse seguido as pégadas de outrem, podiam se achar valores, mas não pepitas dentro de sua estrumeira.

No chamado parnasianismo, perfeito só é Leconte de Lisle, cujos versos lhe reflectiam a plastica do physico. Não escrevia de penna, trabalhava de martello e escopro em punho, arrancando das palavras todo o rythmo escondido.

Querendo Mallarmé logar distincto ao só, teve de appellar para os symbolos, como lhe exigia a musa enigmatica. Dest'arte o excellente Verlaine, o maior dos contrastes nunca visto—alma de violencias inopinadas, escrevendo poesia com o fino e seductor desenho de Girodet e a musica extremamente pura, subtilmente mystica, nada melodica, de Vincent d'Indy.

E a escola crysmada de scientifica? Pergunto assim por muito suppor ter-lhe sido o nome de baptismo o de philosophica. Pelo menos, quanto me é dado saber, os criticos que até o seculo passado exploraram o *Poema da Natureza*, sempre trataram Lucrecio de poeta philosophico. Ainda depois disso, o saboroso Anatole, registando a morte da miudinha Luisa Akermann, houve por acertado tambem assim chamar-lhe. Seria devido aos *Poemas philosophicos*?

Ignoro se os commentadores embaralham os dois termos, por mais clara seja a dissimilitude. A philosophia é o espirito da sciencia, emquanto a sciencia é a exploração da factio em si.

Para mim, nunca houve poeta scientifico ou philosophico, porque ainda se me não depararam sciencia ou philosophia poeticas. O que sempre existiu foram poetas commovendo-se em face dos phenomenos da natureza, das leis

regedoras da vida e do mundo, como outros se arrebatam deante dos quadros de amôr, exaltam-se pela belleza, quédam-se na contemplação, e vivem do idéal.

A admittir-se a existencia da escola scientifica ou didactica, como querem terceiros, então toda a poesia tem sido scientifica, dado serem os poêmas verdadeiras lições de cathedra, explicando, reproduzindo, explorando acontecimentos historicos e tudo que se observa na terra, no ar e no céu. Isso desde Homero, o cêgo, ao cêgo Milton, passando pelo cêgo Camões, sem esquecer Dante—Torquemada a quem, afflicto de amôr, se beijam os pés, não lhe obstante o perfil sinistro de ave de rapina.

Porque scientifico Lucrecio com o *Poema da Natureza* e não Ovidio com as *Metamorphoses*? E Shakespeare, o creador de mundos? E Goethe? E esse, de ontem, Sully Prudhomme, se não Hercules capaz de alcançar a corça dos pés de bronze, mas realmente poeta absorvido com o sentimento da felicidade e da justiça humana?

O que existe por todos os seculos além é a poesia, espiritualidade das coisas, e o poeta, interprete dessa espiritualidade, por via, obra e graça de maior poder sensorial que os demais humanos. E tanto é poeta o que parte do real para se mergulhar no idéal, como o que desce do ideal para sentir o real. Nesta ascensão ou nesta descensão, cada um tem o seu colorido, a sua musica, a sua fórmula, sua personalidade tocada de luz.

O titulo do livro vale por uma auto-psychologia. E' um monosyllabo que fala. Este aqui, então, diz tudo, pintando de pincel a alma e o physico do auctor. O *Eu* é Augusto, sua carne, seu sangue, seu sopro de vida. E' elle integralmente, no desnudo gritante de sua sinceridade, no

clamôr de suas vibrações nervosas, na apothese de seu sentir, nos alentos e desalentos de seu espirito.

Analysem-se-lhe as poesias, e em todas, como numa lamina de aço polido, encontrarão espelhada a imagem do tragico poeta. Aquella amargura dos primeiros versos é a sua propria e singular amargura. Não fémentia aos sentimentos e esta é a capital condição de valia de seus carmes. Quanto piores e annuviados os tempos, quanto mais de borrascas as horas, reduplica-se o valor da sinceridade. Foi um extraordinario sincero, um destes de bôa estôfa, para os quaes a mentira não offerece gôsto, só desgôstos.

No *Monologro de uma sombra*, não treme, como parece, nenhuma acrimonia, sim angustias; isto porque tudo lhe resabia amargôr. Imagine-se o tormento cruciante de um fantasma apoderado de horror pelos outros fantasmas. Tal por tal, é a poesia de abertura. Trinta e uma estrophes trovejando vinganças e provando, *pelas grandes razões do sentimento, que a mais alta expressão da dôr esthética consiste essencialmente na alegria*. A torturada sombra que fala, vem :

. . . de outras éras,

*Do cosmopolitismo das monéras . . .*

e todas as demais são de supplicio, despertando piedade ou inflammando repulsas, a primeira entre as quaes, a do philosopho moderno,

*Esse mineiro doudo das origens,*

que ambiciona comprehender,

. . . quebrando estereis normas,  
*A vida phenomenica das Formas.*

Depois surge novo espectro :

*Este outro agóra é o satyro peralta  
Que o sensualismo sodomista exalta.*

A amarissima vida desse lezaro, como um escorpião,  
passa, torcendo-se, pela excitada penna do bardo que lhe  
encontra na consciencia *um cancro assiduo*

*E tres manchas de sangue na camisa !*

Toda a poesia do *Monologo* é um quadro mesologico,  
onde cada ser se movimenta dentro do seu ambiente :

*. . . choreographia de damnados,  
A familia alarmada dos remorsos.*

Por fim de contas, na vibração de um protesto, fala  
a sombra do poeta, clamando :

*Sómente a Arte, esculpindo a humana magua,  
Abranda as rochas rigidias, torna agua  
Todo o fôgo tellurico profundo  
E reduz, sem que, entanto, a desintégre,  
A' condição de uma planice alegre,  
A asperesa orographica do mundo.*

---

Augusto foi um penitente dos livros, devorando-lhes  
as explanações com a soffreguidão de fome. Darwin,  
Hæckel, Spencer mereceram-lhe primazia, e por elles se

orientou, sem, contudo, deixar-se subjugar, exhibindo sempre, como um pavês de honra, os dons da liberdade de seu raciocínio. Nunca se despojou das faculdades de meditação e analyse. Sua razão era uma soberana de vastos foraes, austera e altiva.

Os exploradores de mundos, com as illustrações de seus descobrimentos, enriqueciam-no, desdobrando-lhe o saber, mas, como a todo espirito autonomo, não lhe ensinavam a sentir. Foi-lhe mestra, neste particular, sua propria percepção, dom divinatório herdado a certos homens pelo berço, para lhes garantir a independencia, quando assaltados por guerrilheiros de idéas.

Os livros tambem lhe serviam de refrigerio:

*Para illudir minha desgraça, estudo.  
Intimamente sei que não me illudo.*

Repellindo as frioleiras, que encantam e seduzem, Augusto ergueu-se ás grimpas do pensamento humano, e de lá desferiu vôo, galgando culminancias inaccessiveis ao commum dos mortaes.

Servido por uma comprehensão philosophica, que se assentava no principio da evolução, transformismo e determinismo, para a regencia do mundo, e na crença de reunirem as cinzas todas as fórmulas da materia gasta, só cabendo ao homem a continuidade emocional através da progenie, o poeta consubstanciou nella todos os seus prodigiosos versos. Servem de documento os que dedicou a um germen:

*Começaste a existir, geléa crua,  
E has de crescer, no teu silencio, tanto  
Que, é natural, ainda algum dia, o pranto  
Das tuas concreções plásmicas flua !*

*A agua, em conjugação com a terra nua,  
Vence o granito, deprimindo-o . . . O espanto  
Convulsiona os espiritos, e, entanto,  
Teu desenvolvimento continúa !*

*Antes, geléa humana, não progridas  
E em retrogradações indefinidas,  
Volvas á antiga inexistencia calma ! . . .*

*Antes o Nada, oh ! germen, que ainda haveres  
De attingir, como germen de outros sêres,  
Ao supremo infortunio de ser alma !*

Certo, no pessimismo está a verdade verdadeira, a verdade inclemente. Mas, só um espirito creado no leite do budhismo e alimentado pelo schopenhauerismo, seria capaz de soltar grito tão desesperante. Na retina do poeta é o preto a côr predominadôra, não devendo as matizes passar do meio-tom violaceo. A vida, na affligente esterilidade de suas energias, não lhe merece ser vivida. Tudo é negação. A felicidade reside no Nirvana, na Paz Absoluta, no Não Ser, no Nada, e tal é a convicção aterradora do poeta que chega a supplicar á geléa,—fôrma inacabada, primeira animação da materia,—que não progrida, que não passe do seu silencio de geléa, que fique na inexistencia tranquilla para evitar o infortunio, a desgraça das desgraças, a desgraça de vir a ser alma.

Leopardi, beija aqui a face do teu irmão mais moço ! Queres ver com que fôrça de visão elle percebeu a magua eterna do homem, aquella magua que tanta te cruciou na vida ? Olha :

*O homem por sobre quem cahiu a praga  
Da tristeza do mundo, o homem que é triste  
Para todos os seculos existe  
E nunca mais o seu pesar se apaga !*

*Não crê em nada, pois, nada ha que traga  
 Consolo á Magua, a que só elle assiste.  
 Quer resistir, e quanto mais resiste  
 Mais se lhe augmenta e se lhe afunda a chaga.*

*Sabe que soffre, mas o que não sabe  
 E' que essa magua infinda assim, não cabe  
 Na sua vida, é que essa magua infinda*

*Transpõe a vida do seu corpo inerme;  
 E quando esse homem se transforma em verme  
 E' essa magua que o acompanha ainda!*

Coisa alguma de Anthero de Quental apaga o brilho dessa gemma. Digo maravilha perturbado de espanto pela percepção do poeta.

A magua é a unica doença moral do homem, e o vate, com o ultra-violeta do seu poder visual, alcançou que, mesmo no tumulto, não ha libertação:

*E quando esse homem se transforma em verme  
 E' essa magua que o acompanha ainda!*

Pascal, aquêlle possesso do demonio com rutilancias de genio, tambem dictou leis para modos de escrever:—  
*Il faut avoir une pensée de derrière et juger de tout par là, en parlant cependant comme le peuple.*

Quanto ao pensamento preconcebido, comprehende-se como a propria razão de ser do trabalho em elaboração, embóra soffra mudanças radicaes. O sub-consciente, não raro, presta ao escritor maiores serviços que o proprio consciente. Para sua escripta e linguagem, porem, o artista só se utiliza das tintas de sua paixão, ou nunca será poeta.

Augusto o foi, porque obedeceu exclusivamente ao temperamento que lhe coube por dadiua. Se da primeira para a segunda parte do livro ha modificações, devem-se apenas á marcha ascencional do seu espirito.

Com o *Lamento das coisas*, attingiu á perfeição. É um soneto formidavel, dos maiores da lingua portugêsa; grande pela idéa predominante, grande pela verdade scientifica, grande pelo sentimento doloroso, grande pela estrutura. Exaggêro? Leiam comigo:

*Triste, a escutar, pancada por pancada,  
A successividade dos segundos,  
Ouço, em sons subterraneos, do orbe oriundos,  
O chôro da Energia abandonada !*

*É a dôr da força desaproveitada  
— O cantochão dos dynamos profundos,  
Que, podendo mover milhões de mundos,  
Jazem ainda na estática do nada !*

*E' o soluço da fôrma ainda imprecisa ...  
Da transcendencia que se não realiza ...  
Da luz que não chegou a ser lampejo ...*

*E é, em summa, o subconsciente ai formidando  
Da Natureza que parou, chorando,  
No rudimentarismo do desejo !*

Augusto dispunha de um poder de penetração quasi enigmatico. Não era o trivial psychologo das mexericadas humanas. Jamais ! Penetrava na alma da Natureza como na de uma creatura intima de quem se conhecem os refólhos. Vejam aqui o soneto dedicado a Farias Brito:

*Cansada de observar-se na corrente  
Que os acontecimentos reflectia,  
Reconcentrando-se em si mesma, um dia,  
A Natureza olhou-se interiormente!*

*Baldada introspecção! Noumenalmente  
O que Ella, em realidade, ainda sentia  
Era a mesma immortal monotonia  
De sua face externa indifferente!*

*E a Natureza disse com desgosto:*

- « Terei sómente, porventura, rosto ? !  
« Serei apenas mera crusta espêssa ? !  
« Pois é possível que Eu, causa do mundo,  
« Quanto mais em mim mesmo me aprofundo  
« Menos interiormente me conheça ? ! »

As excentricidades dos accordes lugubres de seu plectro levaram cultores de bellas letras a incrimina-lo de extravagante, como se o caso do seu afastamento das normas vezeiras no Brasil, o incompatibilisasse com a bôa razão da poesia.

Lá isso nunca ! Mesmo quando a lyra parece delirar, solta por mundos da imaginação, não ha nas toadas a menor incoherencia. Todas se entretecem de maneira que a urdidura das proposições forma verdadeiro corollario de idéas.

Está ahi á mostra o *Poema Negro* entresachado de allucinações, e sem a mais leve desconnexidade.

Nelle o poeta sonha, não é sonho, é pesadello que o põe assombrado com a passagem velocissima dos seculos. No meio da vertigem, elle quer saber quem é, para onde

vai, e, dentro da angustia, torce os braços, vendo o verme frio, que lhe ha de comer a carne toda :

*É a Morte—esta carnívora assanhada—  
Serpente má de lingua envenenada  
Que tudo que acha no caminho, come...  
—Faminta e atra mulher que, a 1 de Janeiro,  
Sae para assassinar o mundo inteiro,  
E o mundo inteiro não lhe mata a fome!*

Nesta sombria analyse o vate reconhece a propria sina, e torna a desvairar. Agora a morte enfurecida lhe levanta os grandes cutellos exterminadores :

*E quando vi que aquillo vinha vindo  
Eu fui cahindo como um sol cahindo  
De declinio em declinio; e de declinio  
Em declinio, com a gula de uma fera,  
Quiz ver o que era, e quando vi o que era,  
Vi que era pó, vi que era esterquilinio!*

Depois impreca á Natureza, madrasta, e não mãe. Clama vingança contra a semeadora terrível de defuntos que matou o seu tempo de creança. Subito, outra visão negra lhe apparece:—Está em Roma, num dia de sexta-feira santa e os ventos gemedores dizem que Jesus é morto. O poeta, ungido de religiosidade, no atavismo de um arroubo mystico, brada:

*Não! Jesus não morreu! Vive na serra  
Da Borburema, no ar de minha terra,  
Na molécula e no atomo... Resume  
A espiritualidade da materia  
E elle é que embala o corpo da miseria  
E faz da cloaca uma urna de perfume.*

Na agonia da suffocação desperta e vê, com amargura, o vazio de sua vida.

Tremenda iniquidade de Augusto comsigo mesmo! Nunca a existencia de um poeta será vazia, pois, dos atilhos que prendem o homem á terra, nenhum sobreleva aos da arte tal a força dos seus enthusiasmos, doçuras e coleras.

Accusam-no de pobreza de sentimento, tomando-se esta sensação pela maneira terna, suave, docemente colorida de se expressarem as paixões da alma, quando elle mais não é que a alma excitada na paixão da verdade.

Mesmo que assim fôra, como muitos assim querem, ha versos de Augusto tão impregnados de lyrismo que o defendem da accusação.

Os dois primeiros sonetos dos tres dedicados ao Pai são de profunda ternura; *Ricordanza della mia gioventú* é de um encanto e sentimentalismo quasi ingenuos; na *Barcarola* ha o langor dos cancioneiros de Veneza e do Bosphoro; as *Duas Estrophes* são puro João de Deus, a cuja enternecedora memoria elle lhas dedica :

*A queda do teu lyrico arrabil  
De um sentimento portugûês ignoto  
Lembra Lisbôa, bella como um brinco,  
Que um dia, no anno tragico de mil  
E setecentos e cincoenta e cinco,  
Foi abalada por um terramoto !*

*A agua quieta do Tejo te abençôa.  
Tu representas toda essa Lisbôa  
De glorias quasi sobrenaturaes,*

*Apenas com a differença triste,  
Com a differença que Lisbôa existe  
E tu, amigo, não existes mais !*

Na poesia de Augusto nota-se a ausencia de uma clave:—a do amôr com os seus sustentidos e tremolos. Nas córdas do seu alaúde nunca estremeceu o som da volupia :

*"Poète, prends ton luth, et me donne un baiser"*

Nada de encantos de dama entreflorindo-lhe os versos. O amôr, seiva e fronde da vida, não lhe tirou uma lagrima, nem no peito lhe fez bater contentamentos. Tal caso não é, verdade maldita ! singularidade no paiz. Nos proprios poetas do amôr, haja vista o magnifico Bilac, cujo sensualismo febril vai á lascivia, as mulheres passam como sêres imaginarios. As heroínas mil vezes decantadas e suspiradas, não existiam, nem existem. São exuberancias da gloriosa imaginação dos vates. Duendes cobertos de rosas. Procurem a influencia feminina neste ou naquêlle artista, debalde o esforço ! De Gonzaga a B. Lopes, ha uma Marilia e uma Sinhá, niveladas na mesma semsaboria, indo por além da velhice tocar na decrepitude. Ai damas do meu Brasil ! *Et perdez vous encor le temps avec des femmes ?* Corneille admiravel ! Quanto a Augusto, fale elle mesmo :

*Sobre historias de amôr o interrogar-me  
E' vão, é inutil, é improficuo, em summa;  
Não sou capaz de amar mulher alguma  
Nem ha mulher talvez capaz de amar-me.*

A derradeira scintillação do poeta, foi o soneto da ul-

tima pagina. Já a morte, a olhos de todos, entrára-lhe no quarto, distendendo sobre o leito as asas encurvadas. De mansinho, calçando velludo, surge-lhe a inspiração para lhe beijar a fronte. A diva extremece por aquelle moribundo e não quer vê-lo partir sósinho :

*Hóra da minha morte. Hirta, ao meu lado,  
A Idéa estertorava-se . . . No fundo  
Do meu entendimento moribundo  
Jazia o Ultimo Numero cansado.*

*Era de vê-lo, immovel, resignado,  
Tragicamente de si mesmo oriundo,  
Fóra da successão, extranho ao mundo,  
Com o reflexo funebre do Increado:*

*Bradei:—Que fazes ainda no meu craneo?  
E o Ultimo Numero, atro e subterraneo,  
Parecia dizer-me: «E' tarde amigo !*

*Pois que a minha autogenica grandeza  
Nunca vibrou na tua lingua presa,  
Não te abandono mais ! Morro Comtigo !»*

Realmente não o abandonou, e vinte quatro horas depois, caíam-lhe as palpebras, para todo o sempre, escondendo os thesouros com que a natureza lhe cumulára.

Tres factores fizeram a profunda tristeza de Augusto dos Anjos:—um de character individualissimo, outro mesologico e o terceiro espiritual.

O primeiro dentre elles foi o da propria morte que o poeta trazia no seio. A principio soffreu muito por obcessão da doença, depois foi a doença que lhe abriu os sulcos da consternação.

O segunda dos elementos originadores da sua melancolia, foi o meio ou, se quizerem mais forte, foi a raça. As gerações brasileiras de 1850 a 1950 têm que ser predominantemente, numa percentagem de 75, tristes por força e causa dos elementos atavicos que actuaram na sua formação:—o indio perseguido, o negro escravizado e o europeu emigrado. Três doentes de tristura, cujo nome para o indio ignoro, chamando-se banzo no africano e nostalgia no immigrante.

Na America do Sul ha uma distancia clamorosa entre o homem de letras e o publico. No Brasil, então, o caso se extrema—insignificante minoria profundamente culta e um vasto oceano de . . .

Ademais de tudo, entre nós, o homem de pensamento tem que ser triste por que se educa com livros estrangeiros, idéas estrangeiras, coisas estrangeiras, e vive num meio ainda longe de assimilar os frutos das poderosas civilizações.

Foi este, o terceiro factor, o chamado espiritual, na formação da tristeza do poeta parahybano.

O *Eu* é um livro de soffrimento, de verdade e de protesto: soffre as dôres que dilaceram o homem e aquellas do cosmos; e, em relação ao homem e ao cosmos, diz as verdades apprehendidas por indagação e sciencia, protestando em nome dellas, pelo que no homem e no cosmos ha de desconnexo, de illogico, de absurdo. Um livro de pensamentos, sem phantasia nem dodivanices. Como viu e sentiu a vida,—na multiplicidade dos phenomenos e na grandeza dos mysterios insondaveis,—assim escreveu o poeta, sempre molhando a penna na "chaga aberta do coração".

Todas as poesias vestem-se do mesmo tòm de bellêza sombria, possuem o mesmo poder suggestivo, a mesma

opulencia de erudição a mesmíssima riqueza de imagens que se encontram nos versos citados.

Quiséra folêgo para percorrer toda a extensão do terreno que o poeta desbravou e cultivou. Não me serviram os céos da necessaria fôrça.

E agora, ás despedidas, levanta-se a saudade. Como a melancolia deste punge mais que o terrôr dos outros espectros! Tudo porque Augusto foi bom, dessa bondade solidaria com todos os soffrimentos, bondade brandura que suavisa desesperos e acalenta almas.

Não teve largos instantes descansados, sendo-lhe a existencia uma luta, trabalhando dia e noite, noite e dia. Canceira de professor de sciencias e letras, obrigado a ensinar, como unico recurso de vida. Pobre, extraordinario Augusto!

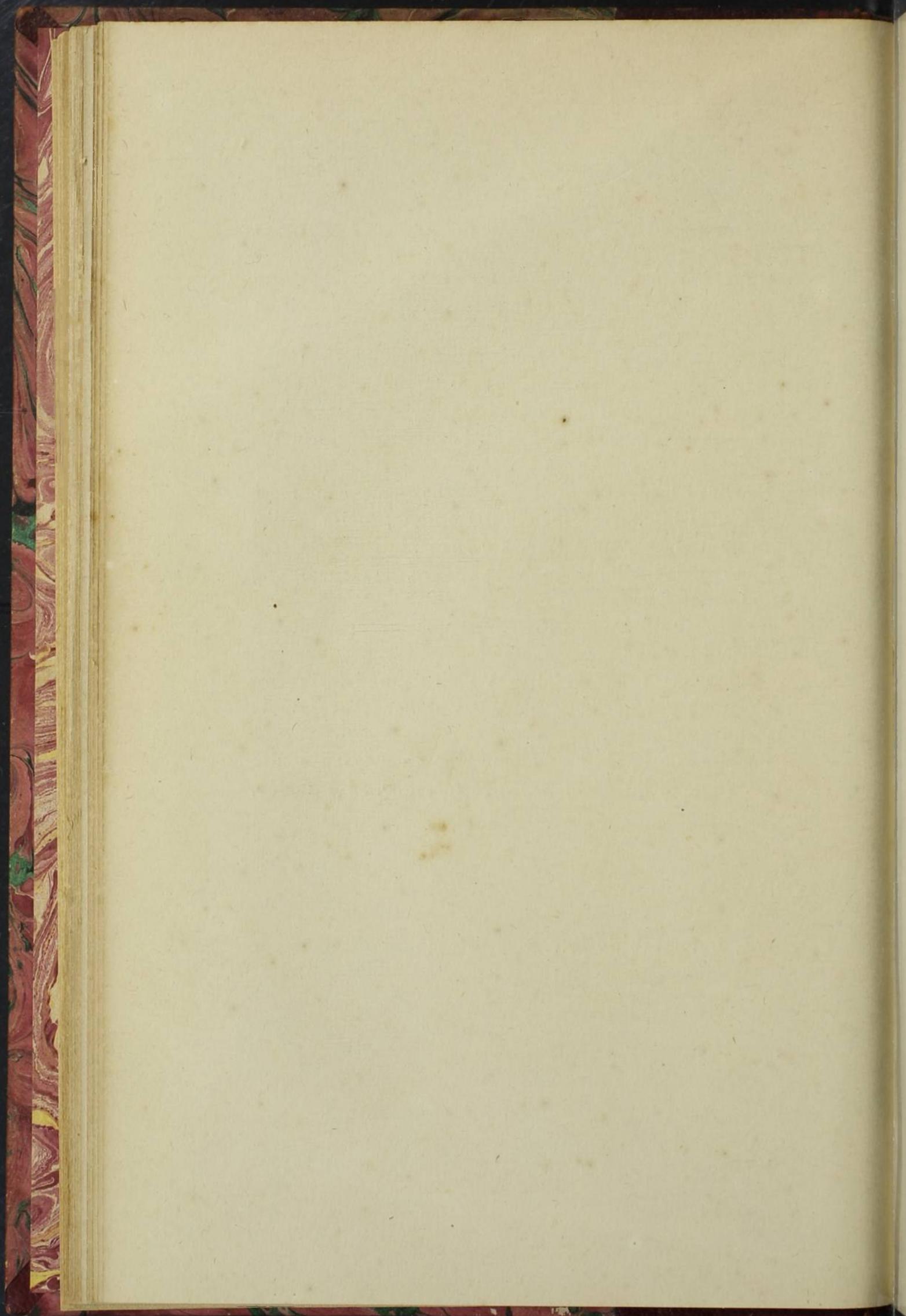
No limiar do *Eu*, se lhe quizerdes experimentar a belleza, despí-vos dos pensamentos folgazões e furtivos, que todos são solertes e trahidores. A vida aqui só hade ser comprehendida por quem primeiro comprehender a agitação e a amargura do poeta.

Passem de largo os endoidecidos da alegria, muito de largo. *Riqueza da alma, psychico thesouro*, só é a dôr.

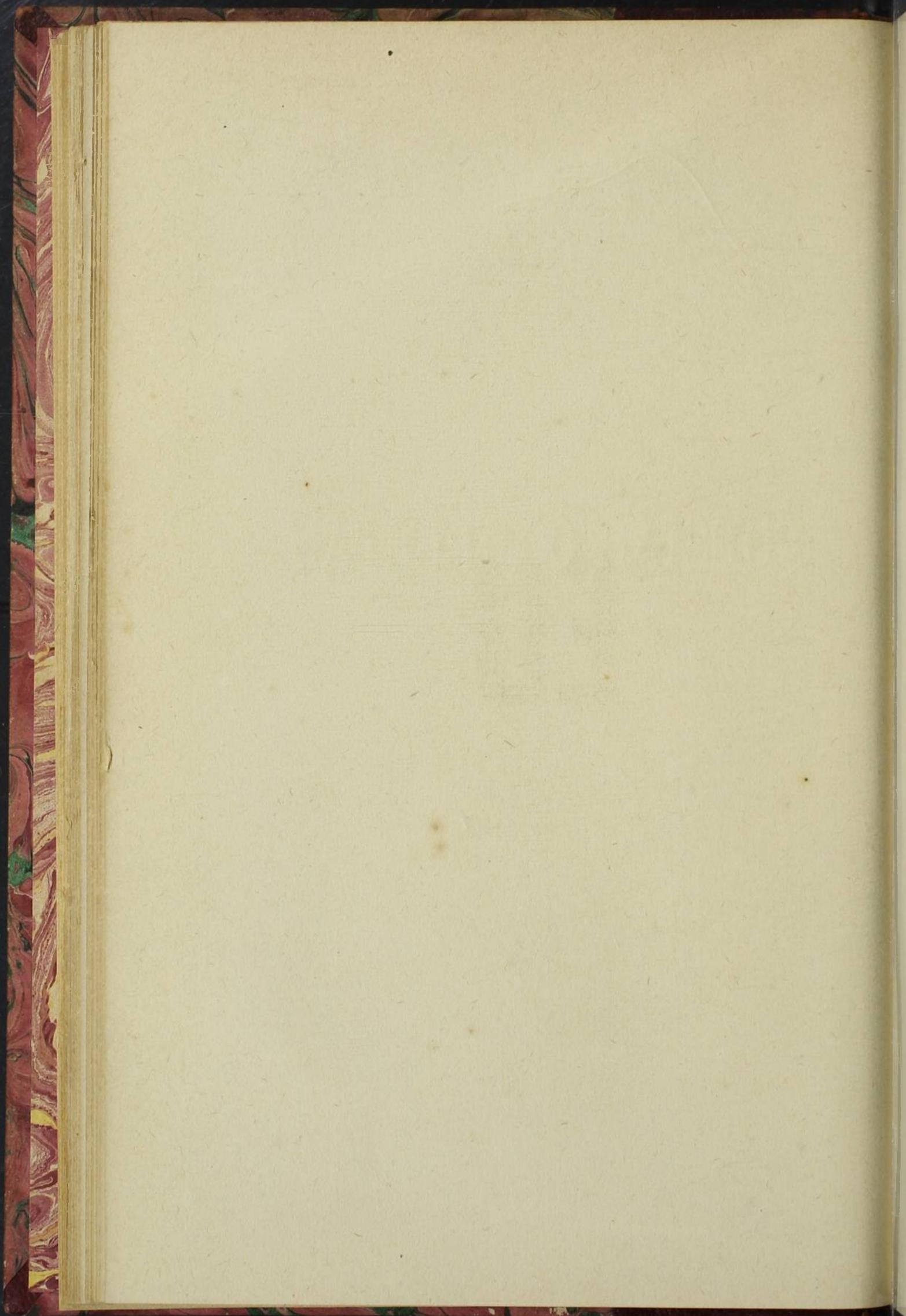
ORRIS SOARES

PRAIA FORMOSA

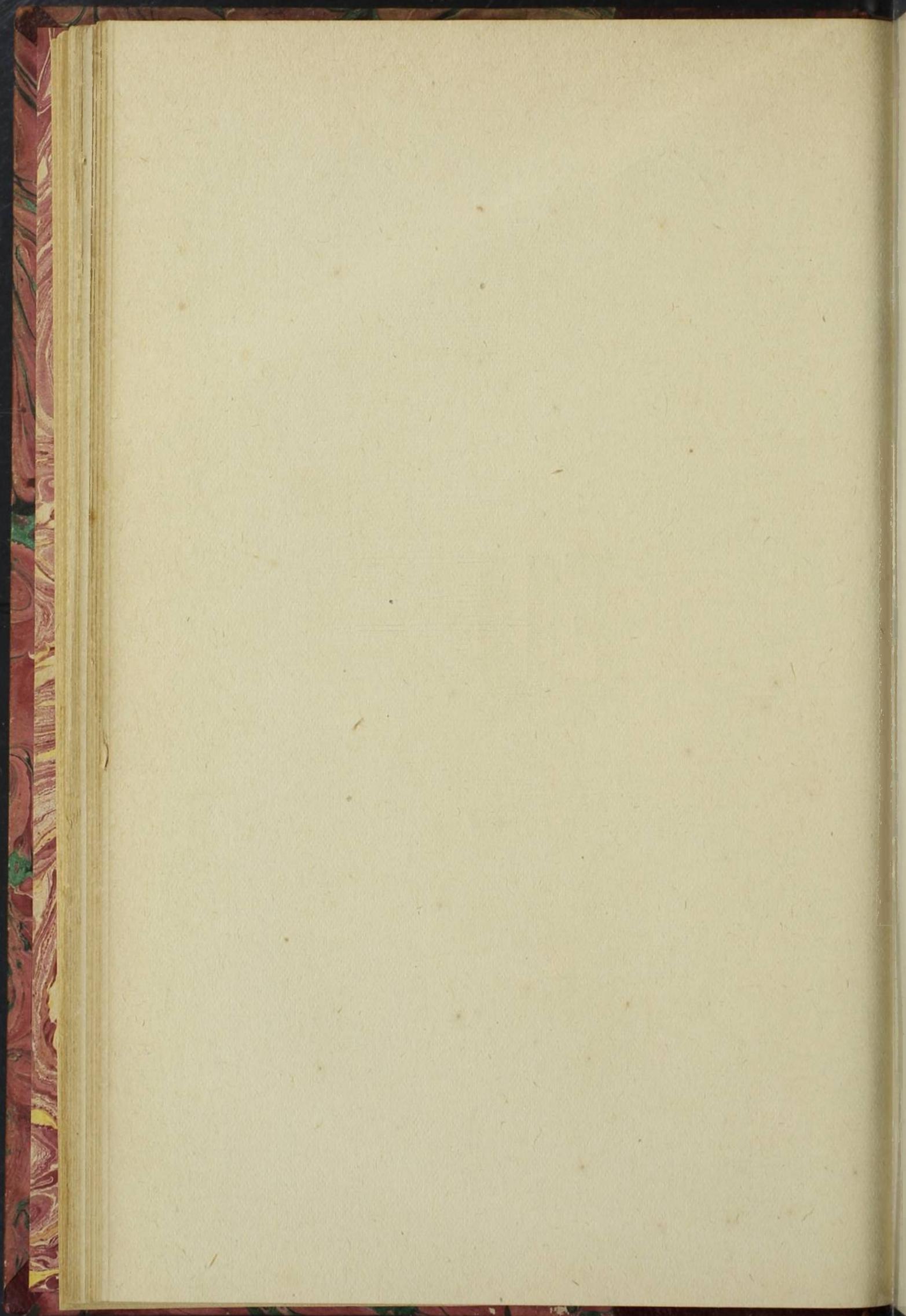
Parahyba, Dezembro de 1919.



POESIAS COMPLETAS



**EU**



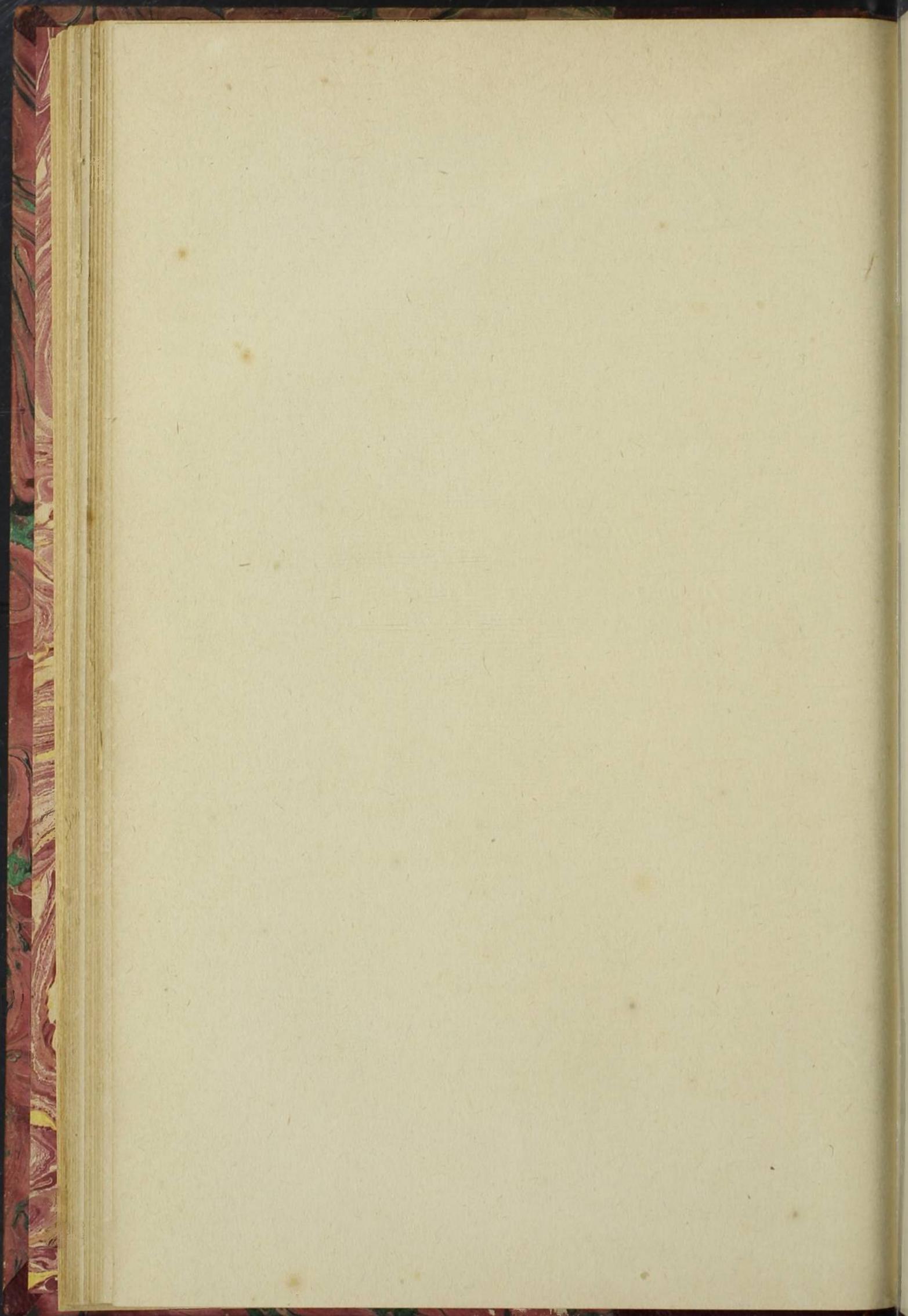
*A' MEMORIA DE MEU PAE*

*A' minha mãe—Cordula dos Anjos*

*A' minha mulher—Esther Fialho R. dos Anjos*

*A' minha filhinha—Gloria*

*Aos meus irmãos*



## MONOLOGO DE UMA SOMBRA

«Sou uma Sombra! Venho de outras éras,  
Do cosmopolitismo das monéras . . .  
Polypo de reconditas reintrancias,  
Larva do cháos tellúrico, procedo  
Da escuridão do cósmico segredo,  
Da substancia de todas as substancias!

A symbiose das coisas me equilibra.  
Em minha ignóta mónada, ampla, vibra  
A alma dos movimentos rotatórios . . .  
E é de mim que decorrem, simultaneas,  
A saúde das forças subterraneas,  
E a morbidez dos sêres illusórios!

Pairando acima dos mundanos tectos,  
Não conheço o accidente da *Senectus*  
—Esta universitaria sanguessuga  
Que produz, sem dispendio algum de virus,  
O amarellecimento do papyrus  
E a miseria anatómica da ruga!

Na existencia social, possuo uma arma  
—O metaphysicismo de Abhidharma—  
E trago, sem brahmánicas tesouras,  
Como um dorso de azémola passiva,  
A solidariedade subjectiva  
De todas as especies soffredoras.

Com um pouco de saliva quotidiana  
Mostro meu nojo á Natureza Humana.  
A podridão me serve de Evangelho . . .  
Amo o esterco, os residuos ruins dos kiosques  
E o animal inferior que urra nos bosques  
E' com certeza meu irmão mais velho!

Tal qual quem para o proprio tumulo olha,  
Amarguradamente se me antolha,  
A' luz do americano plenilunio,  
Na alma crepuscular de minha raça  
Como uma vocação para a Desgraça  
E um tropismo ancestral para o Infortunio.

Ahi vem sujo, a coçar chagas plebéas,  
Trazendo no deserto das idéas  
O desespero endémico do inferno,  
Com a cara hirta, tatuada de fuligens  
Esse mineiro doudo das origens,  
Que se chama o Philosopho Moderno !

Quiz comprehender, quebrando estereis norinas,  
A vida phenoméncia das Fórmás,  
Que, iguaes a fógos passageiros, luzem . . .  
E apenas encontrou na idéa gasta  
O horror dessa mechanica nefasta,  
A que todas as coisas se reduzem !

E hão de achál-o, amanhã, bestas agrestes,  
Sobre a esteira sarcóphaga das pestes  
A mostrar, já nos ultimos momentos,  
Como quem se submette a uma xarqueada,  
Ao clarão tropical da luz damnada,  
O espolio dos seus dedos peçonhentos.

Tal a finalidade dos estames !  
Mas elle viverá, rôtos os liames  
Dessa estranguladora lei que aperta  
Todos os aggregados perciveis,  
Nas etherizações indefiniveis  
Da energia intra-atómica liberta !

Será calor, causa úbiqua de gozo,  
Raio X, magnetismo mysterioso,  
Chimiotaxia, ondulação aérea,  
Fonte de repulsões e de prazeres,  
Sonoridade potencial dos sêres,  
Estrangulada dentro da materia!

E o que elle foi: claviculas, abdomen,  
O coração, a bocca, em synthese, o Homem,  
— Engrenagem de visceras vulgares —  
Os dedos carregados de peçonha,  
Tudo coube na logica medonha  
Dos apodrecimentos musculares!

A desarrumação dos intestinos  
Assombra! Vêde-a! Os vermes assassinos  
Dentro daquella massa que o humus come,  
Numa glutoneria hedionda, brincam,  
Como as cadellas que as dentuças trincam,  
No espasmo physiológico da fome.

E' uma trágica festa emocionante!  
A bacteriologia inventariante  
Toma conta do corpo que apodrece . . .  
E até os membros da familia engulham,  
Vendo as larvas malignas que se embrulham  
No cadaver malsão, fazendo um s.

E foi então para isto que esse doudo  
Estragou o vibrátil plasma todo,  
A' guisa de um fakir, pelos cenóbios?! . . .  
Num suicidio graduado, consumir-se,  
E, após tantas vigílias, reduzir-se  
A' herança miseravel de micróbios!

Este outro agora é o satyro peralta  
Que o sensualismo sodomista exalta,  
Nutrindo sua infamia a leite e a trigo . . .  
Como que, em suas células vilísimas,  
Ha estratificações requintadíssimas  
De uma animalidade sem castigo.

Branças bacchantes bebedas o beijam.  
Suas artérias hircicas latejam,  
Sentindo o odor das carnações a ~~estémias~~,  
E, á noite, vai gozar, ébrio de vicio,  
No sombrio bazar do meretricio,  
O cuspo aphrodisiaco das femeas.

No horror de sua anómala nevrose,  
Toda a sensualidade da symbiose,  
Uivando, á noite, em lúbricos arroubos,  
Como no babylonico *sansára*,  
Lembra a fome incoercível que escancara  
A mucosa carnívora dos lobos.

Soffrego, o monstro as victimas aguarda.  
Negra paixão congénita, bastarda,  
Do seu zooplasma ophidico resulta . . .  
E explode, igual á luz que o ar accomette,  
Com a vehemencia mavórtica do ariete  
E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,  
Hirto, observa através a tenue trança  
Dos filamentos fluídicos de um halo  
A dextra descarnada de um duende,  
Que, tacteando nas ténebras, se estende  
Dentro da noite má, para agarral-o !

Cresce-lhe a intra-cephálica tortura,  
E de sua alma na caverna escura,  
Fazendo ultra-epilópticos esforços,  
Acorda, com os candieiros apagados,  
Numa choreographia de damnados,  
A familia alarmada dos remorsos.

E' o despertar de um povo subterraneo !  
E' a fauna cavernícola do craneo  
— Macbeths da pathológica vigilia,  
Mostrando, em rembrandtescas télas varias  
As incestuosidades sanguinarias  
Que elle tem praticado na familia.

As allucinações tactis pullulam.  
Sente que megatherios o estrangulam . . .  
A asa negra das moscas o horroriza ;  
E autopsiando a amarissima existencia  
Encontra um cancro assiduo na consciencia  
E três manchas de sangue na camisa !

Mingua-se o combustivel da lanterna  
E a consciencia do satyro se inférna,  
Reconhecendo, bebedo de somno,  
Na propria ancia dyonisica do gozo,  
Essa necessidade de *horroroso*,  
Que é talvez propriedade do carbono !

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova  
De que a dôr como um dartro se renova,  
Quando o prazer barbaramente a ataca . . .  
Assim tambem, observa a sciencia crúa,  
Dentro da ellipse ignivoma da lua  
A realidade de uma esphera opáca.

Sómente a Arte, esculpindo a humana magua,  
Abranda as rochas rígidas, torna agua  
Todo o fogo tellúrico profundo  
E reduz, sem que, enfanto, a desintégre,  
A' condição de uma planicie alegre,  
A aspereza orográphica do mundo !

Próvo desta maneira ao mundo odiento  
Pelas grandes razões do sentimento,  
Sem os methodos da abstrusa sciencia fria  
E os trovões gritadores da dialéctica,  
Que a mais alta expressão da dôr esthética  
Consiste essencialmente na alegria.

Continúa o martyrio das creaturas :

— O homicidio nas viellas mais escuras,  
— O ferido que a hostile gléba atra escarva,  
— O ultimo solilóquio dos suicidas —  
E eu sinto a dôr de todas essas vidas  
Em minha vida anónyma de larva ! »

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vacábulo,  
Da luz da lua aos pállidos venábulo,  
Na ancia de um nervosissimo enthusiasmo,  
Julgava ouvir monótonas corujas,  
Executando, entre caveiras sujas,  
A orchestra arripiadora do sarcasmo !

Era a elégia pantheista do Universo,  
Na podridão do sangue humano immerso,  
Prostituido talvez, em suas bases . . .  
Era a canção da Natureza exhausta,  
Chorando e rindo na ironia infausta  
Da incoherencia infernal daquellas phrases.

E o turbilhão de taes phonémas acres  
Trovejando grandiloquos massacres,  
Ha-de ferir-me as auditivas portas,  
Até que minha ephémera cabeça  
Reverta á quietação da treva espessa  
E á pallidez das photosphéras mortas!



## AGONIA DE UM PHILOSOPHO

Consulto o Phtah-Hotep. Leio o obsoleto  
Rig-Veda. E, ante obras taes, me não consolo . . .  
O Inconsciente me assombra e eu nelle rólo  
Com a eólia furia do harmatan inquieto!

Assisto agora á morte de um insecto! . . .  
Ah! todos os phenómenos do solo  
Parecem realizar de polo a polo  
O ideal de Anaximandro de Mileto!

No hieratico areopágo heterogeneo  
Das idéas, percorro como um genio  
Desde a alma de Hœckel á alma cenobial! . . .

Rasgo dos mundos o velario espesso;  
E em tudo, igual a Gœthe, reconheço  
O imperio da *substancia universal!*

## O MORCÊGO

Meia noite. Ao meu quarto me recolho.  
Meu Deus! E este morcêgo! E, agora, vêde :  
Na bruta ardencia orgânica da sêde,  
Morde-me a guéla ígneo e escaldante môlho.

«Vou mandar levantar outra parêde . . . »  
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho  
E olho o tecto. E vejo-o ainda, igual a um olho,  
Circularmente sobre a minha rêde!

Pégo de um pau. Esforços faço. Chego  
A total-o. Minha alma se concentra.  
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciencia Humana é este morcêgo!  
Por mais que a gente faça, á noite, elle entra  
Imperceptivelmente em nosso quarto!

## PSYCHOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do ammoniaco,  
Monstro de escuridão e rutilancia,  
Soffro, desde a epigénese da infancia,  
A influencia má dos signos do zodiaco.

Profundissimamente hypocondriaco,  
Este ambiente me causa repugnancia . . .  
Sobe-me á bocca uma ancia análoga á ancia  
Que se escapa da bocca de um cardiaco.

Já o verme — este operario das ruinas —  
Que o sangue pôdre das carnificinas  
Come, e á vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roêl-os,  
E ha-de deixar-me apenas os cabellos,  
Na frialdade inorgânica da terra !

## A IDÉA

De onde ella vem?! De que materia bruta  
Vem essa luz que sobre as nebulosas  
Cae de incógnitas cryptas mysteriosas  
Como as estalactites duma gruta?!

Vem da psychogenética e alta luta  
Do feixe de moléculas nervosas,  
Que, em desintegrações maravilhosas,  
Delibera, e, depois, quer e executa!

Vem do encéphalo absconso que a constringe,  
Chega em seguida ás cordas do larynge,  
Tísica, tenue, minima, rachitica . . .

Quebra a força centrípeta que a amarra,  
Mas, de repente, e quasi morta, esbarra  
No mulambo da lingua paralytica!

## O LÁZARO DA PÁTRIA

Filho pôdre de antigos Goytacazes,  
Em qualquer parte onde a cabeça ponha,  
Deixa circumferencias de peçonha,  
Marcas oriundas de úlceras e anthrazes.

Todos os cynocéphalos vorazes  
Cheiram seu corpo. A' noite, quando sonha,  
Sente no thorax a pressão medonha  
Do bruto embate ferreo das tenazes.

Mostra aos montes e aos rígidos rochedos  
A hedionda elephantiasis dos dedos . . .  
Ha um cansaço no Cosmos . . . Anoitece.

Riem as meretrizes no Casino,  
E o Lázaro caminha em seu destino  
Para um fim que elle mesmo desconhece!

## IDEALIZAÇÃO DA HUMANIDADE FUTURA

Rugia nos meus centros cerebraes  
A multidão dos seculos futuros  
— Homens que a herança de impetos impuros  
Tornara ethnicamente irracionaes! —

Não sei que livro, em lettras garrafaes,  
Meus olhos liam! No humus dos monturos,  
Realizavam-se os partos mais obscuros,  
Dentre as genealogias animaes !

Como quem esmigalha protozoarios  
Meti todos os dedos mercenarios  
Na consciencia daquela multidão . . .

E, em vez de achar a luz que os Ceus inflamma,  
Sómente achei moléculas de lama  
E a mosca alegre da putrefacção !

## SONETO

Ao meu primeiro filho, nascido morto com 7  
mezes incompletos.—2 Fevereiro 1911.

Aggregado infeliz de sangue e cal,  
Fructo rubro de carne agonizante,  
Filho da grande força fecundante  
De minha bronzea trama neuronal,

Que poder embryológico fatal  
Destruiu, com a synergia de um gigante,  
Em tua *morphogénese* de infante  
A minha *morphogénese* ancestral?!

Porção de minha plásmica substancia,  
Em que logar irás passar a infancia,  
Tragicamente anonymo, a feder?! . . .

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido,  
Pantheisticamente dissolvido  
Na *noumenalidade* do NÃO SER!

## VERSOS A UM CÃO

Que força pode, adstricta a embyrões informes,  
Tua garganta estúpida arrancar  
Do segredo da célula ovular  
Para latir nas solidões enormes?!

Esta obnoxia inconsciencia, em que tu dormes,  
Sufficientissima é para provar  
A incógnita alma, avoenga e elementar,  
Dos teus antepassados vermiformes.

Cão! — Alma de inferior rhapsôdo errante!  
Resigna-a, ampara-a, arrima-a, affaga-a, acóde-a  
A escala dos latidos ancestraes . . .

E irá assim, pelos séculos, adeante,  
Latindo a exquisitissima prosódia  
Da angustia hereditaria dos seus paes!

## O DEUS-VERME

Factor universal do transformismo,  
Filho da teleológica materia,  
Na superabundancia ou na miseria,  
*Verme* — é o seu nome obscuro de baptismo.

Jámais emprega o acérrimo exorcismo  
Em sua diaria occupação funerea,  
E vive em contubernio com a bactéria,  
Livre das roupas do anthropomorphismo.

Almoça a podridão das drupas agras,  
Janta hydrópicos, roe visceras magras  
E dos defuntos novos incha a mão . . .

Ah! Para elle é que a carne pôdre fica,  
E no inventario da materia rica  
Cabe aos seus filhos a maior porção!

## DEBAIXO DO TAMARINDO

No tempo de meu Pae, sob estes galhos,  
Como uma véla fúnebre de cêra,  
Chorei billiões de vezes com a canceira  
De inexorabilissimos trabalhos!

Hoje, esta arvore, de amplos agasalhos,  
Guarda, como uma caixa derradeira,  
O passado da Flóra Brasileira  
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relogios  
De minha vida, e a voz dos necrologios  
Gritar nos noticiarios que eu morri,

Voltando á patria da homogeneidade,  
Abraçada com a propria Eternidade  
A minha sombra ha de ficar aqui!

## AS SCISMAS DO DESTINO

### I

Recife. Ponte Buarque de Macedo.  
Eu, indo em direcção á casa do Agra,  
Assombrado com a minha sombra magra,  
Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austéra abóbada alta o phósphoro alvo  
Das estrellas luzia . . . O calçamento  
Saxeo, de asphalto rijo, atro e vidrento,  
Copiava a polidez de um craneo calvo.

Lembro-me bem. A ponte era comprida,  
E a minha sombra enorme enchia a ponte,  
Como uma pelle de rhinoceronte  
Extendida por toda a minha vida!

A noite fecundava o ovo dos vícios  
Animaes. Do carvão da treva immensa  
Cahia um ar damnado de doença  
Sobre a cara geral dos edificios !

Tal uma hórda feroz de cães famintos,  
Atravessando uma estação deserta,  
Uivava dentro do *eu*, com a bocca aberta,  
A matilha espantada dos instinctos !

Era como se, na alma da cidade,  
Profundamente lúbrica e revôlta,  
Mostrando as carnes, uma besta solta  
Soltasse o bérro da animalidade.

E, aprofundando o raciocinio obscuro,  
Eu vi, então, á luz de aureos reflexos,  
O trabalho genésico dos sexos,  
Fazendo á noite os homens do Futuro.

Livres de microscopios e escalpellos,  
Dansavam, parodiando saraus cynicos,  
Billhões de *centrosomas* apollinicos  
Na camara promiscua do *vitellus*.

Mas, a irritar-me os glóbulos oculares,  
Apregoando e alardeando a côr nojenta,  
Fetos magros, ainda na placenta,  
Extendiam-me as mãos rudimentares !

Mostravam-me o apriorismo incognoscivel  
Dessa fatalidade igualitaria,  
Que fez minha familia originaria  
Do antro daquella fábrica terrivel !

A corrente atmosphérica mais forte  
Zunia. E, na ígnea crostra do Cruzeiro,  
Julgava eu ver o funebre candieiro  
Que ha de me allumiar na hora da morte.

Ninguem comprehendia o meu soluço,  
Nem mesmo Deus ! Da roupa pelas bréchas,  
O vento bravo me atirava fléchas  
E applicações hyemaes de gelo russo.

A vingança dos mundos astronómicos  
Enviava á terra extraordinaria faca,  
Posta em rija adhesão de gomma lacca  
Sobre os meus elementos anatómicos.

Ah ! Com certeza, Deus me castigava !  
Por toda a parte, como um réu confesso,  
Havia um juiz que lia o meu processo  
E uma força especial que me esperava !

Mas o vento cessara por instantes  
Ou, pelo menos, o *ignis sapiens* do Orco  
Abafava-me o peito arqueado e porco  
Num nucleo de substancias abrasantes.

E' bem possivel que eu um dia cegue.  
No ardor desta lethal tórrida zona,  
A côr do sangue é a côr que me impressiona  
E a que mais neste mundo me persegue !

Essa obsessão chromática me abate.  
Não sei porque me vêm sempre á lembrança  
O estomago esfaqueado de uma creança  
E um pedaço de víscera escarlata.

Quizera qualquer coisa provisoria  
Que a minha cerebral caverna entrasse,  
E até ao fim, cortasse e recortasse  
A faculdade aziaga da memoria.

Na ascensão barométrica da calma,  
Eu bem sabia, anciado e contrafeito,  
Que uma população doente do peito  
Tossia sem remedio na minha alma !

E o cuspo que essa hereditaria tosse  
Golphava, á guisa de acido residuo,  
Não era o cuspo só de um individuo  
Minado pela tísica precoce.

Não ! Não era o meu cuspo, com certeza  
Era a expectoração pútrida e crassa  
Dos bronchics pulmonares de uma raça  
Que violou as leis da Natureza !

Era antes uma tosse úbiqua, extranha,  
Igual ao ruido de um calhão redondo  
Arremessado no apogêo do estrondo,  
Pelos fundibularios da montanha !

E a saliva daquelles infelizes  
Inchava, em minha bocca, de tal arte,  
Que eu, para não cuspir por toda parte,  
Ia engolindo, aos poucos, a hemoptisis !

Na alta allucinação de minhas scismas,  
O microcosmos liquido da gotta  
Tinha a abundancia de uma arteria rôta,  
Arrebetada pelos aneurismas.

Chegou-me o estado maximo da magua!  
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete  
Veze que eu me furei com um canivete,  
A hemoglobina vinha cheia de agua!

Cuspo, cujas caudaes meus beiços regam,  
Sob a fórmula de minimas camândulas,  
Bemditas sejam todas essas glândulas,  
Que, quotidianamente, te segrégam!

Escarrar de um abysmo noutro abysmo,  
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,  
Ha mais philosophia neste escarro  
Do que em toda a moral do christianismo!

Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam  
Eu não deixasse o meu cuspo carrasco,  
Jámais exprimiria o acerrimo asco  
Que os canalhas do mundo me provocam!

**II**

Foi no horror dessa noite tão funerea  
Que eu descobri, maior talvez que Vinci,  
Com a força visualística do lynce,  
A falta de unidade na materia !

Os esqueletos desarticulados,  
Livres do acre fedôr das carnes mortas,  
Rodopiavam, com as brancas tibias tortas,  
Numa dança de numeros quebrados !

Todas as divindades malfazejas,  
Silva e Ahriman, os duendes, o Yn e os trasgos,  
Imitando o barulho dos engasgos,  
Davam pancadas no adro das egrejas

Nessa hora de monólogos sublimes,  
A companhia dos ladrões da noite,  
Buscando uma taverna que os acoite,  
Vai pela escuridão pensando crimes.

Perpetravam-se os actos mais funestos,  
E o luar, da côr de um doente de ictericia,  
Illuminava, a rir, sem pudicicia,  
A camisa vermelha dos incestos.

Ninguém, de certo, estava ali, a espiar-me,  
Mas um lampeão, lembrava ante o meu rosto  
Um suggestionador olho, ali posto  
De proposito, para hypnotizar-me !

Em tudo, então, meus olhos distinguiram  
Da miniatura singular de uma aspa,  
A' anatomia minima da caspa,  
Embryões de mundos que não progrediram !

Pois quem não vê ahí, em qualquer rua,  
Com a fina nitidez de um claro jorro,  
Na paciencia budhista do cachorro  
A alma embryonaria que não continúa?!

Ser cachorro! Ganir incompreendidos  
Verbos! Querer dizer-nos que não finge,  
E a palavra embrulhar-se no larynge,  
Escapando-se apenas em latidos!

Despir a putrescível fórmula tosca,  
Na atra dissolução que tudo inverte,  
Deixar cahir sobre a barriga inerte  
O appetite necróphago da mosca!

A alma dos animaes! Pego-a, distingo-a,  
Acho-a nesse interior duello secreto  
Entre a ancia de um vocábulo completo  
E uma expressão que não chegou á lingua!

Surprehendo-a em quadrillhões de corpos vivos,  
Nos anti-peristálticos abalos  
Que produzem nos bois e nos cavallos  
A contracção dos gritos instinctivos!

Tempo viria, em que, daquelle horrendo  
Cháos de corpos orgânicos disformes  
Rebentariam cérebros enormes,  
Como bolhas febris de agua, fervendo!

Nessa época que os sabios não ensinam,  
A pedra dura, os montes argillosos  
Criariam feixes de cordões nervosos  
E o neuroplasma dos que raciocinam !

Almas pygméas ! Deus subjuga-as, cinge-as  
A' imperfeição ! Mas vem o Tempo, e vence-O,  
E o meu sonho crescia no silencio,  
Maior que as epopéas carolingias !

Era a revolta trágica dos typos  
Ontogénicos mais elementares,  
Desde os foraminíferos dos mares  
A' grey lilliputiana dos polypos.

Todos os personagens da tragédia,  
Cansados de viver na paz de Budha,  
Pareciam pedir com a bocca muda  
A ganglionaria célula intermédia.

A planta que a canícula ígnea tórta,  
E as coisas inorgánicas mais nullas  
Apregoavam encéphalos, medullas  
Na alegria guerreira da desfórta !

Os protistas e o obscuro acervo rijo  
Dos espongiarios e dos infusorios  
Recebiam com os seus órgãos sensorios  
O triumpho emocional do regozijo !

E, apesar de já ser assim tão tarde,  
Aquella humanidade parasita,  
Como um bicho inferior, berrava, afflicta,  
No meu temperamento de covarde !

Mas, reflectindo, a sós, sobre o meu caso,  
Vi que, igual a um amneota subterraneo,  
Jazia atravessada no meu craneo  
A intercessão fatídica do atrazo !

A hypothese genial do *microzima*  
Me estrangulava o pensamento guapo,  
E eu me encolhia todo como um sapo  
Que tem um peso incómmodo por cima !

Nas agonias do *delirium-tremens*,  
Os bebedos alvâres que me olhavam,  
Com os copos cheios esterilizavam  
A substancia prolífica dos semens !

Enterravam as mãos dentro das guélas,  
E sacudidos de um tremor indómito  
Expelliam, na dôr forte do vômito,  
Um conjuncto de gosmas amarellas.

Iam depois dormir nos lupanares,  
Onde, na gloria da concupiscencia,  
Depositavam quasi sem consciencia  
As derradeiras forças musculares.

Fabricavam dest'arte os blastodermas,  
Em cujo repugnante receptáculo  
Minha perscrutação via o espectáculo  
De uma progénie idiota de palermas.

Prostituição ou outro qualquer nome,  
Por tua causa, embora o homem te aceite,  
E' que as mulheres ruins ficam sem leite  
E os meninos sem pae morrem de fome!

Porque ha de haver aqui tantos enterros?!  
Lá no «Engenho» tambem, a morte é ingrata . . .  
Ha o malvado carbúnculo que mata  
A sociedade infante dos bezerros!

Quantas moças que o tumulto reclama !  
E após a podridão de tantas moças,  
Os porcos espojando-se nas poças  
Da virgindade reduzida á lama !

Morte, ponto final da ultima scena,  
Fórma diffusa da materia imbelle,  
Minha philosophia te repelle,  
Meu raciocinio enorme te condemna !

Deante de ti, nas cathedraes mais ricas,  
Rolam sem efficacia os amulêtos.  
Oh! Senhora dos nossos esqueletos  
E das caveiras diarias que fabricas !

E eu desejava ter, numa ancia rara,  
Ao pensar nas pessôas que perdera,  
A inconsciencia das mascaras de cêra  
Que a gente prega, com um cordão, na cara !

Era um sonho ladrão de submergir-me  
Na vida unïversal, e, em tudo immerso,  
Fazer da páрте abstracta do Universo,  
Minha morada equilibrada e firme !

Nisto, peor que o remorso do assassino,  
Reboou, tal qual, num fundo de caverna,  
Numa impressionadora voz interna,  
O echo particular do meu Destino :

## III

«Homem! por mais que a Idéa desintegres,  
Nessas perquisições que não têm pausa,  
Jámais, magro homem, saberás a causa  
De todos os phenómenos alegres!

Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas  
A esteril terra, e a hyalina lampada ôca,  
Trazes, por perscrutar (oh! sciencia louca!)  
O conteúdo das lagrimas hediondas.

Negro e sem fim é esse em que te mergulhas  
Logar do Cosmos, onde a dôr infrene  
E' feita como é feito o kerosene  
Nos reoncavos húmidos das hulhas!

Porque, para que a Dôr perscrutes, fôra  
Mister que, não como és, em synthese, antes  
Fosses, a reflectir teus semelhantes,  
A propria humanidade soffredôra !

A universal complexidade é que Ella  
Comprehende. E se, por vezes, se divide,  
Mesmo ainda assim, seu todo não reside  
No quociente isolado da parcella !

Ah! Como o ar immortal a Dôr não finda !  
Das papillas nervosas que ha nos tactos  
Veiu e vai desde os tempos mais transactos  
Para outros tempos que hão de vir ainda !

Como o machucamento das insomnias  
Te estraga, quando toda a estuada Idéa  
Dás ao soffrego estudo da nymphéa  
E de outras plantas dicotyledoneas !

A diáphana agua alvissima e a hórrida áscua  
Que da ígnea flamma bruta, estriada, espirra;  
A formação molecular da myrra,  
O cordeiro symbolico da Paschoa;

As rebelladas cóleras que rugem  
No homem civilizado, e a elle se prendem  
Como ás pulseiras que os mascates vendem  
A adherencia teimosa da ferrugem;

O orbe feraz que bastos tojos acres  
Produz; a rebelião que, na batalha,  
Deixa os homens deitados, sem mortalha,  
Na sangueira concreta dos massacres;

Os sanguinolentissimos chicotes  
Da hemorragia; as nodoas mais espessas,  
O achatamento ignóbil das cabeças,  
Que ainda degrada os povos hottentotes;

O Amor e a Fome, a féra ultriz que o fojo  
Entra, á espera que a mansa victima o entre,  
-- Tudo que gera no materno ventre  
A causa physiologica do nojo;

As pálpebras inchadas na vigilia,  
As aves moças que perderam a asa,  
O fogão apagado de uma casa,  
Onde morreu o chefe da familia;

O trem particular que um corpo arrasta  
Sinistramente pela via-ferrea,  
A crystallização da massa ferrea,  
O tecido da roupá que se gasta;

A agua arbitrária que hiúlcos caules grossos  
Carrega e come, as negras fórmas feias  
Dos arachnideos e das centopeias,  
O fogo-fatuo que illumina os ossos;

As projecções flammivomas que offuscam,  
Como uma pincelada rembrandtesca,  
A sensação que uma coalhada fresca  
Transmitte ás mãos nervosas dos que a buscam;

O antagonismo de Typhon e Osiris,  
O homem grande opprimindo o homem pequeno,  
A lua falsa de um paraselena,  
A mentira meteórica do arco-iris;

Os terremotos que, abalando os solos,  
Lembram paiões de polvora explodindo,  
A rotação dos fluidos produzindo  
A depressão geológica dos polos;

O instinto de procrear, a ancia legitima  
Da alma, affrontando ovante aziagos riscos,  
O juramento dos guerreiros priscos  
Mettendo as mãos nas glandulas da victima ;

As diferenciações que o psychoplasma  
Humano soffre na mania mystica,  
A pesada oppressão caracteristica  
Dos 10 minutos de um accesso de asthma ;

E (comquanto contra isto odios regougues)  
A utilidade funebre da corda  
Que arrasta a rês, depois que a rês engorda,  
A' morte desgraçada dos açougues . . .

Tudo isto que o terraqueo abysmo encerra  
Fórma a complicação desse barulho  
Travado entre o dragão do humano orgulho  
E as forças inorgânicas da terra !

Por descobrir tudo isto, embalde cansas !  
Ignoto é o germen dessa força activa  
Que engendra, em cada célula passiva,  
A heterogeneidade das mudanças !

Poeta, féto malsão, creado com os succos  
De um leite máu, carnívoro asqueroso,  
Gerado no atavismo monstruoso  
Da alma desordenada dos malucos;

Ultima das creaturas inferiores  
Governada por átomos mesquinhos,  
Teu pé mata a uberidade dos caminhos  
E esteriliza os ventres geradores!

O áspero mal que a tudo, em torno, trazes,  
Análogo é ao que, negro e a seu turno,  
Traz o ávido phyllóstomo nocturno  
Ao sangue dos mammíferos vorazes!

Ah! Por mais que, com o espirito, trabalhes  
A perfeição dos sêres existentes,  
Has de mostrar a cárie dos teus dentes  
Na anatomia horrenda dos detalhes!

O Espaço — esta abstracção spencereana  
Que abrange as relações de co-existencia  
E' só! Não tem nenhuma dependencia  
Com as vértebras mortaes da especie humana!

As radiantes ellipses que as estrellas  
Traçam, e ao espectador falsas se antolham  
São verdades de luz que os homens olham  
Sem poder, no entretanto, comprehendel-as.

Em vão, com a mão corrupta, outro ether pedes  
Que essa mão, de esqueléticas phalanges,  
Dentro dessa agua que com a vista abranges,  
Tambem prova o principio de Archimedes!

A fadiga feroz que te esbordôa  
Ha de deixar-te essa medonha marca,  
Que, nos corpos inchados de anasarca,  
Deixam os dedos de qualquer pessôa!

Nem terás no trabalho que tiveste  
A misericordiosa toalha amiga,  
Que affaga os homens doentes de bexiga  
E enxuga, á noite, as pústulas da peste!

Quando chegar depois a hora tranquilla,  
Tu serás arrastado, na carreira,  
Como um cepo inconsciente de madeira  
Na evolução orgânica da argilia!

Um dia comparado com um millenio  
Seja, pois, o teu ultimo Evangelho . . .  
E' a evolução do novo para o velho  
E do homogeneo para o heterogeneo !

Adeus! Fica-te ahi, com o abdomen largo  
A apodrecer! . . . E's poeira, e embalde vibras!  
O corvo que comer as tuas fibras  
Ha de achar nellas um sabor amargo! »

## IV

Calou-se a voz. A noite era funesta.  
E os queixos, a exhibir trismos damnados,  
Eu puxava os cabellos desgrenhados  
Como o rei Lear, no meio da floresta !

Maldizia, com apóstrophes vehementes,  
No stentor de mil linguas insurrectas,  
O convencionalismo das Pandectas  
E os textos máus dos códigos recentes !

Minha imaginação atormentada  
Paria absurdos . . . Como diabos juntos,  
Perseguiam-me os olhos dos defuntos  
Com a carne da esclerótica esverdeada.

Seccara a chlorophylla das lavouras.  
Igual aos sostenidos de uma endeixa,  
Vinha-me ás cordas glótticas a queixa  
Das collectividades soffredoras.

O mundo resignava-se invertido  
Nas forças principaes do seu trabalho . . .  
A gravidade era um principio falho,  
A análise espectral tinha mentido!

O Estado, a Associação, os Municipios  
Eram mortos. De todo aquelle mundo  
Restava um mechanismo moribundo  
E uma teleologia sem principios.

Eu queria correr, ir para o inferno,  
Para que, da psychê no occulto jogo,  
Morressem suffocadas pelo fogo  
Todas as impressões do mundo externo !

Mas a Terra negava-me o equilibrio . . .  
Na Natureza, uma mulher de lucto  
Cantava, espiando as árvores sem fructo,  
A canção prostituta do ludibrio !

## BUDHISMO MODERNO

Tome, Dr., esta tesoura, e . . . córte  
Minha singularíssima pessôa.  
Que importa a mim que a bicharia rôa  
Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubú pousou na minha sorte!  
Tambem, das diatomáceas da lagôa  
A cryptógama cápsula se esbrôa  
Ao contacto de bronca dextra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida  
Igualmente a uma célula cahida  
Na aberração de um ovulo infecundo;

Mas o aggregado abstracto das saudades  
Fique batendo nas perpetuas grades  
Do ultimo verso que eu fizer no mundo!

## SONHO DE UM MONISTA

Eu e o esqueleto esquelido do Eschylo  
Viajávamos, com uma ancia sybarita,  
Por toda a pro-dynamica infinita,  
Na inconsciencia de um zoóphito tranquillo.

A verdade espantosa do *Prothylo*  
Me aterrava, mas dentro da alma afflicta  
Via Deus — essa mónada exquisita —  
Coordenando e animando tudo aquillo!

E eu bemdizia, com o esqueleto ao lado,  
Na gutturalidade do meu brado,  
Alheio ao velho cálculo dos dias,

Como um pagão no altar de Proserpina,  
A energia intra-cósmica divina  
Que é o paé e é a mãe das outras energias!

## SOLITARIO

Como um fantasma que se refugia  
Na solidão da natureza morta,  
Por traz dos ermos tumulos, um dia,  
Eu fui refugiar-me á tua porta !

Fazia frio e o frio que fazia  
Não era esse que a carne nos conforta . . .  
Cortava assim como em carniçaria  
O aço das facas incisivas corta !

Mas tu não vieste ver minha Desgraça !  
E eu sahi, como quem tudo repelle,  
— Velho caixão a carregar destroços —

Levando apenas na tumbal carcassa  
O pergaminho singular da pelle  
E o chocalho fatídico dos ossos !

## MATER ORIGINALIS

Fórma vermicular desconhecida  
Que estacionaste, misera e mofina,  
Como quasi impalpavel gelatina,  
Nos estados prodrómicos da vida;

O hierophante que leu a minha sina  
Ignorante é de que és, talvez, nascida  
Dessa homogeneidade indefinida  
Que o insigne Herbert Spencer nos ensina.

Nenhuma ignota união ou nenhum nexo  
A' contingencia orgânica do sexo  
A tua estacionaria alma prendeu . . .

Ah! de ti foi que, autónoma e sem normas,  
Oh! Mãe original das outras fórmas,  
A minha fórma lúgubre nasceu!

## O LUPANAR

Ah! Porque monstruosissimo motivo  
Prenderam para sempre, nesta rêde,  
Dentro do angulo diédro da parede,  
A alma do homem polygamo e lascivo?!

Este logar, moços do mundo, vêde:  
E' o grande bebedouro collectivo,  
Onde os bandalhos, como um gado vivo,  
Todas as noites, vêm matar a sêde!

E' o aphrodistico leito do hetaïrismo,  
A antecâmara lúbrica do abysmo,  
Em que é mister que o genero humano entre,

Quando a promiscuidade aterradora  
Matar a ultima força geradora  
E comer o ultimo ovulo do ventre!

## IDEALISMO

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!  
O amor na Humanidade é uma mentira.  
E'. E é por isto que na minha lyra  
De amores futeis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amal-o?!  
Quando, se o amor que a Humanidade inspira  
E' o amor do sybarita e da hetaïra,  
De Messalina e de Sardanapálo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado,  
O mundo fique immaterializado  
— Alavanca desviada do seu fulcro —

E haja só amizade verdadeira  
Duma caveira para outra caveira,  
Do meu sepulchro para o teu sepulchro?!

## ULTIMO CRÉDO

Como ania o homem adúltero o adulterio  
E o ébrio a garrafa tóxica de rum,  
Amo o coveiro — este ladrão commum  
Que arrasta a gente para o cemiterio!

E' o transcendentalissimo mysterio!  
E' o *nous*, é o *pneuma*, é o *ego sum qui sum*,  
E' a morte, é esse damnado numero *Um*  
Que matou Christo e que matou Tiberio!

Creio, como o philósopho mais crente,  
Na generalidade decrescente  
Com que a substancia cósmica evolúe . . .

Creio, perante a evolução immensa,  
Que o homem universal de amanhã vença  
O homem particular que eu hontem fui!

## O CAIXÃO PHANTASTICO

Célere ia o caixão, e, nelle, inclusas,  
Cinzas, caixas craneanas, cartilagens  
Oriundas, como os sonhos dos selvagens,  
De aberratorias abstracções abstrusas!

Nesse caixão iam talvez as Musas,  
Talvez meu Pae! Hoffmannicas visagens  
Enchiam meu encéphalo de imagens  
As mais contradictorias e confusas!

A energia monistica do Mundo,  
A' meia noite, penetrava fundo  
No meu phenomenal cerebro cheio . . .

Era tarde! Fazia muito frio.  
Na rua apenas o caixão sombrio  
Ia continuando o seu passeio!

## SOLILÓQUIO DE UM VISIONÁRIO

Para desvirginar o labyrintho  
Do velho e metaphysico Mysterio,  
Comi meus olhos crús no cemiterio,  
Numa anthropophagia de faminto !

A digestão desse manjar funereo  
Tornado sangue transformou-me o instincto  
De humanas impressões visuaes que eu sinto,  
Nas divinas visões do íncola ethereo !

Vestido de hydrogenio incandescente,  
Vaguei um seculo, improficuamente,  
Pelas monotonias sideraes . . .

Subi talvez ás maximas alturas,  
Mas, se hoje volto assim, com a alma ás escuras,  
E' necessario que inda eu suba mais !

*Antidade Queiroz*  
920

## A UM CARNEIRO MORTO

Misericordiosissimo carneiro  
Esquartejado, a maldição de Pio  
Decimo cáia em teu algoz sombrio  
E em todo aquelle que fôr seu herdeiro !

Maldito seja o mercador vadio  
Que te vender as carnes por dinheiro,  
Pois, tua lã aquece o mundo inteiro  
E guarda as carnes dos que estão com frio !

Quando a faca rangeu no teu pescoço,  
Ao monstro que espremeu teu sangue grosso  
Teus olhos — fontes de perdão — perdoaram !

Oh! tu que no Perdão eu symbolizo,  
Se fosses Deus, no Dia de Juizo,  
Talvez perdoasses os que te mataram !

## VOZES DA MORTE

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,  
Tamarindo de minha desventura,  
Tu, com o envelhecimento da nervura,  
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!  
E a podridão, meu velho! E essa futura  
Ultra-fatalidade de ossatura,  
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!  
E assim, para o Futuro, em diferentes  
Florestas, valles, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,  
Pelo muito que em vida nos amamos,  
Depois da morte, inda teremos filhos!

## INSANIA DE UM SIMPLES

Em scismas pathológicas insanas,  
E'-me grato adstringir-me, na hierarchia  
Das fórmas vivas, á categoria  
Das organizações liliputianas ;

Ser semelhante aos zoóphytos e ás lianas,  
Ter o destino de uma larva fria,  
Deixar emfim na cloaca mais sombria  
Este feixe de células humanas !

E enquanto arremedando Eólo iracundo,  
Na orgia heliogabálica do mundo,  
Ganem todos os vícios de uma vez,

Apraz-me, adstricto ao triangulo mesquinho  
De um delta humilde, apodrecer sosinho  
No silencio de minha pequenez !

## OS DOENTES

### I

Como uma cascavel que se enroscava,  
A cidade dos lázaros dormia . . .  
Sómente, na metrópole vasia,  
Minha cabeça autónoma pensava !

Mordia-me a obsessão má de que havia,  
Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,  
Um figado doente que sangrava  
E uma garganta de orphã que gemia !

Tentava comprehender com as conceptivas  
Funcções do encephalo as substancias vivas  
Que nem Spencer, nem Hæckel comprehenderam . . .

E via em mim, coberto de desgraças,  
O resultado de billiões de raças  
Que ha muitos annos desapareceram !

## II

Minha angustia feroz não tinha nome.  
Ali, na urbe natal do Desconsolo,  
Eu tinha de comer o ultimo bólo  
Que Deus fazia para a minha fome!

Convulso, o vento entoava um pseudo-psalmo.  
Contrastando, entretanto, com o ar convulso  
A noite funcionava como um pulso  
Physiologicamente muito calmo.

Cahiam sobre os meus centros nervosos,  
Como os pingos ardentes de cem vélas,  
O uivo desenganado das cadellas  
E o gemido dos homens bexigosos.

Pensava! E em que eu pensava, não perguntes!  
Mas, em cima de um tumulto, um cachorro  
Pedia para mim agua e socorro  
A' commiserção dos transeuntes!

Bruto, de errante rio, alto e hórrido, o urro  
Reboava. Além jazia aos pés da serra,  
Creando as superstições de minha terra,  
A queixada especifica de um burro!

Gordo adubo da agreste urtiga brava,  
Benigna agua, magnanima e magnifica,  
Em cuja álgida unccção, branda e beatifica,  
A Parahyba indigena se lava!

A manga, a ameixa, a amendoa, a abóbora, o álamo  
E a camara odorifera dos sumos  
Absorvem diariamente o ubérrimo humus  
Que Deus espalha á beira do teu thálamo!

Nos de teu curso desobstruidos trilhos,  
Apenas eu comprehendo, em quaesquer horas,  
O hydrogenio e o oxygenio que tu choras  
Pelo fallecimento dos teus filhos!

Ah! Sómente eu compreendo, satisfeito,  
A incógnita psychê das massas mortas  
Que dormem, como as hervas, sobre as hortas,  
Na esteira igualitaria do teu leito!

O vento continuava sem cansaço  
E enchia com a fluidez do eólio hyssópe  
Em seu fantasmagórico galope  
A abundancia geometrica do espaço.

Meu ser estacionava, olhando os campos  
Circunjacentes. No Alto, os astros miudos  
Reduziam os Ceus sérios e rudos  
A uma epiderme cheia de sarampos!

## III

Dormia em baixo, com a promiscua vestia  
No embotamento crasso dos sentidos,  
A communhão dos homens reunidos  
Pela camaradagem da molestia.

Feriam-me o nervo óptico e a retina  
Aponevroses e tendões de Achilles,  
Restos repugnantísimos de bilis,  
Vômitos impregnados de ptyalina.

Da degenerescencia étnica do Arya  
Se escapava, entre estrépitos e estouros,  
Reboando pelos seculos vindouros,  
O ruido de uma tosse hereditaria.

Oh ! desespero das pessoas tísicas,  
Adivinhando o frio que ha nas lousas,  
Maior felicidade é a destas cousas  
Submettidas apenas ás leis phisicas !

Estas, por mais que os cardos grandes rocem  
Seus corpos brutos, dores não recebem ;  
Estas dos bacalhaus o oleo não bebem,  
Estas não cospem sangue, estas não tosem !

Descender dos macacos catarrhineos.  
Cahir doente e passar a vida inteira  
Com a bocca junto de uma escarradeira,  
Pintando o chão de coágulos sanguineos !

Sentir, adstrictos ao chimiotropismo  
Erótico, os microbios assanhados  
Passearem, como innumerados soldados,  
Nas cancerosidades do organismo !

Falar sómente uma linguagem rouca,  
Um português cansado e incomprehensivel,  
Vomitar o pulmão na noite horrivel  
Em que se deita sangue pela bocca !

Expulsar, aos bocados, a existencia  
Numa bacia automata de barro,  
Allucinado, vendo em cada escarro  
O retrato da propria consciencia !

Querer dizer a angustia de que é pábulo,  
E com a respiração já muito fraca  
Sentir como que a ponta de uma faca,  
Cortando as raizes do ultimo vocabulo !

Não haver therapeutica que arranque  
Tanta oppressão como se, com effeito,  
Lhe houvessem sacudido sobre o peito  
A machina pneumatica de Bianchi !

E o ar fugindo e a Morte a arca da tumba  
A erguer, como um chronómetro gigante,  
Marcando a transição emocionante  
Do lar materno para a catacumba !

Mas vos não lamenteis, magras mulheres,  
Nos ardôres damnados da febre héctica,  
Consagrando vossa ultima phonética  
A uma recitação de miseréres.

Antes levardes ainda uma chimera  
Para a garganta omnivora das lages  
Do que morrerdes, hoje, urrando ultrajes  
Contra a dissolução que vos espera !

Porque a morte, resfriando-vos o rosto,  
Consoante a minha concepção vesânica,  
E' a alfandega, onde toda a vida orgânica  
Ha de pagar um dia o ultimo imposto !

## IV

Começara a chover. Pelas algentes  
Ruas, a agua, em cachoeiras desobstruidas,  
Encharcava os buracos das feridas,  
Alagava a medulla dos Doentes!

Do fundo do meu trágico destino,  
Onde a Resignação os braços cruza,  
Sahia, com o vexame de uma fusa,  
A magua gaguejada de um cretino.

Aquelle ruido obscuro de gagueira  
Que a noite, em sonhos mórbidos, me acórda,  
Vinha da vibração bruta da córda  
Mais recondita da alma brasileira!

Aturdia-me a tétrica miragem  
De que, naquelle instante, no Amazonas,  
Fedia, entregue a visceras gluttonas,  
A carcassa esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na taba  
Em que elle estava. O genio de Colombo  
Manchou de opprobrios a alma do *mazombo*  
Cuspiu na cóva do *morubichaba*!

E o indio, por fim, adstricto á étnica escória,  
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,  
Esse achincalhamento do progresso  
Que o annullava na critica da Historia!

Como quem analysa uma apostema,  
De repente, acordando na desgraça,  
Viu toda a podridão de sua raça  
Na tumba de Iracema ! . . .

Ah! Tudo, como um lúgubre cyclone,  
Exercia sobre elle acção funesta  
Desde o desbravamento da floresta  
A' ultrajante invenção do telephone.

E sentia-se peor que um vagabundo  
Microcéphalo vil que a especie encerra,  
Desterrado na sua propria terra,  
Diminuido na chrónica do mundo !

A hereditariedade dessa pécha  
Seguiria seus filhos. Dóra em deante  
Seu povo tombaria agonizante  
No lucta da espingarda contra a flécha !

Veu-lhe então como á femea vêm antojos,  
Uma desesperada ancia improficua  
De estrangular aquella gente iniqua  
Que progredia sobre os seus despojos !

Mas, deante a xantochroide raça loura,  
Jazem, caladas, todas as inubias,  
E agora, sem difficies nuanças dubias,  
Com uma clarividencia aterradora,

Em vez da prisca tribu e indiana tropa  
A gente deste seculo, espantada  
Vê sómente a caveira abandonada,  
De uma raça esmagada pela Europa !

## V

Era a hora em que, arrastados pelos ventos,  
Os fantasmas hamleticos dispersos  
Atiram na consciencia dos perversos  
A sombra dos remorsos famulentos.

As mães sem coração rogavam pragas  
Aos filhos bons. E eu, roido pelos medos,  
Batia com o pentagono dos dedos  
Sobre um fundo hypothético de chagas!

Diabolica dynâmica damninha  
Opprimia meu cerebro indefeso  
Com a força onerosissima de um peso  
Que eu não sabia mesmo de onde vinha.

Perfurava-me o peito a aspera púa  
Do desanimo negro que me prostra,  
E quasi a todos os momentos mostra  
Minha caveira aos bebedos da rua.

Hereditariiedades polytypicas  
Punham na minha bocca putrescivel  
Interjeições de abracadabra horrivel  
E os verbos indignados das Philippicas.

Todos os vocativos dos blaphemos,  
No horror daquela noite monstruosa,  
Maldiziam, com voz stentorosa,  
A peçonha inicial de onde nascemos.

Como que havia na ancia de conforto  
De cada sêr, ex : o homem e o ophidio,  
Uma necessidade de suicidio  
E um desejo incoercivel de ser morto !

Naquella angustia absurda e tragi-comica  
Eu chorava, rolando sobre o lixo,  
Com a contorsão neurótica de um bicho  
Que ingeriu 30 grammas de nux-vomica.

E, como um homem doido que se esforça,  
Tentava, na terraquea superficie,  
Consustanciar-me todo com a immundicie,  
Confundir-me com aquella coisa porca !

Vinha, ás vezes, porém, o anhelos instavel  
De, com o auxilio especial do osso masseter  
Mastigando homœomerias neutras de ether  
Nutrir-me de materia imponderavel.

Anhelava ficar um dia, em summa,  
Menor que o amphyoxus e inferior á tenia,  
Reduzido á plastídula homogenea,  
Sem differenciação de especie alguma.

Era (nem sei em synthese o que diga)  
Um velhissimo instincto atávico, era  
A saudade inconsciente da monéra,  
Que havia sido minha mãe antiga !

Com o horror tradicional da raiva cõrsa  
Minha vontade era, perante a cova,  
Arrancar do meu proprio corpo a prova  
Da persistencia trágica da força.

A pragmatica má de humanos usos  
Não compreende que a Morte que não dorme  
E' a absorpção do movimento enorme  
Na dispersão dos átomos diffusos.

Não me incommoda esse ultimo abandono.  
Se a carne individual hoje apodrece,  
Amanhã, como Christo, reaparece  
Na universalidade do carbono !

A vida vem do ether que se condensa,  
Mas o que mais no Cosmos me entusiasma  
E' a esfera microscópica do plasma  
Fazer a luz do cerebro que pensa.

Eu voltarei, cansado da ardua liça,  
A' substancia inorgânica priméva,  
De onde, por epigénese, veio Eva  
E a *stirpe radiolar* chamada *Actissa* !

Quando eu fôr misturar-me com as violetas,  
Minha lyra, maior que a *Biblia* e a *Phédra*,  
Reviverá, dando emoção á pedra,  
Na acustica de todos os planetas !

## VI

A' algida agulha, agora, alva, a saraiva  
Cahindo, análoga era . . . Um cão agora  
Punha a atra lingua hydróphoba de fóra  
Em contracções myológicas de raiva.

Mas, para além, entre oscillantes chammas,  
Acordavam os bairros da luxuria . . .  
As prostitutas, doentes de hematuria,  
Se extenuavam nas camas.

Uma, ignobil, derreada de cansaço,  
Quasi que escangalhada pelo vicio,  
Cheirava com prazer no sacrificio  
A lepra má que lhe roia o braço !

E ensanguentava os dedos da mão nivea  
Com o sentimento gasto e a emoção pobre,  
Nessa alegria barbara que cobre  
Os saracoteamentos da lascivia . . .

De certo, a perversão de que era prêsa  
O *sensorium* daquela prostituta  
Vinha da adaptação quasi absoluta  
A' ambiencia microbiana da baixeza!

Entanto, virgem fostes, e, quando o ereis,  
Não tinheis ainda essa erupção cutanea,  
Nem tinheis, victima ultima da insania,  
Duas mammarias glândulas estereis!

Ah! Certamente, não havia ainda  
Rompido, com violencia, no horizonte,  
O sol malvado que seccou a fonte  
De vossa castidade agora finda!

talvez tivesses fome, e as mãos, em balde,  
Extendestes ao mundo, até que, a tôa,  
Fostes vender a virginal corôa  
Ao primeiro bandido do arrabalde.

E estais velha! — De vós o mundo é farto,  
E hoje, que a sociedade vos enxota,  
Sómente as *bruxas* negras da derrota  
Frequentam diariamente vosso quarto!

Promettem-vos (quem sabe ? ! ) entre os cyprestes  
Longe da mancebia dos alcouces,  
Nas quietudes nirvânicas mais doces,  
O noivado que em vida não tivestes!

**VII**

Quasi todos os lutos conjugados,  
Como uma associação de monopólio,  
Lançavam pinceladas pretas de óleo  
Na architectura archaica dos sobrados.

Dentro da noite funda um braço humano  
Parecia cavar ao longe um poço  
Para enterrar minha illusão de moço,  
Como a bocca de um poço artesiano!

Atabalhoadamente pelos bêcos,  
Eu pensava nas coisas que perecem,  
Desde as musculaturas que apodrecem  
A' ruina vegetal dos lyrios seccos.

Scismava no proposito funéreo  
Da mosca debochada que fareja  
O defunto, no chão frio da egreja,  
E vai depois leval-o ao cemiterio !

E esfregando as mãos magras, eu, inquieto,  
Sentia, na craneana caixa tôscas,  
A racionalidade dessa mosca,  
A consciencia terrível desse insecto !

Regougando, porém, *argots* e aljâmias,  
Como quem nada encontra que o perturbe,  
A energúmena grey dos ebrios da uibe  
Festejava seu sabbado de infâmias.

A estática fatal das paixões cegas,  
Rugindo fundamente nos neuronios,  
Puxava aquelle povo de demonios  
Para a promiscuidade das adégas.

E a ebria turba que escáras sujas masca,  
A' falta idiosyncrásica de escrupulo,  
Absorvia com gaudio absintho, lúpulo  
E outras substancias toxicas da tasca.

O ar ambiente cheirava a ácido acético,  
Mas, de repente, com o ar de quem empesta,  
Apareceu, escorraçando a festa,  
A mandíbula inchada de um morphético !

Saliências polymórficas vermelhas,  
Em cujo aspecto o olhar perspicuo prendo,  
Punham-lhe num destaque horrendo o horrendo  
Tamanho aberratorio das orelhas.

O facies do morphético assombrava !  
— Aquillo éra uma negra eucharistia,  
Onde minha alma inteira surprehendia  
A Humanidade que se lamentava !

Era todo o meu sonho, assim, inchado,  
Já podre, que a morphéa miseravel  
Tornava ás impressões tactis, papavel,  
Como se fosse um corpo organizado !

## VIII

Em torno a mim, nesta hora, estryges vôam,  
E o cemiterio, em que eu entrei adrede,  
Dá-me a impressão de um boulevard que fede,  
Pela degradação dos que o povoam.

Quanta gente, roubada á humana cohorte,  
Morre de fome, sobre a palha espessa,  
Sem ter, como Ugolino, uma cabeça  
Que possa mastigar na hora da morte ;

E núa, após baixar ao cháos budhista,  
Vem para aqui, nos braços de um canalha,  
Porque o madapolão para a mortalha  
Custa 1\$200 ao logista !

Que resta das cabeças que pensaram?!  
E afundado nos sonhos mais nefastos,  
Ao pegar num milhão de miolos gastos,  
Todos os meus cabellos se arripiaram.

Os evolucionismos bemfeitores  
Que por entre os cadáveres caminham,  
Iguaes a irmãs de caridade, vinham  
Com a podridão dar de comer ás flôres!

Os defuntos então me offerciam  
Com as articulaçõse das mãos inermes,  
Num prato de hospital, cheio de vermes,  
Todos os animaes que apodreciam!

E' possivel que o estomago se afoite  
(Muito embora contra isto a alma se irrite)  
A cevar o anthropóphago appetite,  
Comendo carne humana, á meia noite!

Com uma illimitadissima tristeza,  
Na impaciencia do estomago vasio,  
Eu devorava aquelle bôlo frio  
Feito das podridões da Natureza!

E hirto, a camisa suada, a alma aos arrancos,  
Vendo passar com as tunicas obscuras,  
As escaveiradíssimas figuras  
Das negras deshonradas pelos brancos !

Pisando, como quem salta entre fardos,  
Nos corpos nús das moças hotentotes  
Entregues, ao clarão de alguns archotes,  
A' sodomia indigna dos moscardos ;

Eu maldizia o deus de mãos nefandas  
Que, transgredindo a igualitaria regra  
Da Natureza, atira a raça negra  
Ao contubernio diario das quitandas !

Na evolução de minha dôr grotesca,  
Eu mendigava aos vermes insubmissos  
Como indemnização dos meus serviços,  
O beneficio de uma cóva fresca.

Manhã. E eis-me a absorver a luz de fóra,  
Como o íncola do polo ártico, ás vezes,  
Absorve, após a niote de seis mezes,  
Os raios calorificos da aurora.

Nunca mais as gotteiras cahiriam  
Como propositaes settas malvadas,  
No frio matador das madrugadas,  
Por sobre o coração dos que soffriam !

Do meu cerebro á absconsa taboa rasa  
Vinha a luz restituir o antigo crédito,  
Proporcionando-me o prazer inédito,  
De quem possui um sol dentro de casa.

Era a volupia fúnebre que os ossos  
Me inspiravam, trazendo-me ao sol claro,  
A' apprehensão physiológica do faro  
O odôr cadaveroso dos destroços !

**IX**

O inventario do que eu já tinha sido  
Espantava. Restavam só de Augusto  
A fórma de um mamífero vetusto  
E a cerebralidade de um vencido !

O genio procreador da especie eterna  
Que me fizera, em vez de hyena ou lagarta,  
Uma sobrevivencia de Siddhartha,  
Dentro da phylogénese moderna ;

E arrancara milhares de existencias  
Do ovario ignobil de uma fauna immunda,  
Ia arrastando agora a alma infecunda  
Na mais triste de todas as fallencias.

Um céu calamitoso de vingança  
Desaggregava, déspota e sem normas,  
O adhesionismo biontico das fórmulas  
Multiplicadas pela lei da herança !

A ruína vinha horrenda e deletéria  
Do subsolo infeliz, vinha de dentro  
Da matéria em fusão que ainda ha no centro,  
Para alcançar depois a periphéria !

Contra a Arte, oh ! Morte, em vão teu odio exerces !  
Mas, a meu ver, os saxeos prédios tortos  
Tinham aspectos de edificios mortos  
Decompondo-se desde os alicerces !

A doença era geral, tudo a extenuar-se  
Estava. O espaço abstracto que não morre  
Cansara . . . O ar que, em colonias fluidas, corre,  
Parecia tambem desagregar-se !

Os pródromos de um tétano medonho  
Repuxavam-me o rosto . . . Hirto de espanto,  
Eu sentia nascer-me na alma, entanto,  
O começo magnifico de um sonho !

Entre as fórmulas decrépitas do povo,  
Já batiam por cima dos estragos  
A sensação e os movimentos vagos  
Da célula inicial de um Cósmos novo!

O lethargo larvário da cidade  
Crescia. Igual a um parto, numa fumaça,  
Vinha da original treva nocturna  
O vagido de uma outra Humanidade!

E eu, com os pés atolados no Nirvana,  
Acompanhava, com um prazer secreto,  
A gestação daquelle grande feto,  
Que vinha substituir a Especie Humana!

## ASA DE CORVO

Asa de còrvos carniceiros, asa  
De mau agouro que, nos doze mezes,  
Cobre ás vezes o espaço e cobre as vezes  
O telhado de nossa propria casa . . .

Perseguido por todos os revezes,  
E' meu destino viver junto a essa asa,  
Como a cinza que vive junto á brasa,  
Como os Goncourts, como os irmãos siamezes !

E' com essa asa que eu faço este soneto  
E a industria humana faz o panno preto  
Que as familias de lucto martyriza. . .

E' ainda com essa asa extraordinaria  
Que a Morte — a costureira funeraria —  
Cose para o homem a ultima camisa !

## UMA NOITE NO CAIRO

Noite no Egypto. O ceu claro e profundo  
Fulgura. A rua é triste. A Lua Cheia  
Está sinistra, e, sobre a paz do mundo,  
A alma dos Pharaós anda e vagueia.

Os mastins negros vão iadrando á lua . . .  
O Cairo é de uma formosura archaica.  
No angulo mais recondito da rua  
Passa cantando uma mulher hebraica.

O Egypto é sempre assim quando anoitece !  
A's vezes, das pyramides o quêdo  
E atro perfil, exposto ao luar, parece  
Uma sombria interjeição de medo !

Como um contraste áquelles misereres,  
Num kiosque em festa a alegre turba grita  
E dentro dançam homens e mulheres  
Numa agglomeração cosmopolita.

Tanto do vinho, um saltimbanco da Asia,  
Cavulso e rôto, no apogêu da furia,  
Executando evoluções de *razzia*  
Solta um brado epiléptico de injuria!

Em derredor duma ampla mesa preta  
— Ultima nota do connubio infando —  
Vêem-se dez Jogadores de roleta  
Fumando, discutindo, conversando.

Reaplandece a celeste superficie.  
Dorme soturna a natureza sabia . . .  
Em baixo, na mais proxima planicie,  
Pasta um cavallo esplendido da Arabia.

Vaga no espaço um sylpho solitario.  
Trôam kinnors! Depois tudo é tranquillo . . .  
Apenas, como um velho stradivario,  
Soluça toda a noite a agua do Nilo!

## O MARTYRIO DO ARTISTA

Arte ingrata! E comquanto, em desalento,  
A órbita ellipsoidal dos olhos lhe arda,  
Busca exteriorizar o pensamento  
Que em suas phronetaes células guarda!

Tarda-lhe e Idéa! A Inspiração lhe tarda!  
E eil-o a tremer, rasga o papel, violento,  
Como o soldado que rasgou a farda  
No desespero do ultimo momento!

Tenta chorar e os olhos sente enxutos! . . .  
E' como o paralytico que, á mingoa  
Da propria voz e na que ardente o lavra

Febre de em vão falar, com os dedos brutos  
Para falar, puxa e repuxa a lingua,  
E não lhe vem á bocca uma palavra!

## DUAS ESTROPHES

( A' MEMORIA DE JOÃO DE DEUS )

Ahi ciechi ! il tanto affaticar che giova ?  
Tulli torniamo alla gran madre antica  
E il nostro nome oppena siritrova.

PETRARCA

A queda do teu lyrico arrabil  
De um sentimento portuguez ignoto  
Lembra Lisbôa, bella como um brinco,  
Que um dia, no anno tragico de mil  
E setecentos e cincoenta e cinco,  
Foi abalada por um terremoto !

A agua quieta do Tejo te abençôa.  
Tu representas toda essa Lisbôa  
De glorias quasi sobrenaturaes,  
Apenas com uma differença triste,  
Com a differença que Lisbôa existe  
E tu, amigo, não existes mais !

## O MAR, A ESCADA E O HOMEM

«Olha agora, mammifero inferior,  
«A' luz da epicurista *ataraxia*,  
«O fracasso de tua geographia  
«E do teu escaphandro esmiuçador!

«Ah! jámais saberás ser superior,  
«Homem, a mim, comquanto ainda hoje em dia,  
«Com a ampla hélice auxiliar com que outrora ia  
«Voando ao vento o vastissimo vapor,

«Rasgue a agua hórrida a nau árdega e singre-me! »  
E a verticalidade da Escada ingreme:  
«Homem, já transpuzeste os meus degraus?! »

E Augusto, o Hercules, o Homem, aos soluços,  
Ouvindo a Escada e o Mar, cahiu de bruços  
No pandemonio aterrador do Chãos!

## DECADENCIA

Iguaes ás linhas perpendiculares  
Cahiaram, como crueis e hórridas hastas,  
Nas suas 33 vértebras gastas  
Quasi todas as pedras tumulares!

A frialdade dos circulos polares,  
Em successivas actuações nefastas,  
Penetrara-lhe os proprios neuroplastas,  
Estragara-lhe os centros medulares!

Como quem quebra o objecto mais querido  
E começa a apanhar piedosamente  
Todas as microscopicas particulas,

Elle hoje vê que, após tudo perdido,  
Só lhe restam agora o ultimo dente  
E a armação funeraria das claviculas!

## RICORDANZA DELLA MIA GIOVENTÙ

A minha ama de leite Guilhermina  
Furtava as moedas que o Doutor me dava.  
Sinhá-Mocinha, minha Mãe, ralhava . . .  
Via naquillo a minha propria ruina !

Minha ama, então, hypocrita, affectava  
Susceptibilidades de menina :  
« — Não, não fôra ella ! — » E maldizia a sina,  
Que ella absolutamente não furtava.

Vejo, entretanto, agora, em minha cama,  
Que a mim sómente cabe o furto feito . . .  
Tu só furtaste a moeda, o ouro que brilha . . .

Furtaste a moeda só, mas eu, minha ama,  
Eu furtei mais, porque furtei o peito  
Que dava leite para a tua filha !

## A UM MÁSCARADO

Rasga esta máscara optima de sêda  
E atira-a á arca ancestral dos palimpsestos . . .  
E' noite, e, á noite, a escândaios e incestos  
E' natural que o instinto humano accêda !

Sem que te arranquem da garganta quêda  
A interjeição damnada dos protestos,  
Has de engulir, igual a um porco, os restos  
Duma comida horrivelmente azêda !

A successão de hebdómadás medonhas  
Reduzirá os mundos que tu sonhas  
Ao microcósmos do ovo primitivo . . .

E tu mesmo, após a ardua e atra refréga,  
Terás sómente uma vontade céga  
E uma tendencia obscura de ser vivo !

## VOZES DE UM TUMULO

Morri! E a Terra — a mãe comum — o brilho  
Destes meus olhos apagou! . . . Assim  
Tântalo, aos reaes convivas, num festim,  
Serviu as carnes do seu proprio filho!

Porque para este cemiterio vim?!  
Porque?! Antes da vida o angusto trilho  
Palmilhasse, do que este que palmilho  
E que me assombra, porque não tem fim!

No ardor do sonho que o phronéna exalta  
Construi de orgulho enea pyramide alta . . .  
Hoje, porém, que se desmoronou

A pyramide real do meu orgulho,  
Hoje que apenas sou materia e entulho  
Tenho consciencia de que nada sou!

## CONTRASTES

A antithese do novo e do obsoleto,  
O Amor e a Paz, o Odio e a Carnificina,  
O que o homem ama e o que o homem abomina,  
Tudo convem para o homem ser completo !

O angulo obtuso, pois, e o angulo recto,  
Uma feição humana e outra divina  
São como a exhymenina e a endhymenina  
Que servem ambas para o mesmo féto !

Eu sei tudo isto mais do que o Ecclesiastes !  
Por juxtaposição destes contrastes,  
Junta-se um hemispherio a outro hemispherio,

A's alegrias juntam-se as tristezas,  
E o carpinteiro que fabrica as mesas  
Faz tambem os caixões do cemiterio ! . . .

## GEMIDOS DE ARTE

### I

Esta desillusão que me acabrunha  
E' mais traidora do que o foi Pilatos! . . .  
Por causa disto, eu vivo pelos mattos,  
Magro, roendo a substancia córnea da unha.

Tenho estremecimentos indecisos  
E sinto, haurindo o tépido ar sereno,  
O mesmo assombro que sentiu Parpheno  
Quando arrancou os olhos de Dyonisos!

Em gyro e em redemoinho em mim caminham  
Rispidas maguas estranguladoras,  
Taes quaes, nos fortes fulcros, as tesouras  
Bronzeas, tambem gyram e redemoinham.

Os pães — filhos legitimos dos trigos —  
Nutrem a geração do Odio e da Guerra . . .  
Os cachorros anonymos da terra  
São talvez os meus unicos amigos !

Ah ! Por que desgraçada contingencia  
A' hispida aresta saxeia aspera e abrupta  
Da rocha brava, numa ininterrupta  
Adhesão, não preendi minha existencia ? !

Porque Jehovah, maior do que Laplace,  
Não fez cahir o tumulo de Plinio  
Por sobre todo o meu raciocinio  
Para que eu nunca mais raciocinasse ? !

Pois minha Mãe tão cheia assim daquelles  
Carinhos, com que guarda meus sapatos,  
Porque me deu consciencia dos meus actos  
Para eu me arrepender de todos elles ? !

Quizera antes, mordendo glabros talos,  
Nabuchodonosor ser no Pau d'Arco,  
Beber a acre e estagnada agua do charco,  
Dormir na mangedoura com os cavallos !

Mas a carne é que é humana! A alma é divina,  
Dorme num leito de feridas, goza  
O lodo, apalpa a úlcera cancerosa,  
Beija a peçonha, e não se contamina!

Ser homem! escapar de ser abôrto!  
Sahir de um ventre inchado que se anoja,  
Comprar vestidos pretos numa loja  
E andar de lucto pelo pae que é morto!

E por trezentos e sessenta dias  
Trabalhar e comer! Martyrios juntos!  
Alimentar-se dos irmãos defuntos,  
Chupar os ossos das alimárias!

Barulho de mandibulas e abdomens!  
E vem-me com um desprezo por tudo isto  
Uma vontade absurda de ser Christo  
Para sacrificar-me pelos homens!

Soberano desejo! Soberana  
Ambição de construir para o homem uma  
Região, onde não cuspa lingua alguma  
O oleo rançoso da saliva humana!

Uma região sem nodoas e sem lixos,  
Subtrahida á hediondez de infimo casco,  
Onde a força feroz coma o carrasco  
E o olho do estuprador se encha de bichos!

Outras constellações e outros espaços  
Em que, no agudo grau da ultima crise,  
O braço do ladrão se paralyse  
E a mão da meretriz cáia aos pedaços!

## II

O sol agora é de um fulgor compacto,  
E eu vou andando, cheio de chamusco,  
Com a flexibilidade de um mollusco,  
Humido, pegajoso e unctuoso ao tacto !

Reunam-se em rebelião ardente e accesa  
Todas as minhas forças emotivas  
E armem ciladas como cobras vivas  
Para despedaçar minha tristeza !

O sol de cima espiando a flora moça  
Arda, fustigue, queime, corte, morda ! . . .  
Deleito a vista na verdura gorda  
Que nas hastes delgadas se balouça !

Avisto o vulto das sombrias granjas  
Perdidas no alto . . . Nos terrenos baixos,  
Das laranjeiras eu admiro os cachos  
E a ampla circumferencia das laranjas.

Ladra furiosa a tribu dos podengos.  
Olhando para as pútridas charnécas  
Grita o exercito avulso das marrécas  
Na humida cópa dos bambús verdoengos.

Um passaro alvo artifice da teia  
De um ninho, salta, no árdego trabalho,  
De arvore em arvore e de galho em galho,  
Com a rapidez duma semi-colcheia.

Em grandes semi-circulos aduncos,  
Entrançados, pelo ar, largando pelos,  
Vôam á similhaça de cabellos  
Os chicotes finissimos dos juncos.

Os ventos vagabundos batem, bolem  
Nas arvores. O ar cheira. A terra cheira . . .  
E a alma dos vegetaes rebenta inteira  
De todos os corpusculos do pollen.

A camara nupcial de cada ovario  
Se abre. No chão collêa a lagartixa.  
Por toda a parte a seiva bruta esguicha  
Num extravazamento involuntario.

Eu, depois de morrer, depois de tanta  
Tristeza, quero, em vez do nome — *Augusto*,  
Possuir ahi o nome dum arbusto  
Qualquer ou de qualquer obscura planta !

**III**

Pelo accidentadissimo caminho  
Faisca o sol. Nédios, batendo a cauda,  
Urram os bois. O céu lembra uma lauda  
Do mais incorruptivel pergaminho.

Uma atmospherá má de incommoda hulha  
Abafa o ambiente. O aziago ar morto a morte  
Féde. O ardente calor da areia forte  
Racha-me os pés como se fosse agulha.

Não sei que subterranea e atra voz rouca,  
Por saibros e por cem concavos valles,  
Como pela avenida das Mappales,  
Me arrasta á casa do finado *Tôca!*

Todas as tardes a esta casa venho.  
Aqui, outrora, sem conchego nobre,  
Viveu, sentiu e amou este homem pobre  
Que carregava cannas para o engenho!

Nos outros tempos e nas outras eras,  
Quantas flôres! Agora, em vez de flôres,  
Os musgos, como exóticos pintores,  
Pintam caretas verdes nas tapéras.

Na bruta dispersão de vitreos cacos,  
A' dura luz do sol resplandecente,  
Tropega e antiga, uma parede doente  
Mostra a cara medonha dos buracos.

O cupim negro bróca o ámago fino  
Do tecto. E traça trombas de elephantes  
Com as circumvoluções extravagantes  
Do seu complicadíssimo intestino.

O lodo obscuro trepa-se nas portas.  
Amontoadas em grossos feixes rijos,  
As lagartixas dos esconderijos  
Estão olhando aquellas coisas mortas!

Fico a pensar no Espirito disperso  
Que, unindo a pedra ao gneiss e a arvore á creança,  
Como um anel enorme de alliança,  
Une todas as coisas do Universo !

E assim pensando, com a cabeça em brasas  
Ante a fatalidade que me opprime,  
Julgo ver este Espirito sublime,  
Chamando-me do sol com as suas asas !

Gosto do sol ignivomo e iracundo  
Como o reptil gosta quando se molha  
E na atra escuridão dos ares, olha  
Melancolicamente para o mundo !

Essa alegria immaterializada,  
Que por vezes me absorve, é o obolo obscuro,  
E' o pedaço já pôdre de pão duro  
Que o miseravel recebeu na estrada !

Não são os cinco mil milhões de francos  
Que a Allemanha pediu a Jules Favre . . .  
E' o dinheiro coberto de azinhavre  
Que o escravo ganha, trabalhando aos brancos !

Seja este sol meu ultimo consolo ;  
E o espirito infeliz que em mim se encarna  
Se alegre ao sol, como quem raspa a sarna,  
Só, com a misericordia de um tijolo ! . . .

Tudo emfim a mesma órbita percorre  
E as boccas vão beber o mesmo leite . . .  
A lamparina quando falta o azeite  
Morre, da mesma fórma que o homem morre.

Subito, arrebrandando a horrenda calma,  
Grito, e se grito é para que meu grito  
Seja a revelação deste Infinito  
Que eu trago encarcerado na minha alma !

Sol brasileiro ! Queima-me os destroços !  
Quero assistir, aqui, sem pae que me ame,  
De pé, á luz da consciencia infame,  
A' carbonização dos proprios ossos !

## VERSOS DE AMOR

A um poeta erótico

Parece muito doce aquella canna.  
Descasco-a, provo-a, chupo-a . . . Ilusão trêda!  
O amor, poeta, é como a canna azêda,  
A toda a bocca que o não prova engana.

Quiz saber que era o amor, por experiencia,  
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,  
Pudéra eu ter, eu que idolátro o estudo,  
Todas as sciencias menos esta sciencia!

Certo, este o amor não é que, em ancias, amo  
Mas certo, o egoista amor este é que acinte  
Amas, opposto a mim. Por conseguinte  
Chamas amor aquillo que eu não chamo.

Opposto ideal ao meu ideal conservas.  
Diverso é, pois, o ponto outro de vista  
Consoante o qual, observo o amor, do egoista  
Modo de ver, consoante o qual, o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou amando,  
E' espirito, é ether, é substancia fluida,  
E' assim como o ar que a gente péga e cuida,  
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

E' a transubstanciação de instinctos rudes,  
Imponderabilissima a impalpavel,  
Que anda acima da carne miseravel  
Como anda a garça acima dos açudes!

Para reproduzir tal sentimento  
Daqui por deante, attenta a orelha cauta,  
Como Marsyas — o inventor da flauta —  
Vou inventar tambem outro instrumento!

Mas de tal arte e especie tal fazêl-o  
Ambiciono, que o idioma em que te eu falo  
Possam todas as linguas declinal-o  
Possam todos os homens comprehendel-o!

Para que, enfim, chegando á ultima calma  
Meu pôdre coração rôto não role,  
Integralmente desfibrado e molle,  
Como um sacco vasio dentro da alma !



*Andrade Queiroz*  
*920*

## SONETOS

### I

A meu Pae doente

Para onde fôres, Pae, para onde fôres,  
Irei tambem, trilhando as mesmas ruas . . .  
Tu, para amenizar as dôres tuas,  
Eu, para amenizar as minhas dôres !

Que cousa triste ! O campo tão sem flôres,  
E eu tão sem crença e as arvores tão nuas,  
E tu, gemendo, e o horror de nossas duas  
Maguas crescendo e se fazendo horrores !

Maguaram-te, meu Pae ? ! Que mão sombria,  
Indifferente aos mil tormentos teus  
De assim maguar-te sem pesar havia ? !

— Seria a mão de Deus ? ! Mas Deus enfim  
E' bom, é justo, e, sendo justo, Deus,  
Deus não havia de maguar-te assim !

## II

A meu Pae morto

Madrugada de Treze de Janeiro.  
Rezo, sonhando, o officio da agonia.  
Meu Pae nessa hora junto a mim morria  
Sem um gemido, assim como um cordeiro !

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro !  
Quando acordei, cuidei que elle dormia,  
E disse á minha Mãe que me dizia :  
«Acórda-o ! » deixa-o, Mãe, dormir primeiro !

E sahi para ver a Natureza !  
Em tudo o mesmo abysmo do belleza,  
Nem uma nevoa no estrellado véu . . .

Mas pareceu-me, entre as estrellas floreas,  
Como Elias, num carro azul de glorias,  
Ver a alma de meu Pae subindo ao Céu !

### III

Pôdre meu Pae! A Morte o olhar lhe vidra.  
Em seus lábios que os meus lábios osculam  
Micro-organismos fúnebres pullulam  
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hydra  
A uma só lei biológica vinculam,  
E a marcha das moléculas regulam,  
Com a invariabilidade da clepsydra! . . .

Pôdre meu Pae! E a mão que enchi de beijos  
Róida toda de bichos, como os queijos  
Sobre a mesa de orgiacos festins! . . .

Amo meu Pae na atômica desordem  
Entre as boccas necróphagas que o mordem  
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

## DEPOIS DA ORGIA

O prazer que na orgia a hetaira goza  
Produce no meu *sensorium* de bacchante  
O effeito de uma túnica brilhante  
Cobrindo ampla apostema escrophulosa !

Troveja ! E anhelo ter, soffrega e anciosa,  
O *systema* nervoso de um gigante  
Para soffrer na minha carne estuante  
A dor da força cósmica furiosa.

Apraz-me, enfim, despindo a ultima alfaia  
Que ao commercio dos homens me traz presa,  
Livre deste cadeado de peçonha,

Similhante a um cachorro de atalaia  
A's decomposições da Natureza,  
Ficar latindo minha dor medonha !

## A ARVORE DA SERRA

— As arvores, meu filho, não têm alma!  
E esta arvore me serve de impecilho . . .  
E' preciso cortal-a, pois, meu filho,  
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pae, porque sua ira não se acalma?!  
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!  
Deus pôz almas nos cedros . . . no junquilha . . .  
Esta arvore, meu pae, possui minha alma! . . .

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:  
«Não mate a arvore, pae, para que eu viva!»  
E quando a arvore, olhando a patria serra,

Cahiu aos golpes do machado bronco,  
O moço triste se abraçou com o tronco  
E nunca mais se levantou da terra!

## VENCIDO

No auge de atordoadora e ávida sanha  
Leu tudo, desde o mais pristino mytho,  
Por exemplo : o do boi Apis do Egypto  
Ao velho Niebelungen da Allemanha.

Accommettido de uma fébre extranha  
Sem o escândalo phónico de um grito,  
Mergulhou a cabeça no Infinito,  
Arrancou os cabellos na montanha !

Desceu depois á gleba mais bastarda,  
Pondo a aurea insignia heráldica da farda  
A' vontade do vomito plebeu . . .

E ao vir-lhe o cuspo diario á bocca fria  
O vencido pensava que cuspia  
Na célula infeliz de onde nasceu.

## O CORRUPIÃO

Escaveirado corrupião idiota,  
Olha a atmospherá livre, o amplo ether bello,  
E a alga cryptógama e a usnea e o cogumelo,  
Que do fundo do chão todo o anno brota!

Mas a ancia de alto voar, de á antiga rota  
Voar, não tens mais! E, pois, preto e amarello,  
Pões-te a assobiar, bruto, sem cerebello  
A gargalhada da ultima derrota!

A gaiola aboliu tua vontade.  
Tu nunca mais verás a liberdade! . . .  
Ah! Tu sómente ainda és igual a mim.

Continúa a comer teu milho alpiste.  
Foi este mundo que me fez tão triste,  
Foi a gaiola que te pôz assim!

## NOITE DE UM VISIONÁRIO

Numero cento e três. Rua Direita.  
Eu tinha a sensação de quem se esfóla  
E inopinadamente o corpo atóla  
Numa poça de carne liquefeita !

— « Que esta allucinação táctil não cresça ! »  
— Dizia ; e erguia, oh ! céu, alto, por vêr-vos,  
Com a rebeldia acerrima dos nervos  
Minha atormentadíssima cabeça.

E' a potencialidade que me eleva  
Ao grande Deus, e absorve em cada viagem  
Minha alma — este sombrio personagem  
Do drama pantheístico da treva !

Depois de dezeseis annos de estudo  
Generalizações grandes e ousadas  
Traziam minhas forças concentradas  
Na comprehensão monistica de tudo.

Mas a aguadilha pútrida o hombro inérme  
Me aspergia, banhava minhas tibias,  
E a ella se alliava o ardor das syrtes lybias,  
Cortando o melanismo da epiderme.

Ahrimánico genio destructivo  
Desconjuntava minha autónoma alma  
Esbandalhando essa unidade calma,  
Que fórma a coherencia do ser vivo.

E eu sahi a tremer com a lingua grossa  
E a volição no cumulo do exicio,  
Como quem é levado para o hospicio  
Aos trambolhões, num canto de carroça!

Perante o inexoravel céu accêso  
Aggregações abióticas espúrias,  
Como uma cara, recebendo injurias,  
Recebiam os cuspos do desprezo.

A essa hora, nas telluricas reservas,  
O reino mineral americano  
Dormia, sob os pés do orgulho humano,  
E a cimalha minúscula das hervas.

E não haver quem, integra, lhe entregue,  
Com os ligamentos glótticos precisos,  
A liberdade de vingar em risos  
A angustia millenaria que o persegue!

Bolia nos obscuros labyrinthos  
Da fertil terra gorda, humida e fresca,  
A infima fauna abscondita e grostesca  
Da familia bastárda dos helminthos.

As vegetalidades subalternas  
Que os serenos nocturnos orvalhavam,  
Pela alta frieza intrinseca, lembravam  
Toalhas molhadas sobre as minhas pernas.

E no estrume fresquissimo da gleba  
Formigavam, com a simplice sarcóde,  
O vibrião, o ancylóstomo, o colpóde  
E outros irmãos legitimos da amœba!

E todas essas fôrmas que Deus lança  
No Cosmos, me pediam, com o ar horrivel,  
Um pedaço de lingua disponivel  
Para a philogenetica vingança!

A cidade exhalava um pôdre bafio:  
Os annucios das casas de commercio,  
Mais tristes que as elégias de Propércio,  
Pareciam talvez meu epitaphio.

O motor teleológico da Vida  
Parara! Agora, em diástoles de guerra,  
Vinha do coração quente da terra  
Um rumor de materia dissolvida.

A chimica feroz do cemiterio  
Transformava porções de átomos juntos  
No oleo malsão que escorre dos defuntos,  
Com a abundancia de um *geyser* deletério.

Dedos denunciadores escreviam  
Na lúgubre extensão da rua preta  
Todo o destino negro do planeta,  
Onde minhas moléculas soffriam.

Um necróphilo mau forçava as lousas  
E eu — coetaneo do horrendo cataclysmo —  
Era puxado para aquelle abysmo  
No rodomoinho universal das cousas !

## ALLUCINAÇÃO À BEIRA-MAR

Um medo de morrer meus pés esfriava.  
Noite alta. Ante o tellurico recórte,  
Na diuturna discordia, a equorea cohorte  
Atordoadoramente ribombava !

Eu, ególatra scéptico, scismava  
Em meu destino ! . . . O vento estava forte  
E aquella mathematica da Morte  
Com os seus numeros negros, me assombrava !

Mas a alga usufructuaria dos oceanos  
E os malacopterygios subrachianos  
Que um castigo de especie emmudeceu,

No eterno horror das convulsões maritimas,  
Pareciam tambem corpos de victimas  
Condemnadas á Morte, assim como eu !

## VANDALISMO

Meu coração tem cathedraes immensas,  
Templos de priscas e longinquas datas,  
Onde um nume de amor, em serenatas,  
Canta a alleluia virginal das crenças.

Na ogiva fulgida e nas columnatas  
Vertem lustraes irradiações intensas  
Scintillações de lampadas suspensas  
E as amethystas e os florões e as pratas.

Como os velhos Templarios medievaes  
Entre um dia nessas cathedraes  
E nesses templos claros e risonhos . . .

E erguendo os gládios e brandindo as hastas,  
No desespero dos iconoclastas,  
Quebrei a imagem dos meus proprios sonhos!

## VERSOS INTIMOS

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última chimera.  
Sómente a Ingratidão — esta panthera —  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te á lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora entre fêras, sente inevitável  
Necessidade de também ser féra.

Toma um phosphoro. Accende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a vespera do escarro,  
A mão que affaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te affaga,  
Escarra nessa bocca que te beija!

## VENCEDOR

Toma as espadas rútilas, guerreiro,  
E, á rutilancia das espadas, toma  
A adaga de aço, o gladio de aço, e doma  
Meu coração — extranho carniceiro!

Não podes?! Chama então presto o primeiro  
E o mais possante gladiador de Roma.  
E qual mais prompto, e qual mais presto assoma,  
Nenhum pode domar o prisioneiro.

Meu coração triumphava nas arenas.  
Veiu depois um domador de hyenas  
E outro mais, e, por fim, veiu um atleta,

Vieram todos, por fim; ao todo, uns cem . . .  
E não pode domal-o emfim ninguem,  
Que ninguem doma um coração de poeta!

## A ILHA DE CYPANGO

Estou sósinho! A estrada se desdobra  
Como uma imensa e rutilante cobra  
De epiderme finíssima de areia . . .  
E por essa finíssima epiderme  
Eis-me passeando como um grande verme  
Que, ao sol, em plena podridão, passeia!

A agonia do sol vai ter começo!  
Caio de joelhos, tremulo . . . Offereço  
Preces a Deus de amor e de respeito  
E o Occaso que nas aguas se retrata  
Nitidamente reproduz, exacta,  
A saudade interior que ha no meu peito . . .

Tenho allucinações de toda a sorte . . .  
Impressionado sem cessar com a Morte  
É sentindo o que um lázaro não sente,  
Em negras nuanças lúgubres e aziagas  
Vejo terribilíssimas adagas,  
Atravessando os ares bruscamente.

Os olhos volvo para o céu divino  
E observo-me pygmeu e pequenino  
Através de minúsculos espelhos.  
Assim, quem deante duma cordilheira,  
Pára, entre assombros, pela vez primeira,  
Sente vontade de cair de joelhos!

Sôa o rumor fatidico dos ventos,  
Annunciando desmoronamentos  
De mil lagedos sobre mil lagedos . . .  
E ao longe sôam trágicos fracassos  
De heroes, partindo e fracturando os braços  
Nas pontas escarpadas dos rochedos!

Mas de repente, num enleio doce,  
Qual se num sonho arrebatado fosse,  
Na ilha encantada de Cypango tombo,  
Da qual, no meio, em luz perpetua, brilha,  
A arvore da perpetua maravilha,  
A cuja sombra descansou Colombo!

Foi nessa ilha encantada de Cypango,  
Verde, affectando a fórma de um losango,  
Rica, ostentando amplo floral risonho,  
Que Toscanelli viu seu sonho extinto  
E como succedeu a Affonso Quinto  
Foi sobre essa ilha que extingui meu sonho!

Lembro-me bem. Nesse maldito dia  
O genio singular da Fantasia  
Convidou-me a sorrir para um passeio . . .  
Iriamos a um paiz de eternas pazes  
Onde em cada deserto ha mil oasis  
E em cada rocha um crystallino veio.

Gozei numa hora seculos de affagos,  
Banhei-me na agua de risonhos lagos  
E finalmente me cobri de flôres . . .  
Mas veiu o vento que a Desgraça espalha  
E cobriu-me com o panno da mortalha,  
Que estou cosendo para os meus amores!

Desde então para cá fiquei sombrio!  
Um penetrante e corrosivo frio  
Anesthesiou-me a sensibilidade  
E a grandes golpes arrancou as raizes  
Que prendiam meus dias infelizes  
A um sonho antigo de felicidade!

Invoco os Deuses salvadores do erro.  
A tarde morre. Passa o seu enterro! . . .  
A luz descreve zigzags tortos  
Enviando á terra os derradeiros beijos.  
Pela estrada feral dois realejos  
Estão chorando meus amores mortos!

E a treva ocupa toda a estrada longa . . .  
O Firmamento é uma caverna oblonga  
Em cujo fundo a Via-lactea existe.  
E como agora a lua cheira brilha!  
Ilha maldita vinte vezes a ilha  
Que para todo o sempre me fez triste!



## MATER

Como a chrysalida emergindo do ovo  
Para que o campo flórido a concentre,  
Assim, oh! Mãe, sujo de sangue, um novo  
Sêr, entre dôres, te emergiu do ventre!

E puzeste-lhe, haurindo amplo deleite,  
No labio roseo a grande têtta farta  
—Fecunda fonte desse mesmo leite  
Que amamentou os éphebos de Sparta.—

Com que avidéz elle essa fonte suga!  
Ninguem mais com a Belleza está de accôrdo,  
Do que essa pequenina sanguesuga,  
Bebendo a vida no teu seio gordo!

Pois, quanto a mim, sem pretensões, comparo,  
Essas humanas cousas pequeninas  
A um *biscuit* de quilate muito raro  
Exposto ahi, á amosta, nas vitrinas.

Mas o ramo fragilimo e venusto  
Que hoje nas debeis *gemmae* se esboça,  
Ha de crescer, ha de tornar-se arbusto  
E álamo altivo de ramagem grossa.

Clara, a atmospherá se encherá de aromas,  
O Sol virá das épocas sadias . . .  
E o antigo leão, que te exgottou as pomas,  
Ha de beijar-te as mãos todos os dias !

Quando chegar depois tua velhice  
Batida pelos barbaros invernos,  
Relembrarás chorando o que eu te disse,  
A' sombra dos sycómoros eternos !

## POEMA NEGRO

A Santos Netto

Para illudir minha desgraça, estudo.  
Intimamente sei que não me illudo.  
Para onde vou ( o mundo inteiro o nota )  
Nos meus olhares fúnebres, carrego  
A indiferença estúpida de um cego  
E o ar indolente de um chinez idiota !

A passagem dos seculos me assombra.  
Para onde irá correndo minha sombra  
Nesse cavallo de electricidade?!  
Caminho, e a mim pergunto, na vertigem :  
-- Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?  
E parece-me um sonho realidade.

Em vão com o grito do meu peito impreco!  
Dos brados meus ouvindo apenas o echo,  
Eu torço os braços numa angustia douda  
E muita vez, á meia noite, rio  
Sinistramente, vendo o verme frio  
Que ha de comer a minha carne toda!

E' a Morte — esta carnivora assanhada —  
Serpente má de lingua envenenada  
Que tudo que acha no caminho, come . . .  
— Faminta e atra mulher que, a 1 de Janeiro,  
Sae para assassinar o mundo inteiro,  
E o mundo inteiro não lhe mata a fome!

Nesta sombria analyse das cousas,  
Corro. Arranco os cadaveres das lousas  
E as suas partes pôdres examino . . .  
Mas de repente, ouvindo um grande estrondo,  
Na podridão daquelle embrulho hediondo  
Reconheço assombrado o meu Destino!

Surprehendo-me, sosinho, numa cova.  
Então meu desvario se renova . . .  
Como que, abrindo todos os jazigos,  
A Morte, em trajos pretos e amarelllos,  
Levanta contra mim grandes cutellos  
E as baionetas dos dragões antigos!

E quando vi que aquillo vinha vindo  
Eu fui cahindo como um sol cahindo  
De declinio em declinio; e de declinio  
Em declinio, com a gula de uma fera,  
Quiz ver o que era, e quando vi o que era,  
Vi que era pó, vi que era esterquilinio!

Chegou a tua vez, oh! Natureza!  
Eu desafio agora essa grandeza,  
Perante a qual meus olhos se extasiam . . .  
Eu desafio, desta cova escura,  
No hysterismo damnado da tortura  
Todos os monstros que os teus peitos criam!

Tu não és minha mãe, velha nefasta!  
Como o teu chicote frio de madrasta  
Tu me açoitaste vinte e duas vezes . . .  
Por tua causa apodreci nas cruces,  
Em que pregas os filhos que produzes  
Durante os desgraçados nove mezes!

Semeadora terrivel de defunctos,  
Contra a aggressão dos teus contrastes juntos  
A besta, que em mim dorme, acorda em berros;  
Acorda, e após gritar a ultima injuria,  
Chocalha os dentes com medonha furia  
Como se fosse o attrito de dous ferros!

Pois bem ! Chegou minha hora de vingança.  
Tu mataste meu tempo de creança  
E de segunda-feira até domingo,  
Amarrado no horror de tua rêde,  
Dêste-me fogo quando eu tinha sêde . . .  
Deixa-te estar, canalha, que eu me vingo !

Subito outra visão negra me espanta !  
Estou em Roma. E' Sexta-Feira Santa.  
A treva invade o obscuro orbe terrestre.  
No Vaticano, em grupos prosternados,  
Com as longas fardas rubras, os soldados  
Guardam o corpo do Divino Mestre.

Como as stalactites da caverna,  
Cae no silencio da Cidade Eterna  
A agua da chuva em largos fios grossos . . .  
De Jesus Christo resta unicamente  
Um esqueleto ; e a gente, vendo-o, a gente  
Sente vontade de abraçar-lhe os ossos !

Não ha ninguem na estrada da Ripetta.  
Dentro da Igreja de S. Pedro, quieta,  
As luzes funeraes arquejam fracas . . .  
O vento entoa canticos de morte.  
Roma estremece ! Além, num rumor forte,  
Recomeça o barulho das matracas.

A desagregação de minha Idéa  
Augmenta. Como as chagas da morphéa,  
O medo, o desalento e o desconforto  
Paralysam-me os circulos motores.  
Na Eternidade, os ventos gemedores  
Estão dizendo que Jesus é morto!

Não! Jesus não morreu! Vive na serra  
Da Borborema, no ar de minha terra,  
Na molécula e no átomo . . . Resume  
A espiritualidade da materia  
E elle é que embala o corpo da miseria  
E faz da cloaca uma urna de perfume.

Na agonia de tantos pesadelos  
Uma dor bruta puxa-me os cabellos.  
Desperto. E' tão vasia a minha vida!  
No pensamento desconnexo e falho  
Trago as cartas confusas de um baralho  
E um pedaço de cêra derretida!

Dorme a casa. O céu dorme. A arvore dorne.  
Eu, sómente eu, com a minha dor enorme  
Os olhos ensanguento na vigilia!  
E observo, emquanto o horror me corta a fala,  
O aspecto sepulchral da austera sala  
E a impassibilidade da mobilia.

Meu coração, como um crystal, se quebre ;  
O thermometro negue minha febre  
Torne-se gelo o sangue que me abrasa,  
E eu me converta na cegonha triste  
Que das ruinas duma casa assiste  
Ao desmoronamento de outra casa !

Ao terminar este sentido poema  
Onde vazei a minha dor suprema  
Tenho os olhos em lagrimas immersos . . .  
Rola-me na cabeça o cerebro ôco.  
Por ventura, meu Deus, estarei louco ?!  
Daqui por diante não farei mais versos.



## ETERNA MAGUA

O homem por sobre quem cahiu a praga  
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste  
Para todos os seculos existe  
E nunca mais o seu pesar se apaga !

Não crê em nada, pois, nada ha que traga  
Consolo á Magua, a que só elle assiste.  
Quer resistir, e quanto mais resiste  
Mais se lhe augmenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe  
E' que essa magua infinda assim, não cabe  
Na sua vida, é que essa magua infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerme ;  
E quando esse hemem se tranforma em verme  
E' essa magua que o acompanha ainda !

## QUEIXAS NOCTURNAS

Quem foi que viu a minha Dor chorando?!  
Saio. Minha alma sáe agoniada.  
Andam monstros sombrios pela estrada  
E pela estrada, entre estes monstros, ando!

Não trago sobre a tunica fingida  
As insignias medonhas do infeliz  
Como os falsos mendigos de Pariz  
Na atra rua de Santa Margarida.

O quadro de afflições que me consomem  
O proprio Pedro Americo não pinta . . .  
Para pintal-o, era preciso a tinta  
Feita de todos os tormentos do homem!

Como um ladrão sentado numa ponte  
Espera alguém, armado de arcabuz,  
Na ancia incoercível de roubar a luz,  
Estou á espera de que o Sol desponte!

Bati nas pedras dum tormento rude  
E a minha magua de hoje é tão intensa  
Que eu penso que a Alegria é uma doença  
E a Tristeza é minha unica saúde!

As minhas roupas, quero até rompel-as!  
Quero, arrancado das prisões carnaes,  
Viver na luz dos astros immortaes,  
Abraçado com todas as estrellas!

A Noite vai creseendo apavorante  
E dentro do meu peito, no combate,  
A Eternidade esmagadora bate  
Numa dilatação exorbitante!

E eu lucto contra a universal grandeza  
Na mais terrível desesperação . . .  
E' a lucta, é o prélio enorme, é a rebelião  
Da creatura contra a natureza!

Para essas luctas unia vida é pouca  
Inda mesmo que os musculos se esforcem;  
Os pobres braços do mortal se torcem  
E o sangue jorra, em coalhos, pela bocca

E muitas vezes a agonia é tanta  
Que, rolando dos ultimos degraus,  
O Hercules treme e vai tombar no cháos  
De onde seu corpo nunca mais levanta !

E' natural que esse Hercules se esforça,  
E tombe para sempre nessas luctas,  
Estrangulado pelas rodas brutas  
Do mechanismo que tiver mais força.

Ah ! Por todos os seculos vindouros  
Ha de travar-se essa batalha vã  
Do dia de hoje contra o de amanhã,  
Igual á lucta dos christãos e mouros !

Sobre historias de amor o interrogar-me  
E' vão, é inutil, é improficuo, em summa;  
Não sou capaz de amar mulher alguma  
Nem ha mulher talvez capaz de amar-me.

O amor tem favos e tem caldos quentes  
E ao mesmo tempo que faz bem, faz mal ;  
O coração do Poeta é um hospital  
Onde morreram todos os doentes.

Hoje é amargo tudo quanto eu gosto :  
A benção matutina que recebo . . .  
E é tudo : o pão que como, a agua que bebo,  
O velho tamarindo a que me encosto !

Vou enterrar agora a harpa hohemia  
Na atra e assombrosa solidão feroz  
Onde não cheguem o echo duma voz  
E o grito desvairado da blasphemia !

Que dentro de minha alma americana  
Não mais palpite o coração — esta arca,  
Este relógio trágico que marca  
Todos os actos da tragedia humana ! —

Seja esta minha queixa derradeira  
Cantada sobre o tumulo de Orpheu ;  
Seja este, emfim, o ultimo canto meu  
Por esta grande noite brasileira !

Melancolia ! Extende-me a tua asa !  
E's a arvore em que devo reclinar-me . . .  
Se algum dia o Prazer vier procurar-me  
Dize a este monstro que eu fugi de casa !

## INSOMNIA

Noute. Da Magua o espirito noctambulo  
Passou de certo por aqui chorando !  
Assim, em magua, eu tambem vou passando  
Somnambulo . . . somnambulo . . . somnambulo . . .

Que voz é esta que a gemer concentro  
No meu ouvido e que do meu ouvido  
Como um bemol e como um sostenido  
Rola impetuosa por meu peito a dentro ?!

— Por que é que este gemido me acompanha ?!  
Mas dos meus olhos no sombrio palco  
Subito surge como um catafalco  
Uma cidade ao mappa-mundi extranha.

A dispersão dos sonhos vagos reúno.  
Desta cidade pelas ruas erra  
A procissão dos Martyres da Terra  
Desde os Christãos até Giordano Bruno !

Vejo deante de mim Santa Francisca  
Que com o cilicio as tentações supplanta,  
E invejo o soffrimento desta Santa,  
Em cujo olhar o Vicio não faisca !

Se eu pudesse ser puro ! Se eu pudesse,  
Depois de embebedado deste vinho,  
Sahir da vida puro como o arminho  
Que os cabellos dos velhos embranquece !

Porque cumpri o universal dictame ?!  
Pois se eu sabia onde morava o Vicio,  
Porque não evitei o precipicio  
Estrangulando minha carne infame ?!

Até que dia o intoxicado aroma  
Das paixões torpes sorverei contente ?  
E os dias correrão eternamente ?!  
E eu nunca sahirei desta Sodoma ?!

A' proporção que a minha insomnia augmenta  
Hieroglyphos e esphinges interrogo . . .  
Mas, triumphalmente, nos Céus altos, logo  
Toda a alvorada esplendida se ostenta.

Vagueio pela Noute decahida . . .  
No espaço a luz de Aldebaran e de Argus  
Vai projectando sobre os campos largos  
O derradeiro phosphoro da Vida.

O Sol, equilibrando-se na esphera,  
Restitue-me a pureza da hematose  
E então uma interior metamorphose  
Nas minhas arcas cerebraes se opera.

O odor da margarida e da begonia  
Subitamente me penetra o olfato . . .  
Aqui, neste silencio e neste matto,  
Respira com vontade a alma camponia !

Grita a satisfacção na alma dos bichos.  
Incensa o ambiente o fumo dos cachimbos.  
As arvores, as flôres, os corymbos  
Recordam santos nos seus proprios nichos.

Com o olhar a verde periphéria abarco.  
Estou alegre. Agora, por exemplo,  
Cercado destas arvores, contemplo  
As maravilhas reaes do meu Pau d'Arco.

Cedo virá, porém, o funerario,  
Atró dragão da escura noute, hedionda,  
Em que o Tédio, batendo na alma, estronda  
Como um grande trovão extraordinario.

Outra vez serei pábulo do susto  
E terei outra vez de, em magua immerso,  
Sacrificar-me por amor do Verso  
No meu eterno leito de Procusto!

## BARCAROLA

Cantam nautas, choram flautas  
Pelo mar e, pelo mar,  
Uma sereia a cantar  
Vela o Destino dos nautas.

Espelham-se os esplendores  
Do Céu, em reflexos, nas  
Aguas, fingindo crystaes  
Das mais deslumbrantes côres.

E em fulvos filões doirados  
Cae a luz dos astros por  
Sobre o maritimo horror  
Como globos estrellados.

Lá onde as rochas se assentam  
Fulguram com outros sóes  
Os flammivomos pharóes  
Que os navegantes orientam.

Vai uma onda, vem outra onda  
E, nesse eterno vaivem,  
Coitadas! não acham quem,  
Quem as esconda, as esconda . . .

Allegoria tristonha  
Do que pelo Mundo vai!  
Se um sonha e se ergue, outro cáe;  
Se um cáe, outro se ergue e sonha.

Mas desgraçado do pobre  
Que em meio da Vida cáe!  
Esse não volta, esse vai  
Para o tumulto que o cobre.

Vagueia um poeta num barco.  
O Céu, de cima, a luzir  
Como um diamante de Ophir  
Imita a curva de um arco.

A Lua—globo de louça—  
Surgiu, em lucido véu.  
Cantam! Os astros do Céu  
Ouçam e a Lua Cheia ouça!

Ouça do alto a Lua Cheia  
Que a sereia vai falar . . .  
Haja silencio no mar  
Para se ouvir e sereia.

Que é que ella diz?! Será uma  
Historia de amor feliz?  
Não! O que a sereia diz  
Não é historia nenhuma.

E' como um requiem profundo  
De tristissimos bemóes . . .  
Sua voz é igual á voz  
Da dores todas do mundo!

«Fecha-te nesse medonho  
«Reducto de Maldição,  
«Viajeiro da Extrema-Uncção,  
«Sonhador do ultimo sonho!

« Numa redoma illusoria  
« Cercou-te a gloria fallaz,  
« Mas nunca mais, nunca mais  
« Ha de cercar-te essa gloria !

« Nunca mais ! Sê, porém, forte.  
« O poeta é como Jesus !  
« Abraça-te a tua Cruz  
« E morre, poeta da Morte ! »

— E disse e porque isto disse  
O luar no Céu se apagou . . .  
Subito o barco tombou  
Sem que o poeta o presentisse !

Vista de lucto o Universo  
E Deus se enlucte no Céu !  
Mais um poeta que morreu,  
Mais um coveiro do Verso !

Cantam nautas, choram flautas  
Pelo mar e, pelo mar,  
Uma sereia a cantar  
Vela o Destino dos nautas !

## TRISTEZAS DE UM QUARTO MINGUANTE

Quarto-Minguante! E, embora a lua o aclare,  
Este *Engenho Pau d'Arco* é muito triste . . .  
Nos engenhos da *varzea* não existe  
Talvez um outro que se lhe equipare!

Do observatorio em que eu estou situado  
A lua magra, quando a noite cresce,  
Vista, através do vidro azul, parece  
Um parallelipipedo quebrado!

O somno esmaga o encéphalo do povo.  
Tenho 300 kilos no epigastro . . .  
Dóe-me a cabeça. Agora a cara do astro  
Lembra a metade de uma casca de ovo.

Diabo! não ser mais tempo de milagre!  
Para que esta oppressão desapareça  
Vou amarrar um panno na cabeça,  
Molhar a minha frente com vinagre.

Augmentam-se-me então os grandes medos.  
O hemispherio lunar se ergue e se abaixa  
Num desenvolvimento de borracha,  
Variando á acção mechanica dos dedos!

Vai-me crescendo a aberração do sonho.  
Morde-me os nervos o desejo doudo  
De dissolver-me, de enterrar-me todo  
Naquelle semi-circulo medonho!

Mas tudo isto é illusão de minha parte!  
Quem sabe se não é porque não saio  
Desde que, 6.<sup>a</sup>-feira, 3 de Maio,  
Eu escrevi os meus Gemidos de Arte?!

A lampada a estirar linguas vermelhas  
Lambe o ar. No bruto horror que me arreбата,  
Como um degenerado psychopatha  
Eis-me a contar o numero das telhas!

— Uma, duas, três, quatro . . . E aos tombos, tonta  
Sinto a cabeça e a conta perco; e em summa,  
A conta recomeço, em ancias: — Uma . . .  
Mas novamente eis-me a perder a conta!

Succede a uma tontura outra tontura.  
— Estarei morto?! E a esta pergunta extranha  
Responde a Vida — aquella grande aranha  
Que anda tecendo a minha desventura! —

A luz do quarto diminuindo o brilho  
Segue todas as phases de um eclipse . . .  
Começo a ver coisas de Apocalypse  
No triangulo escaleno do ladrilho!

Deito-me emfim. Ponho o chapéu num gancho.  
Cinco lençóis balançam numa corda,  
Mas aquillo mortalhas me recorda,  
E o amontoamento dos lençóis desmancho.

Vêm-me á imaginação sonhos dementes.  
Acho-me, por exemplo, numa festa . . .  
Tomba uma torre sobre a minha testa,  
Caem-me de uma só vez todos os dentes!

Então dois ossos roídos me assombraram . . .  
— « Por ventura haverá quem queira roer-nos?!  
Os vermes já não querem mais comer-nos  
E os formigueiros já nos desprezaram.»

Figuras espectraes de boccas tronchas  
Tornam-me o pesadelo duradouro . . .  
Chôro e quero beber a agua do chôro  
Com as mãos dispostas á feição de conchas.

Tal uma planta aquatica submersa,  
Ante-gozando as ultimas delicias  
Mergulho as mãos — vis raizes adventicias —  
No algodão quente de um tapete persa.

Por muito tempo rólo no tapete.  
Subito me ergo. A lua é morta. Um frio  
Cae sobre o meu estomago vasio  
Como se fosse um cópo de sorvete!

A alta frialdade me insensibiliza ;  
O suor me ensopa. Meu tormento é infindo . . .  
Minha familia ainda está dormindo  
E eu não posso pedir outra camisa !

Abro a janella. Elevam-se fumaças  
Do engenho enorme. A luz fulge abundante  
E em vez do sepulchral Quarto-Minguante  
Vi que era o sol batendo nas vidraças.

Pelos respiratorios tenues tubos  
Dos póros vegetaes, na acto da entréga  
Do matto verde, a terra resfoléga  
Estrumada, feliz, cheia de adubos.

Concavo, o Céu, radiante e estriado, observa  
A universal criação. Broncos e feios,  
Varios reptis cortam os campos, cheios  
Dos tenros tinhorões e da humida herva.

Babujada por baixos beijos brutos,  
No humus feraz, hieratica, se ostenta  
A monarchia da arvore opulenta  
Que dá aos homens o obolo dos fructos.

De mim diverso, rigido e de rastos  
Com a solidez do tegumento sujo  
Sulca, em diamentro, o sólo um caramujo  
Naturalmente pelos mata-pastos.

Entretanto, passei o dia inquieto,  
A ouvir, nestes bucólicos retiros,  
Toda a salva fatal de 21 tiros  
Que festejou os funeraes de Hamleto !

Ah ! Minha ruina é peor do que a de Thebas !  
Quizera ser, numa ultima cobiça,  
A fatia esponjosa de carniça  
Que os corvos comem sobre as jurubebas !

Porque, longe do pão com que me nutres  
Nesta hora, oh ! Vida, em que a soffrer me exhortas  
Eu estaria como as bestas mortas  
Pendurado no bico dos abutres !

## MYSTERIOS DE UM PHOSPHORO

Pego de um phosphoro. Olho-o. Olho-o ainda. Risco-o  
Depois. E o que depois fica e depois  
Resta é um ou, por outra, é mais de um, são dois  
Tumulos dentro de um carvão promiscuo.

Dois são, porque um, certo, é do sonho assiduo  
Que a individual psychê humana tece e  
O outro é do sonho altruistico da especie  
Que é o *substractum* dos sonhos do individuo !

E exclamo, ébrio, a esvasiar bécchicos odres :  
— «Cinza, synthese má da podridão,  
«Miniatura allegorica do chão,  
«Onde os ventres maternos ficam pôdres ;

«Na tua clandestina e erma alma vasta,  
«Onde nenhuma lampada se accende,  
«Meu raciocinio soffrego surprehende  
«Todas as fórmas da materia gasta!»

Raciocinar! Aziaga contingencia!  
Ser quadrupede! Andar de quatro pés  
E' mais do que ser Christo e ser Moysés  
Porque é ser animal sem ter consciencia!

Bebedo, os beiços na amphora infima, harto,  
Mergulho, e na infima amphora, harto, sinto  
O amargor especifico do absintho  
E o cheiro animalissimo do parto!

E afógo mentalmente os olhos fundos  
Na amorphia da cytula inicial,  
De onde, por epigénese geral,  
Todos os organimos são oriundos.

Presto, irrupto, através ovoide e hyalino  
Vidro, apparece, amorpho e lúrido, ante  
Minha massa encephalica minguante  
Todo o genero humano intra-uterino!

E' o cháos da ávita viscera avarenta  
— Mucosa nojentissima de pús,  
A nutrir diariamente os fétos nús  
Pelas villosidades da placenta!—

Certo, o architectural e integro aspecto  
Do mundo o mesmo inda é que, ora, o que nelle  
Morre, sou eu, sois vós, é todo aquelle  
Que vem de um ventre inclado, infimo e infecto!

E' a flôr dos genealógicos abysmos  
— Zooplasma pequenissimo e plebeu,  
De onde o desprotegido homem nasceu  
Para a fatalidade dos tropismos,—

Depois, é o Céu abscóndito do Nada,  
E' este acto extraordinario de morrer  
Que ha de, na ultima hebdómada, attender  
Ao pedido da célula cansada!

Um dia restará, na terra instavel,  
De minha anthropocéntrica materia  
Numa concava chicara funerea  
Uma colher de cinza miseravel!

Abro na treva os olhos quasi cegos.  
Que mão sinistra e desgraçada encheu  
Os olhos tristes que meu Pae me deu  
De alfinetes, de agulhas e de pregos?!

Pesam sobre o meu corpo oitenta arráteis!  
Dentro um dynamo despota, sósinho,  
Sob a morphologia de um moinho,  
Move todos os meus nervos vibrateis.

Então, do meu espirito, em segredo,  
Se escapa, dentre as ténebras, muito alto,  
Na synthese acrobatica de um salto,  
O espectro angulosissimo do Medo!

Em scismas philosophicas me perco  
E vejo, como nunca outro homem viu,  
Na amphigonia que me produziu  
Nonillhões de moléculas de esterco.

Vida, mónada vil, cosmico zéro,  
Migalha de albumina semi-fluida,  
Que fez a bocca mystica do druida  
E a lingua revoltada de Lutheró;

Teus gyneceus prolificos envolvem  
Cinza fetal! . . . Basta um phosphoro só  
Para mostrar a incognita de pó,  
Em que todos os seres se resolvem!

Ah! Maldito o connúbio incestuoso  
Dessas afinidades electivas,  
De onde chimicamente tu derivas,  
Na acclamação symbiótica do gozo!

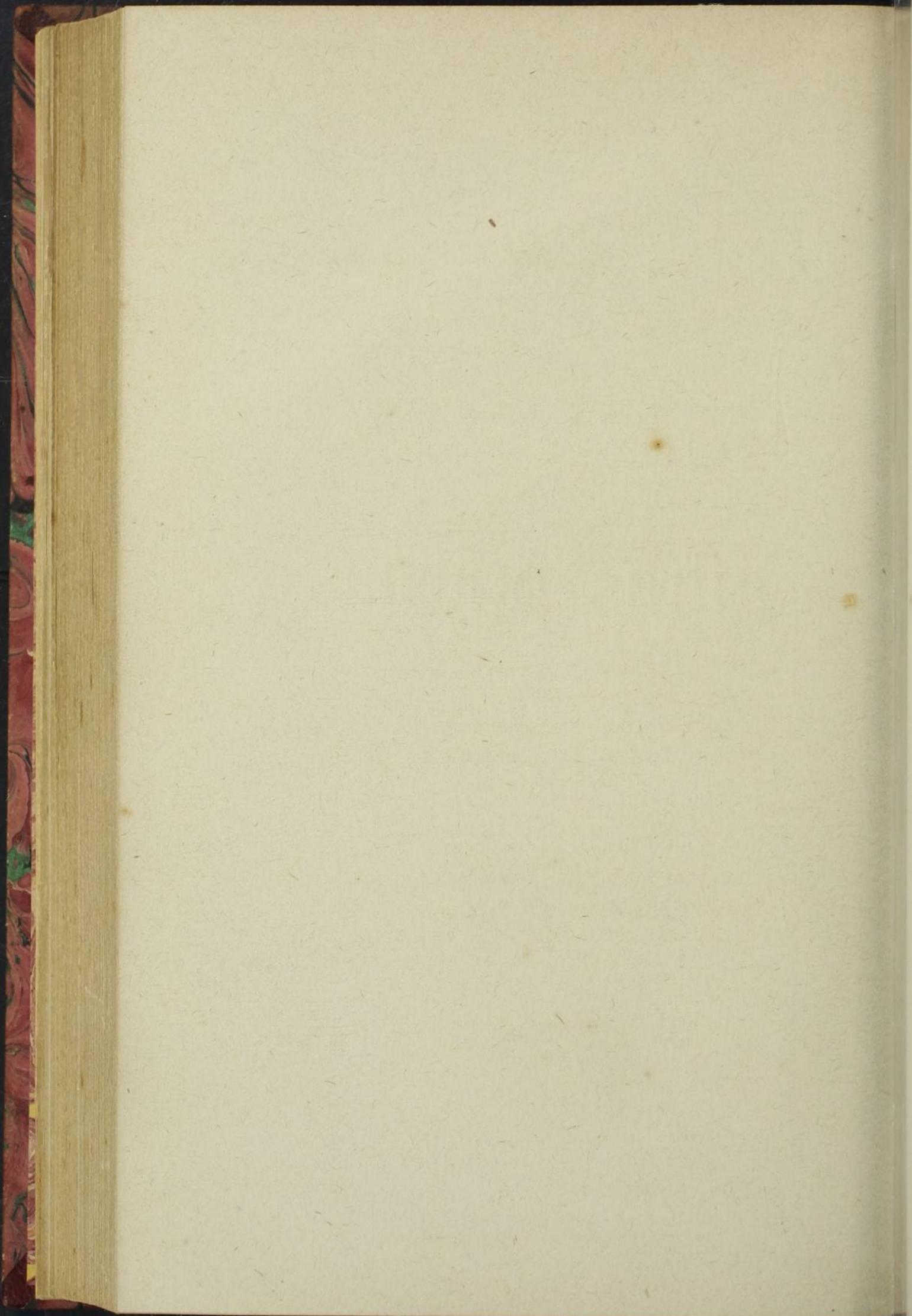
O enterro de minha ultima neurona  
Desfila . . . E eis-me outro phosphoro a riscar,  
E esse accidente chimico vulgar  
Extraordinariamente me impressiona!

Mas minha crise arthritica não tarda.  
Adeus! Que eu vejo emfim, com a alma vencida,  
Na abjecção embryológica da vida  
O futuro de cinza que me aguarda!

**FIM DO «EU»**

Andrade Queiroz  
920

Outras poesias



## O LAMENTO DAS COISAS

Triste, a escutar, pancada por pancada,  
A successividade dos segundos,  
Ouço, em sons subterraneos, do Orbe oriundos,  
O chôro da Energia abandonada!

E' a dôr da Força desaproveitada  
— O cantochão dos dynamos profundos,  
Que, podendo mover milhões de mundos,  
Jazem ainda na estática do Nada!

E' o soluço da fôrma ainda imprecisa . . .  
Da transcendencia que se não realiza . . .  
Da luz que não chegou a ser lampejo . . .

E é, em summa, o sub-consciente ai formidando  
Da Natureza que parou, chorando,  
No rudimentarismo do Desejo!

## O MEU NIRVANA

No alheamento da obscura fôrma humana,  
De que, pensando, me desencarcéro,  
Foi que eu, num grito de emoção, sincero  
Encontrei, afinal, o meu Nivarna !

Nessa manumissão schopenhauereana,  
Onde a Vida do humano aspecto fero  
Se desarraiga, eu, feito força, impéro  
Na immanencia da Idéa Soberana !

Destruída a sensação que oriunda fôra  
Do tacto — infima antenna aferidora  
Destas tegumentarias mãos plebéas —

Gózo o prazer, que os annos não carcomem,  
De haver trocado a minha fôrma de homem  
Pela immortalidade das Idéas !

## CAPUT IMMORTALE

Ad poetam

Na dynamica aziaga das descidas,  
Agglomeradamente e em turbilhão  
Solucem dentro do Universo ancião,  
Todas as urbs sideraes vencidas !

Morra o ether. Cesse a luz. Parem as vidas.  
Sobre a pan-cosmologica exhaustão  
Reste apenas o acervo árido e vão  
Das muscularidades consumidas !

Ainda assim, a animar o cosmos ermo,  
Morto o commercio physico nefando,  
Oh ! Nauta afflicto do Subliminal,

Como a ultima expressão da Dôr sem termo,  
Tua cabeça ha de ficar vibrando  
Na negatividade universal !

## APOSTROPHE À CARNE

Quando eu pégo nas carnes de meu rosto,  
Presinto o fim da orgânica batalha :  
— Olhos que o humus necróphago estraçalha,  
Diaphragmas, decompondo-se, ao sol-posto . . .

E o Homem — negro e heteróclito composto,  
Onde a alva flamma psychica trabalha,  
Desaggrega-se e deixa na mortalha  
O tacto, a vista, o ouvido, o olfacto e o gosto !

Carne, feixe de mónadas bastardas,  
Comquanto em flammeo fogo ephemero ardas,  
A dardejar relampejantes brilhos,

Dóe-me ver, muito embora a alma te accenda,  
Em tua podridão a herança horrenda,  
Que eu tenho de deixar para os meus filhos !

## LOUVOR À UNIDADE

«Escaphandros, arpões, sondas e agulhas  
«Debalde applicas aos heterogeneos  
«Phenomenos, e, ha innumerous millenios,  
«Num pluralismo hediondo o olhar mergulhas!

«Une, pois, a irmanar diamantes e hulhas,  
«Com essa intuição monistica dos genios,  
«A' hirta fórma fallaz do *ære perennius*  
«A transitoriedade das fagulhas! »

— Era a estrangulação, sem retumbancia,  
Da multi-millenaria dissonancia  
Que as harmonias sideraes invade . . .

Era, numa alta acclamação, sem gritos,  
O regresso dos átomos afflictos  
Ao descanso perpetuo da Unidade!

## O PANTANO

Podem vê-lo, sem dôr, meus semelhantes ! . . .  
Mas, para mim que a Natureza escuto,  
Este pantano é o tumulto absoluto,  
De todas as grandezas começantes !

Larvas desconhecidas de gigantes  
Sobre o seu leito de peçonha e luto  
Dormem tranquillamente o somno bruto  
Dos super-organismos ainda infantes !

Em sua estagnação arde uma raça,  
Tragicamente, á espera de quem passa  
Para abrir-lhe, ás escâncaras, a porta . . .

E eu sinto a angustia dessa raça ardente  
Condemnada a esperar perpetuamente  
No universo esmagado da agua morta !

## SUPREME CONVULSION

O equilibrio do humano pensamanto  
Soffre tambem a subita ruptura,  
Que produz muita vez, na noite escura,  
A convulsão meteorica do vento.

E a alma o obnoxio quietismo somnolento  
Rasga; e, oppondo-se á Inercia, é a essencia pura,  
E' a synthese, é o transumpto, é a abreviatura  
De todo o ubiquitario Movimento!

Sonho, — libertação do homem captivo —  
Ruptura do equilibrio subjectivo,  
Ah! foi teu beijo convulsionador

Que produziu este contraste fundo  
Entre a abundancia do que eu sou, no Mundo,  
E o nada do meu homem interior!

## A UM GERMEN

Começaste a existir, geléa crua,  
E has de crescer, no teu silencio, tanto  
Que, é natural, ainda algum dia, o pranto  
Das tuas concreções plásmicas flua !

A agua, em conjugação com a terra nua,  
Vence o granito, deprimindo-o . . . O espanto  
Convulsiona os espiritos, e, entanto,  
Teu desenvolvimento continúa !

Antes, geléa humana, não progridas  
E em retrogradações indefinidas,  
Volvas á antiga inexistencia calma ! . . .

Antes o Nada, oh ! germen, que ainda haveres  
De attingir, como o germen de outros sêres,  
Ao supremo infortunio de ser alma !

## NATUREZA INTIMA

Ao philosopho Faria Brito

Cansada de observar-se na corrente  
Que os acontecimentos reflectia,  
Reconcentrando-se em si mesma, um dia,  
A Natureza olhou-se interiormente !

Baldada introspecção ! Noumenalmente  
O que Ella, em realidade, ainda sentia  
Era a mesma immortal monotonia  
De sua face externa indifferente !

E a Natureza disse com desgosto :  
«Terei sómente, porventura, rôsto ? !  
«Serei apenas mera crusta espêssa ? !

«Pois é possível que Eu, causa do Mundo,  
«Quanto mais em mim mesma me aprofundo,  
«Menos interiormente me conheça ? ! »

## A FLORESTA

Em vão com o mundo da floresta privas! . . .  
— Todas as hermeneuticas sondagens,  
Ante o hieroglypho e o enigma das folhagens,  
São absolutamente negativas!

Araucarias, traçando arcos de ogivas,  
Bracejamentos de álamos selvagens,  
Como um convite para extranhas viagens,  
Tornam todas as almas pensativas!

Ha uma força vencida nesse mundo!  
Todo o organismo florestal profundo  
E' dor viva, trancada num disfarce . . .

Vivem só, nelle, os elementos broncos,  
— As ambições que se fizeram troncos,  
Porque nunca puderam realizar-se!

## A MERETRIZ

A rua dos destinos desgraçados  
Faz mêdo. O Vício estruge. Ouvem-se os brados  
Da damnção carnal . . . Lúbrica, á lua,  
Na sodomia das mais negras bôdas  
Desarticula-se, em choréas doudas,  
Uma mulher completamente nua !

E' a meretriz que, de cabellos ruivos,  
Bramando, ebria e lasciva, hórridos uivos  
Na mesma esteira publica, recebe,  
Entre farraparias e esplendores,  
O erethismo das classes superiores  
E o orgasmo bastardissimo da plebe !

E' ella que, alliando, á luz do olhar protervo,  
O indumento vilissimo do servo  
Ao brilho da augustal *toga pretexta*,  
Sente, alta noite, em contorsões sombrias,  
Na vacuidade das entranhas frias  
O exgottamento intrinseco da besta!

E' ella que, hirta, a archivar credos desfeitos,  
Com as mãos chagadas, espremendo os peitos,  
Reduzidos, por fim, a ambulas molles,  
Soffre em cada molécula a angustia aita  
De haver seccado, como o steppe, á falta  
Da agua creadora que alimenta as proles!

E' ella que, arremessada sobre o rude  
Despenhadeiro da decrepitude,  
Na vizinhança aziaga dos ossuarios  
Representa, através os meus sentidos,  
A escuridão dos gynecus fallidos  
E a desgraça de todos os ovarios!

Irrita-se-lhe a carne á meia noite.  
Espicaça-a a ignominia, excita-a o açoite  
Do incendio que lhe inflamma a lingua espuria.  
E a mulher, funcionaria dos instinctos,  
Com a roupa amarfanhada e os beijos tintos,  
Gane instinctivamente de luxuria!

Navio para o qual todos os portos  
Estão fechados, urna de ovos mortos,  
Chão de onde uma só planta não rebenta,  
Eil-a, de bruços, bebida de gozo  
Saciando o geotropismo pavoroso  
De unir o corpo á terra famulenta !

Nesse espolinhamento repugnante  
O esqueleto irritado da bacchante  
Estrala . . . Lembra o ruído harto azorrague  
A vergastar asperos dôrsos grossos.  
E é aterradora essa alegria de ossos  
Pedindo ao sensualismo que os esmague !

E' o pseudo regosijo dos eunuchos  
Por natureza, dos que são cadúcos  
Desde que a Mãe-commum lhes deu início . . .  
E' a dôr profunda da incapacidade  
Que, pela propria hereditariedade  
A lei da selecção disfarça em Vicio !

E' o jubilo aparente da alma quasi  
A eclipsar-se, no horror da orcidua phase  
Esterilizadora de orgãos . . . E' o hymno  
Da materia incapaz, filha do inferno,  
Pagando com volupia o crime eterno  
De não ter sido fiel ao seu destino ! —

E' o Desespero que se faz bramido  
De anhélo animalissimo incontido,  
Mais que a vaga incoercivel na agua oceanea . . .  
E' a Carne que, já morta essencialmente,  
Para a Finalidade Transcendente  
Géra o prodigio animico da Insania!

Nas frias antecamaras do Nada  
O fantasma da femea castigada,  
Passa agora ao clarão da lua accesa  
E é seu corpo expiatorio, alvo e desnudo  
A synthese eucharistica 'de tudo  
Que não se realizou na Natureza!

Antigamente, aos tacitos appellos  
Das suas carnes e dos seus cabellos,  
Na optica abreviatura de um reflexo,  
Fulgia, em cada humana nebulosa,  
Toda a sensualidade tempestuosa  
Dos appetites barbaros do Sexo!

O atavismo das raças sybaritas,  
Creando concupiscencias infinitas  
Como eviterno lobo insatisfeito;  
Na homophagia hedionda que o consome,  
Vinha saciar a millenaria fome  
Dentro das abundancias do seu leito!

Toda a libidinagem dos mormaços  
Americanos fluiu-lhe dos braços,  
Irradiava-se-lhe, hircica, das veias  
E em torrencialidades quentes e humidas,  
Gorda a escorrer-lhe das arterias tumidas  
Lembrava um transbordar de amphoras cheias

A hora da morte accende-lhe o intellecto  
E á humida habitação do vicio abjecto  
Affluem milhões de sóes, rubros, radiando . . .  
Residuos memoriaes tornam-se luzes  
Fazem-se idéas e ella vê as cruces  
Do seu martyrologio miserando !

Inicios atrophizados de ethica, ancia  
De perfeição, sonhos de culminancia,  
Libertos da ancestral modorra calma,  
Saem da infancia embryonaria e erguem-se, adultos,  
Lançando a sombra horrivel dos seus vultos  
Sobre a noite fechada daquella alma !

E' o sublevantamento colectivo  
De um mundo inteiro que apparece vivo,  
Numa scenographia de diorama,  
Que, momentaneamente luz fecunda,  
Brilha na prostituta moribunda  
Como a phosphorescencia sobre a lama !

E' a visita alarmante do que outrora  
 Na abundancia prosperrima da aurora,  
 Puderá progredir, talvez, de certo,  
 Mas que, adstricto a inferior plasma inconsutil,  
 Ficou rolando, como aborto inutil,  
 Como o . . . . do deserto!

Vede! A prostituição ophidia aziaga .  
 Cujo tóxico instilla a infamia, e a estraga  
 Na delinquencia . . . impune,  
 Agarrou-se-lhe aos seios impudicos  
 Como o abraço mortifero do *Ficus*  
 Sugando a seiva da arvore a que se une!

. . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .

Enroscou-lhe aos abraços com tal gosto,  
 Mordeu-lhe a bocca e o rosto . . . .

. . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .

Ser meretriz depois do tumulo ! A alma  
Roubada a hirta quietude da urbe calma  
Onde se extinguem todos os escolhos :  
E, condemnada, ao tragico dictame,  
Offerecer-se á bicharia infame  
Com a terra do sepulchro a encher-lhe os olhos !

Sentir a lingua aluir-se-lhe na bocca  
E com a cabeça sem cabellos, ôca . . . . .  
. . . . .  
Na horrorosa avulsão da fórmula nivea  
Dizer ainda palavras de lascivia . . . . .  
. . . . .



## GUERRA

Guerra é esforço, é inquietude, é ancia, é transporte . . .  
E' a dramatização sangrenta e dura  
Da avidez com que o Espirito procura  
Ser perfeito, ser maximo, ser forte !

E' a Sub-consciencia que se transfigura  
Em volição conflagradora . . . E' a cohorte  
Das raças todas, que se entrega á morte  
Para a felicidade da Creatura !

E' a obsessão de ver sangue, é o instinto horrendo  
De subir, na ordem cósmica, descendo  
A' irracionalidade primitiva . . .

E' a Natureza que, no seu arcano,  
Precisa de encharcar-se em sangue humano  
Para mostrar aos homens que está viva !

## O SARCOPHAGO

Senhor da alta hermeneutica do Fado  
Perlustro o atrium da Morte . . . E' frio o ambiente  
E a chuva corta inexoravelmente  
O dorso de um sarcophago molhado !

Ah ! Ninguem ouve o soluçante brado  
De dor profunda, acerrima e latente,  
Que o sarcophago, erecto e immóvel, sente  
Em sua propria sombra sepultado !

Dóe-lhe ( quem sabe?! ) essa grandeza horrivel,  
Que em toda a sua mascara se expande,  
A' humana commoção impondo-a, inteira . .

Dóe-lhe, em summa, perante o Incognoscivel,  
Essa fatalidade de ser grande  
Para guardar unicamente poeira !

## HYMNO À DOR

Dôr, saúde dos sêres que se fanam,  
Riqueza da alma, psychico thesouro,  
Alegria das glândulas do chôro  
De onde todas as lagrimas emanam . . .

E's suprema ! Os meus átomos se ufanam  
De pertencer-te, oh ! Dôr, ancoradouro  
Dos desgraçados, sol do cerebro, ouro  
De que as proprias desgraças se engalanam !

Sou teu amante ! Ardo em teu corpo abstracto.  
Com os corpusculos mágicos do tacto  
Prendo a orchestra de chammas que executas . . .

E, assim, sem convulsão que me alvoroce,  
Minha maior ventura é estar de posse  
De tuas claridades absolutas !

## ULTIMA VISIO

Quando o homem, resgatado da cegueira  
Vir Deus num simples grão de argilla errante,  
Terá nascido nesse mesmo instante  
A mineralogia derradeira !

A impérvia escuridão obnubilante  
Ha de cessar ! Em sua gloria inteira  
Deus resplandecerá dentro da poeira  
Como um gasophylaceo de diamante !

Nessa ultima visão já subterranea,  
Um movimento universal de insania  
Arrancará da insciencia o homem precito . . .

A Verdade virá das pedras mortas  
E o homem compreenderá todas as portas  
Que elle ainda tem de abrir para o Infinito !

## AOS MEUS FILHOS

Na intermittencia da vital canceira,  
Sois vós que sustentais ( Força Alta exige-o . . . )  
Com o vosso catalytico prestigio,  
Meu fantasma de carne passageira !

O vulcão da biochimica fogueira  
Destruiu-me todo o orgânico fastigio . . .  
Dai-me asas, pois, para o ultimo renigio,  
Dai-me alma, pois para a hora derradeira !

Culminancias humanas ainda obscuras,  
Expressões do universo radio-activo  
Ious emanados do meu proprio Ideal,

Bemdictos vós, que, em epocas futuras,  
Haveis de ser no mundo subjectivo,  
Minha continuidade emocional !

## A DANSA DA PSYCHÊ

A dansa dos encéfalos accêsos  
Começa. A carne é fogo. A alma arde. A espaços  
As cabeças, as mãos, os pés e os braços  
Tombam, cedendo á acção de ignotos pesos!

E' então que a vaga dos instinctos presos  
— Mãe de esterilidades e cansaços —  
Atira os pensamentos mais devassos  
Contra os ossos craneanos indefesos.

Subitamente a cerebral choréa  
Para. O cosmos synthético da Idéa  
Surge. Emoções extraordinarias sinto . . .

Arranco do meu craneo as nebulosas.  
E acho um feixe de forças prodigiosas  
Sustentando dois monstros: a alma e o instincto!

## O POETA DO HEDIONDO

Soffro acceleradissimas pancadas  
No coração. Ataca-me a existencia  
A mortificadora coalescencia  
Das desgraças humanas congregadas!

Em allucinatorias cavalgadas,  
Eu sinto, então, sondando-me a consciencia  
A ultra-inquisitorial clarividencia  
De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dóe no cerebro esta sonda!  
Ah! Certamente, eu sou a mais hedionda  
Generalização do Desconforto . . .

Eu sou aquelle que ficou sosinho  
Cantando sobre os ossos do caminho  
A poesia de tudo quanto é morto!

## A FOME E O AMOR

A um monstro

Fome! E, na ancia voraz que, ávida, augmenta,  
Receando outras mandibulas a esbanjem,  
Os dentes anthropophagos que rangem,  
Antes da refeição sanguinolenta!

Amor! E a satyriasis sedenta,  
Rugindo, emquanto as almas se confrangem,  
Todas as damnações sexuaes que abrangem  
A apollinica besta famulenta!

Ambos assim, tragando a ambiencia vasta,  
No desembestamento que os arrasta,  
Super-excitadissimos, os dois

Representam, no ardor dos seus assomos  
A allegoria do que outrora fomos  
E a imagem bronca do que inda hoje sois!

## HOMO IMFIMUS

Homem, carne sem luz, creatura cega,  
Realidade geográfica infeliz,  
O Universo calado te renega  
E a tua propria bocca te maldiz !

O noumeno e o phenómeno, o alpha e o oméga  
Amarguram-te. Hebdomadas hostis  
Passam . . . Teu coração se desaggrega,  
Sangram-te os olhos, e, entretantø, ris !

Fructo injustificavel dentre os fructos,  
Montão de estercorária argilla preta,  
Excrescencia de terra singular,

Deixa a tua alegria aos sêres brutos,  
Porque, na superfície do planeta,  
Tu só tens um direito :—o de chorar !

## MINHA FINALIDADE

Turbilhão teleológico incoercível,  
Que força alguma inibitoria acalma,  
Levou-me o craneo e pôz-lhe dentro a palma  
Dos que amam apprehender o Inapprehensível!

Pre-determinação imprescriptível  
Oriunda da infra-astra! Substancia calma  
Plasmou, aparelhou, talhou minha alma  
Para cantar de preferencia o Horrível!

Na canonização emocionante,  
Da dor humana, sou maior que Dante,  
— A aguia dos latifundios florentinos!

Systematizo, soluçando, o Inferno . . .  
E trago em mim, num synchronismo eterno  
A fórmula de todos os destinos!

## NUMA FORJA

De inexplicaveis ancias prisioneiro  
Hoje entrei numa forja, ao meio dia.  
Trinta e seis grãos á sombra. O ether possuia  
A thérmica violencia de um brazeiro.

Dentro, a cuspir escorias  
De fulgida limalha  
Dardejando scentelhas transitorias,  
No horror da metallurgica batalha  
O ferro chiava e ria !

Ria, num sardonismo doloroso  
De ingénita amargura,  
Da qual, bruta, provinha  
Como de um negro caspio de agua impura  
A multi-secular desesperança  
De sua especie abjecta  
Condemnada a uma estatica mesquinha !

Ria com essa metálica tristeza  
De ser na Natureza,  
Onde a Matéria avança  
E a Substância caminha  
Acceleradamente para o gôzo  
Da integração completa,  
Uma consciência eternamente obscura !

O ferro continuava a chiar e a rir.  
E eu nervoso, irritado,  
Quasi com febre, a ouvir  
Cada átomo de ferro  
Contra a incude esmagado  
Soffrer, berrar, tinir,  
Comprehendia por fim que aquelle bérro  
A' substância inorgânica arrancado  
Era a dôr do minério castigado  
Na impossibilidade de reagir !

Era um cosmos inteiro soffredor,  
Cujo negror profundo  
Astro nenhum exórna  
Gritando na bigórna  
Asperamente a sua própria dôr !  
Era, erguido do pó,  
Inopinadamente  
Para que á vida quente

Da synergia cósmica desperte,  
A anciedade de um mundo  
Doente de ser inerte,  
Cansado de estar só!

Era a revelação  
De tudo que ainda dórme  
No metal bruto ou na geléa informe  
Do parto primitivo da Creação!  
Era o ruido-clarão,  
— O ígneo jacto vulcânico  
Que, atravessando a absconsa crypta enorme  
De minha cavernosa sub-consciencia,  
Punha em clarividencia  
Intra-moleculares soes accêsos  
Perpetuamente ás mesmas fórmas prêsos,  
Agarrados á inercia do Inorgânico  
Escravos da Coesão!

Repuxavam-me a bôcca horridos trismos  
E eu sentia, afinal,  
Essa angustia alarmante  
Propria da alienação racionante,  
Cheia de ancias e mêdos  
Com crispações nos dedos  
Peores que os paroxysmos  
Da arvore que a atmosphaera ultriz destronca.

A ouvir todo esse cosmos potencial,  
Preso aos mineralógicos abysmos  
    Angustiado e arquejante  
A debater-se na estreiteza bronca  
    De um blóco de metal!

Como que a fôrja tétrica  
Num estridor de estrago  
Executava, em lugubre *crescendo*  
    A antiphona asymétrica  
E o incomprehensível wagnerismo aziago  
    De seu destino horrendo!

Ao clangor de taes carmes de martyrio  
Em scismas negras eu recaio immerso  
    Buscando no delirio  
De uma imaginação convulsionada  
Mais revolta talvez do que a onda atlântica,  
    Comprehender a semántica  
Dessa alleluia bárbara gritada  
A's margens glacialissimas do Nada  
Pelas coisas mais brutas do Universo!

## NOLI ME TANGERE

A exaltação emocional do Gozo,  
O Amor, a Gloria, a Sciencia, a Arte e a Belleza  
Servem de combustiveis á ira accêsa  
Das tempestades do meu sêr nervoso !

Eu sou, por consequencia, um sêr monstruoso !  
Em minha arca encephálica indefesa  
Choram as forças más da Natureza  
Sem possibilidade de repouso !

Aggregados anómalos malditos  
Despedaçam-se, mordem-se, dão gritos  
Nas minhas camas cerebraes funeraes . . .

Ai ! Não toqueis em minhas faces verdes,  
Sob pena, homens felizes, de soffrerdes  
A sensação de todas as miserias !

## O CANTO DOS PRESOS

Triôa, a alardear bárbaros sons abstrusos,  
O epithalamio da Suprema Falta,  
Entoadado asperamente, em voz muito âlta,  
Pela promiscuidade dos reclusos !

No wagnerismo desses sons confusos,  
Em que o Mal se engrandece e o Odio se exalta,  
Uiva, á luz de fantástica ribalta,  
A ignominia de todos os abusos !

E' a prosodia do cárcere, é a parthenea  
Aterradoramente heterogenea  
Dos grandes transviamentos subjectivos . . .

E' a saudade dos erros satisfeitos,  
Que, não cabendo mais dentro dos peitos,  
Se escapa pela bocca dos captivos !

## ABERRAÇÃO

Na velhice automatica e na infancia,  
( Hoje, hontem, amanhã e em qualquer éra )  
Minha hybridez é a summula sincera  
Das defectividades da Substancia.

Creando na alma a esthesia abstrusa da auncia,  
Como Bellerophonte com a Chimera  
Mato o ideal ; cresto o sonho ; achato a esphera  
E acho odor de cadaver na fragrancia !

Chamo-me Aberração. Minha alma é um misto  
De anomalias lugubres. Existo  
Como o cancro, a exigir que os sãos enférmem . . .

Teço a infamia ; urdo o crime ; engendro o lodo  
E nas mudanças do Universo todo  
Deixo inscripta a memoria do meu germen !

## VICTIMĀ DO DUÁLISMO

Sêr miseravel dentre os miseraveis  
— Carrego em minhas cellulas sombrias  
Antagonismos irreconciliaveis  
E as mais oppostas idiosyncrasias !

Muito mais cêdo do que o imaginaveis  
Eis-vos, minha alma, enfim, dada ás bravias  
Cóleras dos dualismos implacaveis  
E á gula negra das antinomias !

Psychê bifórme, o Céu e o Inferno absorvo . . .  
Creação a um tempo escura e côr de rosa,  
Feita dos mais variaveis elementos,

Ceva-se em minha carne, como um côrvo,  
A simultaneidade ultra-monstruosa  
De todos os contrastes famulentos !

## AO LUAR

Quando, á noite, o Infinito se levanta  
A' luz do luar, pelos caminhos quêdos  
Minha tactil intensidade é tanta  
Que eu sinto a alma do Cosmos nos meus dedos!

Quebro a custodia dos sentidos tredos  
E a minha mão, dona, porfim, de quanta  
Grandeza o Orbe estrangula em seus segredos,  
Todas as coisas intimas supplanta!

Penetro, agarro, ausculto, apprehendo, invado,  
Nos paroxysmos da hyperesthesia,  
O Infinitesimo e o Indeterminado . . .

Transponho ousadamente o átomo rude  
E, transmudado em rutilancia fria,  
Encho o Espaço com a minha plenitude!

## A UM EPILEPTICO

Perguntarás quem sou?! — ao suor que te unta,  
A' dôr que os queixos te arrebenta, aos trismos  
Da epilepsia horrenda, e nos abysmos  
Ninguem responderá tua pergunta!

Reclamada por negros magnetismos  
Tua cabeça ha de cahir, defuncta  
Na aterradora operação conjuncta  
Da tarefa animal dos organismos!

Mas após o anthropophago alambique  
Em que é mister todo o teu corpo fique  
Reduzido a excreções de sanie e lodo,

Como a luz que arde, virgem, num monturo,  
Tu has de entrar completamente puro  
Para a circulação do Grande Todo!

## CANTO DE OMNIPOTENCIA

Clotho, Stropos, Typhon, Lachésis, Siva . .  
E acima delles, como um astro, a arder  
Na hyper-culminação definitiva  
O meu supremo e extraordinario Sêr !

Em minha sobrehumana retentiva  
Brilhavam, como a luz do amanhecer,  
A perfeição virtual tornada viva  
E o embryão do que podia acontecer !

Por anticipação divinatoria,  
Eu, projectado muito além da Historia,  
Sentia dos phenomenos o fim . . .

A coisa em si movia-se aos meus brados  
E os acontecimentos subjugados  
Olhavam como escravos para mim !

## MINHA ARVORE

Olha: E' um triangulo esteril de invia estrada!  
Como que a herva tem dôr . . . Roem-na amarguras  
Talvez humanas, e entre rochas duras  
Mostra ao Cosmos a face degradada!

Entre os pedrouços maus dessa morada  
E' que, ás apalpadelas e ás escuras,  
Hão de encontrar as gerações futuras  
Só, minha arvore humana desfolhada!

Mulher nenhuma affagará meu tronco!  
Eu não me abalarei, nem mesmo ao ronco  
Do furacão que, rábido, remoinha . . .

Fôlhas e fructos, sobre a terra ardente  
Hão de encher outras arvores! Sómente  
Minha desgraça ha de ficar sosinha!

## ANCEIO

Que sou eu, neste ergastulo das vidas  
Damnadamente, a soluçar de dôr?!  
— Trinta trilliões de cellulas vencidas,  
Nutrindo uma epheméride inferior.

Branda, entanto, a affagar tantas feridas,  
A aurea mão thaumaturgica do Amor  
Traça, nas minhas fórmas carcomidas,  
A estructura de um mundo superior!

Alta noite, esse mundo incoherente  
Essa elementarissima semente  
Do que hei de ser, tenta transpôr o Ideal . . .

Grita em meu grito, alarga-se em meu hausto,  
E, ai! como eu sinto no esqueleto exhausto  
Não poder dar-lhe vida material!

## A' MESA

Cêdo á soffreguidão do estomago. E' a hora  
De comer. Coisa hedionda! Corro. E agora,  
Antegozando a ensanguentada presa,  
Rodeado pelas moscas repugnantes,  
Para comer meus proprios semelhantes  
Eis-me sentado á mesa!

Como porções de carne morta . . . Ai! Como  
Os que, como eu, têm carne; com este assomo  
Que a especie humana em comer carne tem! . . .  
Como! E pois que a Razão me não reprime,  
Possa a Terra vingar-se do meu crime  
Comendo-me tambem.

## MÃOS

Ha mãos que fazem medo  
Feias aggregações pentagonaes,  
Umas, em sangue, a delinquentes natos,  
Assinalados pelo mancinismo,  
Pertencentes talvez . . .  
Outras, negras, a farpas de rochedo  
Completamente iguaes . . .  
Mãos de linhas analogas a anfractos  
Que a Natureza omnicreadora fez  
Em contraposição e antagonismo  
A's da estrella, ás da neve, ás dos crystaes.

Mãos que adquiriram olhos, pituitarias  
Olfactivas, tentaculos subtis  
E á noite, vão cheirar, quebrando portas  
O azul gasophilaceo silencioso  
Dos thálamos christãos.

Mãos adúlteras, mãos mais sanguinárias  
E estupradoras do que os bisturís  
Cortando a carne em flôr das creanças mortas.

Monstruosíssimas mãos,  
Que apalpam e olham com lascívia e gozo  
A pureza dos corpos infantís.

## REVELAÇÃO

### I

Escaphandrista de insondado oceano  
Sou eu que, alliando Budha ao sybarita,  
Penetro a essencia plásmica infinita,  
— Mãe promiscua do amor e do odio insano!

Sou eu que, hirto, auscultado o absconso arcano,  
Por um poder de acustica exquisita,  
Ouço o universo ancioso que se agita  
Dentro de cada pensamento humano!

No abstracto abysmo equoreo, em que me inundo,  
Sou eu que, revolvendo o *ego* profundo  
E a escuridão dos cerebros medonhos,

Restituo triumphalmente á esphera calma  
Todos os cosmos que circulam na alma  
Sob a fôrma embryologica de sonhos!

**II**

Treva e fulguração; sanie e perfume;  
Massa palpavel e ether;-desconforto  
E ataraxia; feto vivo e aborto . . .  
— Tudo a unidade do meu ser resume!

Sou eu que, ateando da alma o occiduo lume,  
Apprehendo, em scisma abysmadora absorto,  
A potencialidade do que é morto  
E a efficacia prolifica do estrume!

Ah! Sou eu que, transpondo a escarpa angusta  
Dos limites orgânicos estreitos,  
Dentro nos quaes recalco em vão minha ancia,

Sinto bater na putrescivel crusta  
Do tegumento que me cobre os peitos  
Toda a immortalidade da Substancia!

## VERSOS A UM COVEIRO

Numerar sepulturas e carneiros  
Reduzir carnes podres a algarismos,  
Tal é, sem complicados syllogismos,  
A arithmetica hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco . . . Esoterismos  
Da Morte! E eu vejo, em fulgidos lettreiros,  
Na progressão dos numeros inteiros  
A genese de todos os abysmos!

Oh! Pythagoras da ultima arithmetica,  
Continúa a contar na paz ascética  
Dos tábidos carneiros sepulchraes

Tibias, cerebros, craneos, radios e húmeros,  
Porque, infinita como os proprios numeros,  
A tua conta não acaba mais!

## TREVAS

Haverá, por hypothese, nas gehennas  
Luz bastante fulminea que transforme  
Dentro da noite cavernosa e enorme  
Minhas trevas animicas serenas?!

Raio horrendo haverá que as rasgue apenas?!  
Não! Porque, na abysmal substancia informe,  
Para convulsionar a alma que dorme  
Todas as tempestades são pequenas!

Ha de a Terra vibrar na ardencia infinda  
Do ether em branca luz transsubstanciado,  
Rôtos os nimbos maus que a obstruem a esmo . . .

A propria Esphinge ha de falar-vos ainda  
E eu, sómente eu, hei ficar trancado  
Na noite aterradora de mim mesmo!

## AS MONTANHAS

### I

Das nebulosas em que te emmaranhas  
Levanta-te, alma, e dize-me, afinal,  
Qual é, na natureza espiritual,  
A significação dessas montanhas!

Quem não vê nas graníticas entranhas  
A subjectividade ascensional  
Paralysada e estrangulada, mal  
Quiz erguer-se a cumíadas tamanhas?!

Ah! Nesse anhelado tragico de altura  
Não serão as montanhas, porventura,  
Estacionadas, ingremes, assim,

Por um abortamento de mechânica,  
A representação ainda inorgância  
De tudo aquillo que parou em mim?!

## II

Agora, oh! deslumbrada alma, perscruta  
O puerperio geologico interior,  
De onde rebenta, em contracções de dor,  
Toda a sublevação da crusta hirsuta!

No curso inquieto da terraquea lucta  
Quantos desejos férvidos de amor  
Não dormem, recalçados, sob o horror  
Dessas aggregações de pedra bruta?!

Como nesses relevos orographicos,  
Inaccessiveis aos humanos traficos  
Onde sóes, em semente, amam jazer,

Quem sabe, alma, se o que ainda não existe  
Não vive em germen no aggregado triste  
Da synthese sombria do meu Sér?!

## APOCALYPSE

Minha divinatoria Arte ultrapassa  
Os seculos ephemeros e nota  
Diminuição dynamica, derrota  
Na actual força, integerrima, da Massa.

E' a subversão universal que ameaça  
A Natureza, e, em noite aziaga e ignota,  
Destróe a ebulição que a agua alvorota  
E põe todos os astros na desgraça !

São despedaçamentos, derrubadas,  
Federações sidéricas quebradas . . .  
E eu só, o ultimo a ser, pelo orbe adeante,

Espião da cataclysmica surpresa,  
A unica luz tragicamente accesa  
Na universalidade agonizante !

## A NAU

A Heitor Lima

Soffrega, alçando o hirto esporão guerreiro,  
Zarpa. A ingreme cordoalha húmida fica . . .  
Lambe-lhe a quilha a espumea onda impudica  
E ebrios tritões, habando, haurem-lhe o cheiro !

Na glauca arteria equorea ou no estaleiro  
Ergue a alta mastreação, que o Ether indica,  
E estende os braços de madeira rica  
Para as populações do mundo inteiro !

Aguarda-a ampla reentrancia de angra horrenda,  
Para e, a amarra agarrada á ancora, sonha !  
Maguas, se as tem subjogue-as ou disfarce-as . . .

E não haver uma alma que lhe entenda  
A angustia transoceanica medonha  
No rangido de todas as enxarcias !

## VOLUPIA IMMORTAL

Cuidas que o genesiaco prazer,  
Fome do átomo e eurhythmico transporte  
De todas as moléculas, abórté  
Na hora em que a nossa carne apodrecer?!

Não! Essa luz radial, em que arde o Sêr,  
Para a perpetuação da Especie forte,  
Tragicamente, ainda depois da morte,  
Dentro dos ossos, continúa a arder!

Surdos destarte a apostrophes e brados,  
Os nossos esqueletos descarnados,  
Em convulsivas contorsões sensuaes,

Haurindo o gaz sulphydrico das covas,  
Com essa voluptia das ossadas novas  
Hão de ainda se apertar cada vez mais!

## O FIM DAS COISAS

Pode o homem bruto, adstricto á sciencia grave,  
Arrancar, num triumpho suprehendente,  
Das profundezas do Sub-consciente  
O milagre estupendo da aeronave!

Rasgue os broncos basaltos negros, cave,  
Soffrego, o solo saxeo; e, na ancia ardente  
De perscrutar o intimo do orbe, invente  
A lampada aphlogistica de Davy!

Em vão! Contra o poder creador do Sonho  
O Fim das Coisas mostra-se medonho  
Como o desaguadouro atro de um rio . . .

E quando, ao cabo do ultimo millenio,  
A humanidade vai pesar seu genio  
Encontra o mundo, que ella encheu, vasio!

## VIAGEM DE UM VENCIDO

Noite. Cruzes na estrada. Aves com frio . . .  
E, enquanto eu tropeçava sobre os paus,  
A effigie apocalyptica dos Chãos  
Dançava no meu cerebro sombrio !

O Céu estava horrivelmente preto  
E as arvores magrissimas lembravam  
Pontos de admiração que se admiravam  
De ver passar alli meu esqueleto !

Sósinho, uivando *hoffmannicos* dizeres  
Aprazia-me assim, na escuridão,  
Mergulhar minha exotica visão  
Na intimidade noumenal dos seres.

Eu procurava, com uma vela accesa,  
O fecto original, de onde decorrem  
Todas essas moléculas que morrem  
Nas transubstanciações da Natureza.

Mas o que meus sentidos apprehendiam  
Dentro da treva lugubre, era só  
O occaso systematico de pó,  
Em que as fórmas humanas se sumiam !

Reboava, num ruidoso borborinho  
Bruto, analogo ao pean de marcos brados,  
A rebeldia dos meus pés damnados  
Nas pedras resignadas do caminho.

Sentia estar pisando com a planta ávida  
Um povo de radículas e embryões  
Prestes a rebentar, como vulcões,  
Do ventre equatorial da terra grávida !

Dentro de mim, como num chão profundo,  
Choravam, com soluços quasi humanos,  
Convulsionando Céus, almas e oceanos  
As fórmas microscopicas do mundo !

Era a larva agarrada a absconsas landes,  
Era o objecto vibrião rudimentar  
Na impotencia angustiosa de falar,  
No desespero de não serem grandes !

Vinha-me á bocca, assim, na ancia dos párias,  
Como o protesto de uma raça invicta,  
O brado emocionante de vindicta  
Das sensibilidades solitarias !

A longanimidade e o vilipendio  
A abstinencia e a luxuria, o bem e o mal  
Ardiam no meu ôrco cerebral,  
Numa crepitação propria de incendio !

Em contraposição á paz funerea,  
Doía profundamente no meu craneo  
Esse funcionamento simultaneo  
De todos os conflictos da materia !

Eu, perdido no Cosmos, me tornara  
A assenbléa belligera malsã,  
Onde Ormuzd guerreava com Ahriman,  
Na discordia perpetua do *sansára* !

Já me fazia medo aquella viagem  
A carregar pelas ladeiras tétricas,  
Na ossea armação das vértebras symetricas  
A angustia da biológica engrenagem !

No Céu, de onde se vê o Homem de rastros,  
Brilhava, vingadora, a esclarecer  
As manchas subjectivas do meu sêr  
A espionagem fatidica dos astros !

Sentinellas de espiritos e estradas,  
Noite alta, com a siderica lanterna,  
Elles entravam todos na caverna  
Das consciencias humanas mais fechadas !

Ao castigo daquela rutilancia,  
Maior que o olhar que perseguiu Caim,  
Cumpria-se afinal dentro de mim  
O proprio soffrimento da Substancia !

Como quem traz ao dorso muitas cargas  
Eu soffria, ao colher simples gardénia,  
A multiplicidade heterogenea  
De sensações diversamente amargas.

Mas das arvores, frias como lousas,  
Fluia, horrenda e monótona, uma voz  
Tão grande, tão profunda, tão feroz  
Que parecia vir da alma das cousas :

«Se todos os phenomenos complexos,  
Desde a consciencia á antithese dos sexos  
Vêm de um dynamo fluidico de gaz,  
Se hoje, obscuro, amanhã pincaros galgas,  
A humildade botanica das algas  
De que grandeza não será capaz?!

Quem sabe, enquanto Deus, Jehovah ou Siva  
Occulta á tua força cognitiva  
Phenomenalidades que hão de vir,  
Se a contracção que hoje produz o choro  
Não ha de ser no seculo vindouro  
Um simples movimento para rir?!

Que especies outras, do Equador aos pólos,  
Na prisão millenaria dos solos,  
Rasgando avidamente o humus malsão,  
Não trabalham, com a febre mais bravia,  
Para erguer, na ancia cósmica, a Energia!  
A' ultima etápa da objectivação?!

E' inutil, pois, que, a espiar enigmas, entres  
Na chimica genésica dos ventres,  
Porque em todas as cousas, afinal,  
Craneo, ovario, montanha, arvore, *iceberg*,  
Tragicamente, deante do Homem, se ergue  
A esphinge do Mysterio Universal !

A propria força em que teu Ser se expande,  
Para esconder-se nessa esphinge grande,  
Deu-te (oh ! mysterio que se não traduz !)  
Neste astro ruim de tenebras e abrolhos  
A ephemeride orgânica dos olhos  
E o simulacro atordoador da Luz !

Por isto, oh ! filho dos terraqueos limos,  
Nós, arvoredos desterrados, rimos  
Das vãs diatribes com que aturdes o ar . . .  
Rimos, isto é, choramos, porque, em summa,  
Rir da desgraça que de ti reçuma  
E' quasi a mesma cousa que chorar ! »

A's vibrações daquelle horrivel carne  
Meu dispendio nervoso era tamanho  
Que eu sentia no corpo um vacuo estranho  
Como uma bocca soffrega a esvasiar-me !

Na avançada epileptica dos medos  
Cria ouvir, a escalar Céus e apogeus,  
A voz cavernosissima de Deus  
Reproduzida pelos arvoredos!

Agora, astro decrepito, em destroços,  
Eu, desgraçadamente magro, a erguer-me,  
Tinha necessidade de esconder-me  
Longe da especie humana, com os meus ossos!

Restava apenas na minha alma bruta  
Onde fructificára outr'ora o Amôr  
Uma volicional fome interior  
De renuncia budhistica absoluta!

Porque, naquella noite de ancia e inferno,  
Eu fôra, alheio ao mundanario ruido,  
A maior expressão do homem vencido  
Deante da sombra do Mysterio Eterno!

## A NOITE

A nebulosidade ameaçadora  
Tolda o ether, mancha a gleba, aggride os rios  
E urde amplas teias de carvões sombrios  
No ar que alacre e radiante, ha instantes, fôra,

A agua transubstancia-se. A onda estoura  
Na negridão do oceano e entre os navios  
Trôa barbara zoadá de ais bravios,  
Extraordinariamente atordoadora.

A' custodia do animico registro  
A planetaria escuridão se annexa...  
Sómente, iguaes a espíões que acordam cedo,

Ficam brilhando com fulgor sinistro  
Dentro da treva omnimoda e complexa  
Os olhos fundos dos que estão com medo!

## A OBSESSÃO DO SANGUE

Acordou, vendo sangue... Horrível! O osso  
Frontal em fogo... Ia talvez morrer,  
Disse. Olhou-se no espelho. Era tão moço,  
Ah! certamente não podia ser!

Levantou-se. E, eis que viu, antes do almoço,  
Na mão dos açougueiros, a escorrer  
Fita rubra de sangue muito grosso,  
A carne que elle havia de comer!

No inferno da visão allucinada,  
Viu montanhas de sangue enchendo a estrada,  
Viu visceras vermelhas pelo chão...

E amou, com um berro barbaro de gôzo  
O monochromatismo monstruoso  
Daquella universal vermelhidão!

## VOX VICTIMÆ

Morto! Consciencia quieta haja o assassino  
Que me acabou, dando-me ao corpo vão  
Esta volupia de ficar no chão  
Fruindo na tabidez sabor divino!

Espiando o meu cadaver resupino,  
No mar da humana proliferação,  
Outras cabeças apparecerão  
Para compartilhar do meu destino!

Na festa genethliaca do Nada,  
Abraço-me com a terra atormentada  
Em contubernio convulsinador...

E ai! como é bôa esta volupia obscura  
Que une os ossos cançados da creatura  
Ao corpo ubiquitario do Creador!

## O ULTIMO NUMERO

Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,  
A Idéa estertorava-se... No fundo  
Do meu entendimento moribundo  
Jazia o Ultimo Numero cansado.

Era de vel-o, immovel, resignado,  
Tragicamente de si mesmo oriundo,  
Fóra da successão, extranho ao mundo,  
Com o reflexo funebre do Increado:

Bradei: — Que fazes ainda no meu craneo?  
E o Ultimo Numero, atro e subterraneo,  
Parecia dizer-me: «E' tarde, amigo!

Pois que a minha antogenica Grandeza  
Nunca vibrou em tua lingua presa,  
Não te abandono mais! Morro contigo!»

# INDICE

## EU

	PAGS.
Monologo de uma sombra . . . . .	7
Agonia de um philosopho . . . . .	16
O morcêgo . . . . .	17
Psychologia de um vencido . . . . .	18
A Idéa . . . . .	19
O Lázaro da patria . . . . .	20
Idealização da humanidade futura . . . . .	21
Soneto . . . . .	22
Versos a um cão . . . . .	23
O Deus-verme . . . . .	24
Debaixo do tamarindo . . . . .	25
As scismas do destino . . . . .	26
Budhismo moderno . . . . .	50
Sonho de um monista . . . . .	51
Solitario . . . . .	52
Mater Originalis . . . . .	53
O Lupanar . . . . .	54
Idealismo . . . . .	55
Ultimo crédo . . . . .	56
O Caixão phantastico . . . . .	57
Soliloquio de um visionario . . . . .	58
A um carneiro morto . . . . .	59
Vozes da morte . . . . .	60
Insania de um simples . . . . .	61
Os doentes . . . . .	62

I I

Asa de corvo . . . . .	90
Uma noite no Cairo . . . . .	91
O martyrio do artista . . . . .	93
Duas estrophes . . . . .	94
O mar, a escada e o homem . . . . .	95
Decadencia . . . . .	96
Ricordanza della mia gioventú . . . . .	97
A um mascarado . . . . .	98
Vozes de um tumulto . . . . .	99
Contrastes . . . . .	100
Gemidos de arte . . . . .	101
Versos de amor . . . . .	112
Sonetos . . . . .	115
Depois da orgia . . . . .	118
A arvore da serra . . . . .	119
Vencido . . . . .	120
O corrupção . . . . .	121
Noite de um visionario . . . . .	122
Allucinação á beira-mar . . . . .	127
Vandalismo . . . . .	128
Versos intimos . . . . .	129
Vencedor . . . . .	130
A ilha de Cypango . . . . .	131
Mater . . . . .	135
Poema negro . . . . .	137
Eterna magua . . . . .	143
Queixas nocturnas . . . . .	144
Insomnia . . . . .	148
Barcarola . . . . .	152
Tristeza de um quarto-minguante . . . . .	156
Mysterios de um phosporo . . . . .	162

**OUTRAS POESIAS**

O Lamento das cousas . . . . .	169
--------------------------------	-----

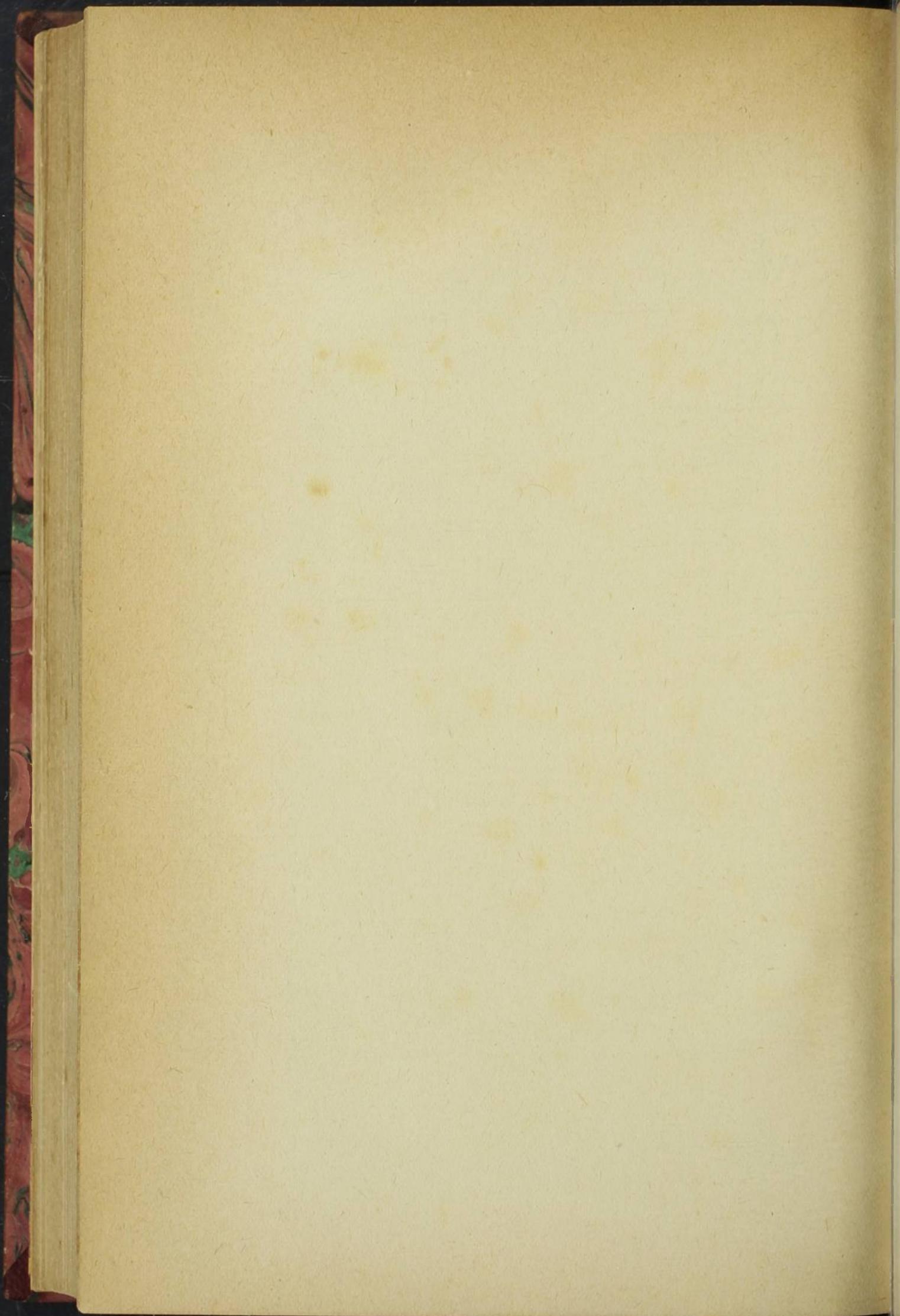
III

O meu nirvana . . . . .	170
Caput immortale . . . . .	171
Apostrophe á carne . . . . .	172
Louvor á unidade . . . . .	173
O pantano . . . . .	174
Supreme convulsion . . . . .	175
A um germen . . . . .	176
Natureza intima . . . . .	177
A floresta . . . . .	178
A meretriz . . . . .	179
Guerra . . . . .	186
O sarcophago . . . . .	187
Hymno á dor . . . . .	188
Ultima visio . . . . .	189
Aos meus filhos . . . . .	190
A dança da psychê . . . . .	191
O poeta do hediondo . . . . .	192
A fome e o amor . . . . .	193
Homo infimus . . . . .	194
Minha finalidade . . . . .	195
Numa forja . . . . .	196
Noli me tangere . . . . .	200
O canto dos presos . . . . .	201
Aberração . . . . .	202
Victima do dualismo . . . . .	203
Ao luar . . . . .	204
A um epileptico . . . . .	205
Canto de omnipotencia . . . . .	206
Minha arvore . . . . .	207
Anceio . . . . .	208
A' mesa . . . . .	209
Mãos . . . . .	210
Revelação . . . . .	212

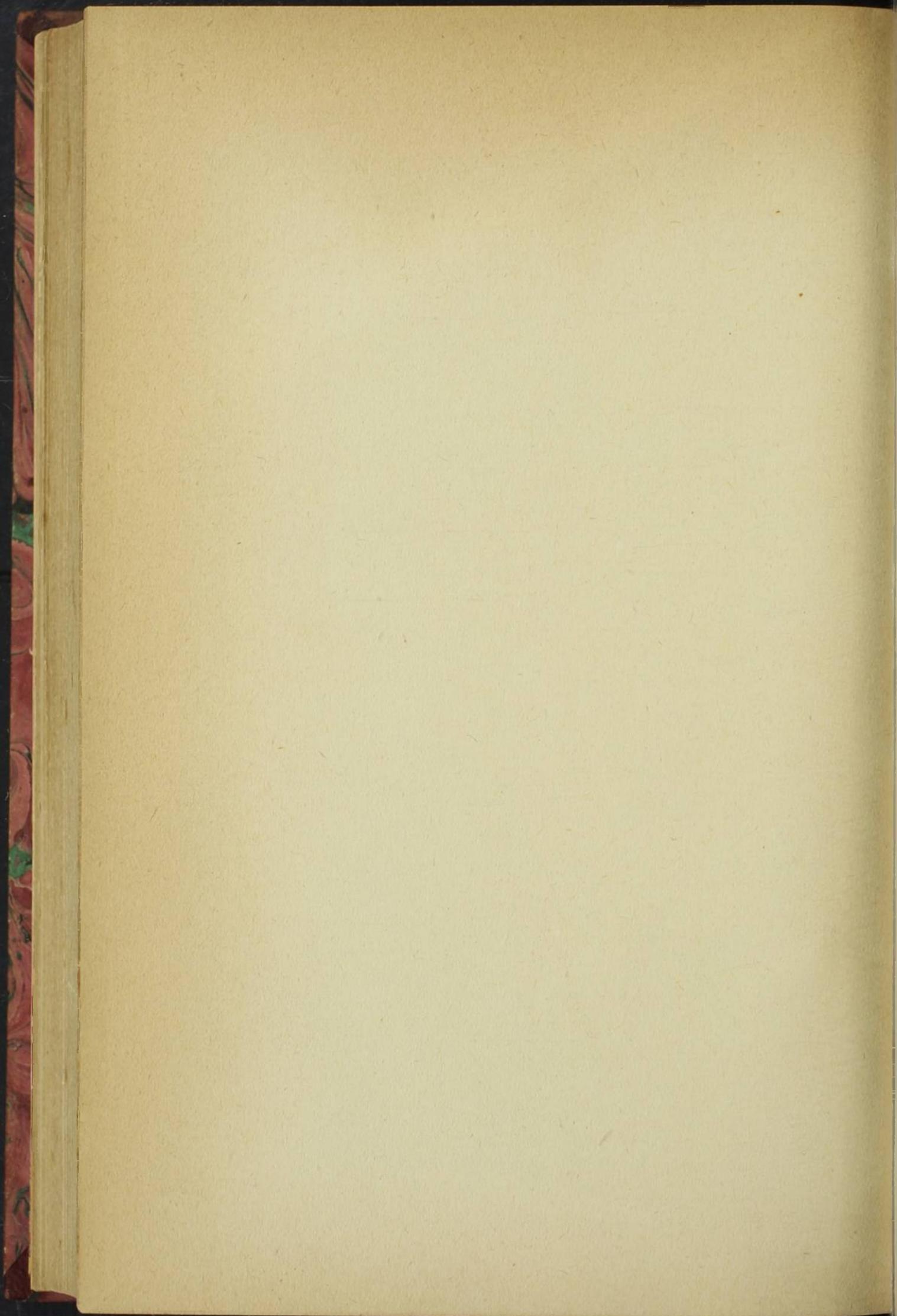
I V

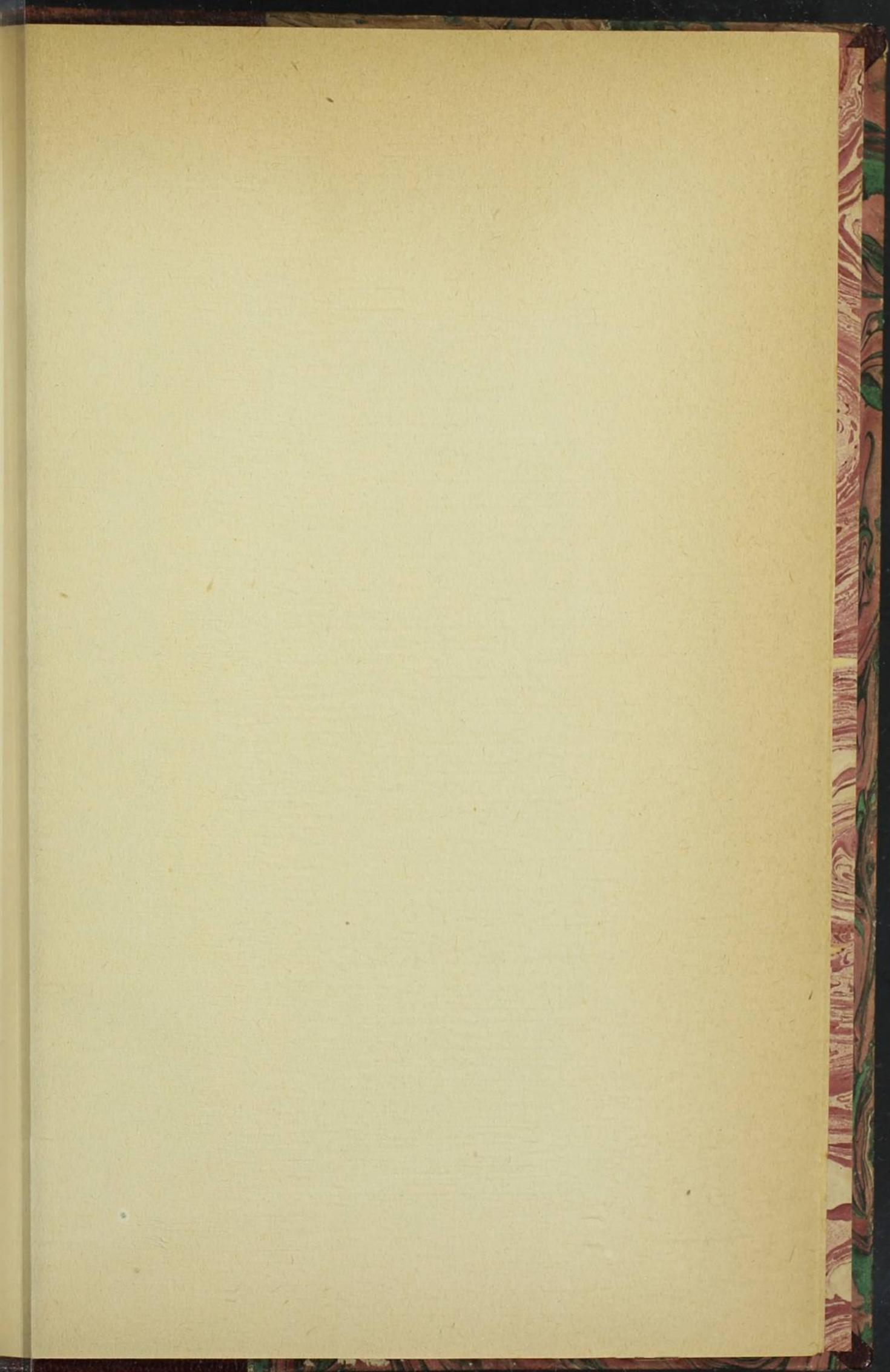
Versos a um coveiro . . . . .	214
Trevas . . . . .	215
As montanhas . . . . .	216
Apocalypse . . . . .	218
A nau . . . . .	219
Volupia immortal . . . . .	220
O fim das cousas . . . . .	221
Viagem de um vencido . . . . .	222
A noite . . . . .	229
Obsessão de sangue . . . . .	230
Vox victimæ . . . . .	231
O ultimo numero . . . . .	232











19982



